

PATRÍCIA GUGLIOTTA JACOBUCCI

*ESTUDO PSICOSSOCIAL DE MULHERES VÍTIMAS
DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, QUE MANTÊM O
VÍNCULO CONJUGAL APÓS TEREM SOFRIDO AS
AGRESSÕES*

CAMPINAS

2004

PATRÍCIA GUGLIOTTA JACOBUCCI

***ESTUDO PSICOSSOCIAL DE MULHERES VÍTIMAS
DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, QUE MANTÊM O
VÍNCULO CONJUGAL APÓS TEREM SOFRIDO AS
AGRESSÕES***

*Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação
da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre
em Ciências Médicas, área de Saúde Mental*

ORIENTADORA: Profa. Dra. Mara Aparecida Alves Cabral

CAMPINAS

2004

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

J156e Jacobucci, Patrícia Gugliotta
 Estudo psicossocial de mulheres vitimas de violência doméstica,
que mantêm o vínculo conjugal após terem sofrido as agressões. /
Patrícia Gugliotta Jacobucci. Campinas, SP : [s.n.], 2004.

 Orientador : Mara Aparecida Alves Canbral
 Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

 1. Agressão. 2. Saúde Pública. 3. Feminismo. I. Mara
Aparecida Alves Canbral. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Banca examinadora da Dissertação de Mestrado

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Mara Aparecida Alves Cabral

Membros:

- 1. Prof(a). Dr(a). Hélio de Oliveira Santos**
- 2. Prof(a). Dr(a). Sérgio Luis Saboya Arruda**
- 3. Prof(a). Dr(a). Mara Aparecida Alves Cabral**

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 16/02/2004

DEDICATÓRIA

*Ao meu marido e meus pais pela
paciência e compreensão durante o
preparo deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Mara Aparecida Alves Cabral pela oportunidade de cursar a Pós - Graduação na UNICAMP e zelo na qualidade deste trabalho.

Ao meu marido Eduardo Rossi Jacobucci que com sua sabedoria, respeito e tranqüilidade, soube me apoiar em cada etapa deste percurso, compreendendo minhas ausências , meu cansaço, minhas desesperanças e minhas angústias. E agora, comigo compartilhando as alegrias de mais uma etapa concretizada de minha vida.

Aos meus pais, um agradecimento especial pela oportunidade de terem me mostrado a importância dos estudos, me oferecendo bons colégios , participação em cursos e congressos. Concluindo que chegar nesta etapa de minha vida, implica em lhes dizer que compreendi o que vocês me ensinaram.

À todas as mulheres , vítimas de violência doméstica, que romperam com o silêncio e, em muito colaboraram neste trabalho. Que a vida delas seja iluminada pela luz da esperança.

Em memória de Maria Regina Celi Marialva, ex- delegada titular da Delegacia de Defesa da Mulher de Campinas, pelo apoio irrestrito para a execução deste trabalho, cedendo o espaço da Instituição para a realização da coleta de dados . Que de onde ela estiver, possa ver o resultado deste trabalho.

À delegada adjunta Lícia Couto Lustosa de Alencar, pelo incentivo para a realização deste trabalho.

À todas as investigadoras e escritãs, pelo respeito. E ,em especial à Gabriela, Ana, Leila e Ivonilda que com amizade me acolheram e me incentivaram nas dificuldades para a realização deste trabalho.

À Mônica Aparecida Cintra Garcia de Almeida , funcionária do Departamento de Psiquiatria, pela amizade, incentivo, apoio, e colaboração no fornecimento de informações.

Ao Prof. Régis de Moraes, que durante uma fase difícil da confecção deste trabalho, nos fizemos a conhecer e que com sua sensibilidade humana, soube me acolher e colaborar com preciosas palavras que em muito contribuíram para que pudesse reconhecer meus valores e qualidades, não me deixando levar pelo desânimo, mostrando-me a importância de ser perseverante.

À Diretoria e funcionários do Apoio Didático, Científico e Computacional da FCM/ Unicamp, pela competência, colaboração na revisão e editoração final deste trabalho.

SEM AÇÚCAR

(Chico Buarque de Holanda)

Todo dia ele faz diferente

Não sei se ele volta da rua

Não sei se me traz um presente

Não sei se ele fica na sua

Talvez ele chegue sentindo

Quem sabe me cobre de beijos

Ou nem me desmancha o vestido

Ou nem me advinha os desejos

Dia ímpar tem chocolate

Dia par eu vivo de brisa

Dia útil ele me bate

Dia santo ele me alisa

Longe dele eu tremo de amor

Na presença dele eu me calo

Eu de dia sou sua flor

Eu de noite sou seu cavalo

A cerveja dele é sagrada

A vontade dele é mais justa

A minha paixão é piada.

| | <i>Pág</i> |
|--|---------------|
| RESUMO | <i>xxix</i> |
| ABSTRACT | <i>xxxiii</i> |
| JUSTIFICATIVA | 37 |
| 1 - INTRODUÇÃO | 45 |
| 1.1 - O Feminismo como determinante histórico..... | 47 |
| 1.2 - O Movimento Feminista no Brasil..... | 51 |
| 1.3 - Relações de Gênero e suas Repercussões em diversas culturas..... | 54 |
| 1.4 - Significados da Violência Doméstica..... | 62 |
| 1.5 - Tratamentos..... | 74 |
| 1.6 - Prevenção..... | 81 |
| 2 - OBJETIVOS | 85 |
| 3 - HIPÓTESES | 89 |
| 4 - MÉTODO | 93 |
| 5 - PROCEDIMENTOS | 97 |
| 5.1 - Local..... | 99 |
| 5.2 - Instrumentos..... | 100 |

| | |
|--|------------|
| 5.3 - Análise dos Dados..... | 101 |
| 5.4 - Análise Qualitativa..... | 101 |
| 5.5 - Análise Quantitativa..... | 102 |
| 6 - RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS CASOS..... | 103 |
| 7 - CONCLUSÕES..... | 163 |
| 8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 167 |
| 9 - ANEXOS..... | 179 |

LISTA DE TABELAS

| | <i>Pág</i> |
|--|------------|
| Tabela I - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo os motivos que fizeram com que permanecessem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 107 |
| Tabela II - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a ocupação atual e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 113 |
| Tabela III - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a renda pessoal e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 115 |
| Tabela IV - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o número de cômodos existentes na casa em que residem e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 120 |
| Tabela V - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o número de pessoas que com elas residem na casa e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 121 |
| Tabela VI - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o número de filhos e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 121 |
| Tabela VII - Distribuição das 44 mulheres, participantes deste trabalho, segundo o tempo de namoro, considerando o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 122 |

| | |
|---|-----|
| Tabela VIII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o tempo de submissão às agressões que vêm sofrendo e o fato de permanecerem (grupo A) ou não(grupo B) no vínculo conjugal.... | 126 |
| Tabela IX - Distribuição das 44 mulheres participantes deste estudo segundo o local do corpo que mais sofreu agressão e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 137 |
| Tabela X - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho de acordo com a pessoa/ órgão a quem essas mulheres solicitam ajuda e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 139 |
| Tabela XI - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o grau de depressão e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (GRUPO B) no vínculo conjugal..... | 145 |
| Tabela XII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo as escalas de traços de personalidade e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 148 |
| Tabela XIII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o sentimento que elas possuem em relação ao cônjuge após terem sofrido agressões e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 153 |
| Tabela XIV - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o sentimento que elas possuem em relação às agressões sofridas e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 158 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | <i>Pág</i> |
|--|------------|
| Gráfico I - Distribuição das 44 mulheres, participantes deste trabalho, segundo o tipo de violência sofrida e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 105 |
| Gráfico II - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo a permanência e / ou rompimento do vínculo conjugal após a violência doméstica..... | 107 |
| Gráfico III - Distribuição das 44 mulheres, participantes deste estudo, segundo a faixa etária e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 111 |
| Gráfico IV - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o grau de escolaridade e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 112 |
| Gráfico V - Distribuição das 44 mulheres deste trabalho, tendo em vista sua ocupação ser ou não com rendimento, e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 114 |
| Gráfico VI - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a religião praticada pelas mulheres e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 116 |
| Gráfico VII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo as condições de moradia que o casal possui e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 118 |

| | | |
|-----------------------|--|-----|
| Gráfico VIII - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a ocorrência de experiência pré-matrimonial, considerando o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 123 |
| Gráfico IX - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o número de vezes em que já sofreram violência e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 125 |
| Gráfico X - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a frequência das agressões e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 126 |
| Gráfico XI - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o número de vezes em que fizeram queixa das agressões sofridas e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 127 |
| Gráfico XII - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o fato de relatarem ter reagido às agressões e o fato de permanecerem (grupo A) ou não(grupo B) no vínculo conjugal..... | 130 |
| Gráfico XIII - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho , segundo o fato de terem relatado como é a relação conjugal quando não há agressões e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 132 |
| Gráfico XIV - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a presença de algum agravo para a ocorrência das agressões e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 134 |

| | | |
|------------------------|--|-----|
| Gráfico XV - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o horário em que as agressões ocorrem e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 135 |
| Gráfico XVI - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o dia em que as agressões costumam ocorrer e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 136 |
| Gráfico XVII - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o fato de pedirem ajuda ou não e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 139 |
| Gráfico XVIII - | Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o fato de terem dado continuidade ao boletim de ocorrência e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal..... | 141 |



RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar os fatores psicossociais das histórias de vida de mulheres, vítimas de violência doméstica, que se mantêm na relação conjugal após a notificação dos atos violentos sofridos.

O ponto de partida foi desenvolver um estudo quali - quantitativo, observando dois grupos : o de estudo e o comparativo, sendo que o primeiro é composto de mulheres que, mesmo tendo sofrido violência conjugal, e feito notificação na Delegacia da Mulher de Campinas, permanecem na relação conjugal. Já as mulheres do grupo comparativo são aquelas que, após sofrerem violência conjugal e notificarem judicialmente esses atos, romperam a relação com o agressor.

Para tal estudo, utilizaram-se os seguintes instrumentos : a) uma anamnese-questionário, composta por questões abertas e fechadas, cujo roteiro se encontra em anexo; b) aplicação do Minnesota Multiphasic Personality (MMPI) abreviado, composto por 366 questões que avaliam as características de personalidade; c) a aplicação do Beck Depression Inventory, composto por 21 questões, em que as participantes devem assinalar a alternativa que mais condiz com seu estado de humor nos últimos dias.

O cálculo do tamanho amostral teve a colaboração do Serviço de Estatística da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Para a análise estatística dos dados coletados nas entrevistas, utilizaram-se cálculos de médias, porcentagens e testes de significâncias, enquanto a análise qualitativa teve como referencial a análise sugerido por Contandriopoulos (1999), na qual os dados foram agrupados em palavras-chave ou temas afins, a partir do conteúdo principal das respostas obtidas.

Por meio dessa pesquisa, pudemos verificar que a violência doméstica é um fenômeno universal que não costuma obedecer a nenhum nível social, cultural, econômico ou de escolaridade, acontecendo sob diversas formas - física, psicológica e sexual - e desencadeando inúmeras conseqüências à saúde física e mental da mulher agredida.

Dentre as conseqüências mais significativas, encontradas neste trabalho, constatou-se a depressão, dado este obtido pela aplicação do Inventário de Beck, sugerindo que as mulheres que permanecem no vínculo conjugal são mais propensas à depressão do que as

mulheres que rompem com o vínculo conjugal; e a presença de alguns traços de personalidade como : traços esquizóides e traços de introversão/ extroversão, obtidos pelo Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI).

Os dados obtidos nesse trabalho mostram-nos a importância de se ampliarem estudos nesta área, já que a violência doméstica constitui um problema de elevadas proporções em nosso meio.



ABSTRACT

This study was undertaken with a view to identifying the psychosocial factors in the life history of women, victims of domestic violence, who stay in this abusive conjugal relationship even after official notification of the violence suffered.

A quali-quantitative study was developed based on two groups: a study group and a comparative group. The study group was composed of women who had suffered conjugal violence, notified the women's police department in Campinas, but continued in this conjugal relationship. The comparative group, on the other hand, had suffered conjugal violence, officially notified these acts of violence and separated from the aggressor.

The instruments utilized in this study were: a) an anamnesis - questionnaire composed of open and closed questions as in annex ; b) an abbreviated version of the Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI) consisting of 366 questions, which assessed personality characteristics; c) the Beck Depression Inventory - an instrument for self-assessment consisting of 21 questions related to the individual's disposition prior to the assessment.

The size of the study sample was calculated by the Statistics Service, Faculty of Medical Sciences, UNICAMP. Statistical analysis of the data collected during the interviews was conducted utilizing mean, percentage and significance test values, whereas the qualitative analysis utilized, as a reference, the analysis suggested by Contandriopoulos (1999).

This research study demonstrated that domestic violence is a universal phenomenon that isn't usually related to the social, cultural, economic or educational level and occurs in various forms - physical, psychological and sexual. The consequences of this aggression regarding the victim's physical and mental health are numerous.

The Beck Inventory indicated that one of the most significant consequences verified by this study was depression. This fact suggests that there is a greater likelihood of women who continue in this conjugal relationship developing depression than women who break away from this relationship. The schizophrenic and introversion/ extroversion clinical scales of the Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI) also revealed some personality traces.

The data obtained by this study clearly indicates that domestic violence is a serious problem that warrants further investigation.



JUSTIFICATIVA

O interesse inicial para a execução dessa pesquisa partiu de algumas inquietações provenientes de um trabalho voluntário realizado na Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de Campinas, no período de 1997 a 1999.

De acordo com os casos atendidos, foi possível perceber o quanto o número de denúncias de violência conjugal estava num crescente, o que, por um lado, me fez acreditar que as mulheres estavam deixando de ter medo de denunciar as agressões sofridas. Mas, por outro, deparei com uma realidade bastante angustiante: o número de mulheres que retornavam à delegacia para retirar a queixa também era elevado.

Diante disso, um grande questionamento se fez presente : será que esta é uma realidade do município de Campinas ou é uma triste informação que faz parte dos históricos de violência doméstica ?

Sendo assim, senti a necessidade de dedicar-me ao tema e compreender os seus preâmbulos e suas complexidades. E o que tenho encontrado com o passar do tempo, é a presença de uma terrível personagem, que cada vez mais vem ocupando as principais manchetes dos jornais : a violência. Violência esta que não é só prioridade dos bandidos, das lutas entre povos. Infelizmente, ela está presente nos lares, entre pais e filhos, entre maridos e esposas.

Assim, a violência contra a mulher tornou-se um grave problema de saúde pública, que ainda persiste em pleno século XXI e que merece total atenção, porque, além de apresentar uma frequência elevada e de acarretar graves conseqüências psicofísicas, ela também compromete a economia do país, no que se refere a gastos com serviços de saúde e, principalmente, com o absenteísmo da mulher no seu trabalho.

Para se ter uma idéia desta terrível realidade, Almeida (1995) realizou um levantamento do quadro epidemiológico sobre a violência do gênero em diversos países, apontando que os agressores de mulheres são, geralmente, parentes ou pessoas conhecidas. Dentre 1432 casos de pacientes, vítimas de agressões físicas, atendidos por um médico forense em La Paz, Bolívia, em 1986, 964 eram mulheres. Desse contingente, cerca de 2/3 sofreram agressões por parte de seus maridos, 17 % por parte de outros familiares ou vizinhos e 1/5 foram agredidas por desconhecidos.

Em Santiago do Chile, uma pesquisa mostrou que 80% das mulheres são vítimas de violência em seus próprios lares (AWRAN, 1985 in Saffioti & Almeida, 1995).

Nos Estados Unidos, a violência doméstica ocorre em pelo menos 2/3 dos casais, sendo as mulheres as grandes vítimas. (ROY, 1982 in Saffioti & Almeida,1995).

Na França, 95 % das mulheres são vítimas de violência doméstica, sendo que em 51% dos casos os agressores são seus próprios maridos. (CARRILO, 1990 in Saffioti & Almeida,1995)

Saffioti & Almeida (1995) concluem, a partir desses dados, o quanto a violência é um fenômeno que ocorre sem levar em consideração a classe social, se o país é desenvolvido ou subdesenvolvido, se trata de uma cultura ocidental ou oriental.

Segundo Heise (1994), a violência presente nas relações de gênero é um sério problema de saúde para as mulheres em todo o mundo. Para se ter como exemplo, a violência doméstica e o estupro são considerados a sexta causa de anos de vida perdidos por morte ou incapacidade física em mulheres de 15 a 44 anos — mais que todos os tipos de câncer, acidentes de trânsito e guerras. Assim, o reflexo desse problema é nitidamente percebido no âmbito dos serviços de saúde, seja pelos custos que representam, seja pela complexidade do atendimento que demanda.

O tema em questão tem-se evidenciado bastante complexo. Vejamos, a seguir, alguns exemplos das repercussões psicossociais produzidas pela violência conjugal em diferentes países, como França, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e países da América Latina , segundo dados colhidos na Fundação Seade. (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), citados por Schritzmeyer (2001) :

No mundo

- Um em cada cinco dias de falta ao trabalho é decorrente de violência sofrida por mulheres em suas casas.
- A cada cinco anos , a mulher perde 1 ano de vida saudável se ela sofre violência doméstica.

- Em 1993, o Banco Mundial diagnosticou que as práticas do estupro e da violência doméstica são causas significantes de incapacidade e morte de mulheres em idade produtiva, tanto nos países desenvolvidos quanto naqueles em desenvolvimento.
- Dados do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), resultantes de pesquisas realizadas em Santiago (Chile) e em Manágua (Nicarágua), em 1997, concluíram que a mulher agredida física, psicológica ou sexualmente por seu companheiro recebe, em geral, salário inferior ao de uma trabalhadora que não é vítima de violência doméstica.

Na América Latina

- A violência doméstica incide sobre 25% a 50% das mulheres .
- Os custos com a violência doméstica são da ordem de 14,2% do PIB (Produto Internacional Bruto), o que significa US\$ 168 bilhões.

No Brasil

- A cada quatro minutos, uma mulher é agredida em seu próprio lar por uma pessoa com quem mantém relação de afeto.
- As estatísticas disponíveis e os registros nas delegacias especializadas de crimes contra a mulher demonstram que 70% dos incidentes acontecem dentro de casa e que o agressor é o próprio marido ou companheiro.
- Mais de 40% dos casos de violência resultam de lesões corporais graves decorrentes de socos, tapas, chutes, armamentos, queimaduras, espancamentos e estrangulamentos.

Estados Unidos

Calcula-se que os empregadores pagam 4 bilhões de dólares em licenças e atendimentos médicos a mulheres que são vítimas de violência doméstica.

Canadá

- Foi feito o cálculo dos custos dos absenteísmos de trabalhadoras somados à utilização que elas fazem uso de serviços de saúde e medicamentos (em relação ao PIB), constatando que as mulheres, vítimas de violência conjugal, representam gastos da ordem de 1,6 bilhões de dólares por ano para os serviços de saúde e para os empregadores.

Considerando-se todos esses dados a violência contra a mulher tornou-se um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade, evidenciando-se em todos os segmentos da vida quotidiana e constituindo-se uma das principais preocupações sociais na contemporaneidade. (VICENTE,1999)

A grande preocupação se inscreve na necessidade de se querer compreender a violência, saber qual a sua origem, como preveni-la e como eliminá-la da convivência social. (MINAYO,1994).

As pessoas que lidam com a questão da violência doméstica almejam fundamentar todos esses aspectos, e esta pesquisa vem acrescentar informações que ajudarão a lidar com esta problemática que se faz presente cada vez mais na realidade das mulheres, independentemente da classe social, grupos étnicos, idade etc.

Diante disso, quando estamos falando a respeito da agressão entre parceiros, acreditamos ser importante a busca de uma compreensão, objetivando o contexto da violência, a identificação da história da violência, os mitos e crenças envolvidos e o significado que tem para ambos os parceiros, de acordo com os padrões internacionais. É preciso refletir a relação indivíduo / família / inserção social, considerando as relações entre as classes sociais, os significados e as relações familiares em consonância com as

necessidades estruturais da época, para que nos ajudem a compreender a violência contra a mulher no âmbito conjugal. (VICENTE,1999; CABRAL & BRANCALHONE, 2000; ALDRIGHI,2001)

Devido à expressão violência contra a mulher ser vista como uma construção histórica decorrente de mudanças e reivindicações sociais do final dos anos 70, tornou-se relevante fazer uma inter-relação das categorias relações de poder e violência, considerando as agressões à mulher dentro de uma cultura patriarcal¹, a qual pressupõe o entendimento de que homens e mulheres possuem uma ligação social não igualitária devido a sua condição sexual, que legitima tal desigualdade e também normatiza uma relação hierarquizada. (MENEGHEL, et al. 2000 ; CONRADO,2001)

¹ Cultura patriarcal : comandada pelo pai, detentor de enorme poder sobre seus dependentes , agregados e escravos; habitava a casa grande e dominava a senzala. (DEL PRIORE, 2000)



1 - INTRODUÇÃO

1.1 - O FEMINISMO COMO DETERMINANTE HISTÓRICO

O surgimento de uma consciência crítica feminista¹ sobre a opressão e os movimentos de emancipação e libertação da mulher são fenômenos bastante recentes, quando lembramos que sua subordinação, na sociedade, manifesta-se como fenômeno milenar e universal.

A hierarquização nas relações de gênero, ou melhor, nas relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres e em suas dimensões sociais, políticas, econômicas e jurídicas, fez do feminismo uma doutrina que, por priorizar a igualdade entre os sexos e a redefinição do papel da mulher na sociedade, pressupôs o aparecimento de uma consciência feminista. Nesta consciência, estão projetadas e reelaboradas as desigualdades vivenciadas pelas mulheres num determinado momento histórico. (LOURO,1996 ; GUERRA, 1997)

Historicamente, a consciência de gênero entre as mulheres apareceu pela primeira vez na Europa, particularmente na França e na Inglaterra, em meio às transformações que estavam ocorrendo devido ao capitalismo. Esse novo sistema desencadeou mudanças na organização familiar e se implantou nos ideais liberais de igualdade e na noção de indivíduo. (SARDENBERG & COSTA,1994)

Em 1789 a noção de igualdade, aparentemente, era considerada para todos, mas, na sua prática, era instaurada somente entre as classes dominantes, estabelecida como Declaração dos Direitos dos Homens². Para as mulheres cabiam os códigos patriarcais, ou seja, às filhas e esposas dessa burguesia ascendente era garantida uma liberdade vigiada entre os muros do espaço doméstico, com o dever de serem boas filhas, boas esposas e boas mães. (SAFFIOTI,1980 ; SARDENBERG & COSTA, 1994 ; DEL PRIORI,2000)

Em 1792, foi publicado, por uma jornalista e escritora inglesa que viveu em Paris, um dos primeiros documentos feministas. Essa jornalista, conhecida por Mary Wollstonecraft, causou grandes impactos entre os intelectuais franceses e ingleses, por ter

¹ Feminismo : refere-se a uma doutrina ou movimento social cujos adeptos principais são mulheres e cuja característica é definida pelas idéias de liberdade e igualdade e, conseqüentemente, pela crítica às formas hierarquizadas de relacionamento social. (SARDENBERG & COSTA,1994)

² Declaração dos Direitos dos Homens : A autoridade familiar se mantinha em mãos masculinas, do pai ou do marido. (DEL PRIORE, 2000)

denunciado a situação de subordinação das mulheres, fazendo uso da doutrina liberal, dos direitos do homem, para reivindicar os direitos da mulher. (SARDENBERG & COSTA, 1994)

Mary Wollstonecraft, citada por Sardenberg & Costa (1994), ao identificar a subordinação da mulher como resultante do processo de socialização, devido ao estancamento de seu crescimento intelectual por falta de acesso à educação, fez surgir uma das primeiras bandeiras de luta do feminismo - o direito à educação. Essa luta foi realizada pelas mulheres alfabetizadas, das camadas médias burguesas, que usaram a palavra escrita, através de livros e publicações em jornais literários voltados para o público feminino, como veículo de suas reivindicações.

Ao mesmo tempo em que estava sendo levantada essa bandeira de luta do feminismo, não podemos nos esquecer de que nesta época estava surgindo o capitalismo³ e, com ele, aparecendo uma força imperativa de acumulação regida pela busca crescente de lucros; com isso, todas as relações sociais, inclusive as familiares, assumiam características demarcadas pelas relações sociais de produção necessárias para o desenvolvimento. (OLIVEIRA, 1997)

A família passa a deixar de produzir a maior parte dos produtos de consumo, que eram, a partir de então, produzidos nas fábricas. Diante disso, o que se estabelecia era uma separação entre o mundo do trabalho (público) e o da família (doméstico), que correspondia a uma nítida divisão sexual do trabalho. (OLIVEIRA, 1997)

Com a Revolução Industrial, o trabalho passou a ser dividido em dois campos : um doméstico, distinto ao sexo feminino, e um campo de produção, destinado ao sexo masculino.

O homem, reconhecido socialmente como chefe de família, tinha seu trabalho fora do lar remunerado, isto é recebia por ele um salário, enquanto para as mulheres eram reservadas as tarefas relativas à reprodução da força de trabalho sem qualquer remuneração. (SARDENBERG & COSTA, 1994).

³ Capitalismo : significa não apenas um sistema de produção de mercadorias, como também um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca. Para que exista o capitalismo faz-se necessária a concentração dos meios de produção em mãos de uma classe social e a presença de uma outra classe, para a qual a venda da força de trabalho seja a única fonte de subsistência. (CATANI,1981).

Aos poucos, com o avanço tecnológico da Revolução Industrial⁴, foi-se abrindo um espaço para as mulheres trabalharem na produção fabril. Devido à condição de inferioridade à qual vinha sendo submetida, considerada passiva e submissa dentro da esfera doméstica, a mulher despertou o interesse da burguesia, que, com o objetivo de acumular riquezas, chamava-as para o trabalho mas, lhes impondo um salário bastante inferior, com jornadas de trabalho excessivas. (SARDENBERG & COSTA, 1994)

No final do século XIX, as operárias chegavam a trabalhar 17 horas por dia nas indústrias de tecelagem e fiação, e, por este trabalho, recebiam a metade do salário dos homens. (GOLDENBERG & MEDRADO, 1989).

Em 8 de março de 1857 aconteceu uma grande revolução contra a exploração, quando centenas de funcionárias da indústria têxtil de Nova York, nos EUA, saíram em passeatas protestando contra os baixos salários e a jornada excessiva de trabalho. Nas ruas, elas protestavam contra a exigência dos patrões, que as faziam passar 14 horas por dia diante dos teares e máquinas de costura. Durante o evento, aconteceu um incêndio que matou 129 manifestantes. O fato chocante daquela época levou a Organização das Nações Unidas (ONU) a instituir, em 1975, o 8 de março como o dia Internacional da Mulher. Desde então, a data é marcada por diversas manifestações que exigem igualdade de direitos entre homens e mulheres. (OLIVEIRA,1997).

Com a Revolução Francesa, considerada a " grande revolução burguesa", surge o feminismo. E uma das primeiras manifestações feministas aconteceu na França Revolucionária, liderada por mulheres francesas que exigiram da Assembléia Constituinte o estabelecimento da igualdade dos direitos entre os sexos, inclusive a liberdade de trabalho. (SARDENBERG & COSTA,1994).

O movimento feminista, trazendo uma evidente demarcação ideológica, apresentava duas tendências : o feminismo burguês, também conhecido como sufragista ou liberal, e o feminismo socialista.

⁴ Revolução Industrial : ocorreu na segunda metade do século XVIII na Inglaterra, onde a produção passou a ser realizada em fábricas, utilizando-se a maquinofatura (produção feita por máquinas que empregam energia mecânica) e o trabalho assalariado. (MOTA & NOVAIS, 1986)

Em linhas gerais, a corrente do feminismo sufragista limitou-se a reivindicar uma série de reformas jurídicas relativas ao status da mulher, considerando que a igualdade de direitos jurídicos seria o suficiente para resolver a questão da discriminação à qual as mulheres eram submetidas. Em nenhum momento, essa corrente se refletiu sobre os papéis tradicionais da mulher, mãe e esposa. O feminismo sufragista ficou então identificado com mulheres de classe média que, em sua maioria, tiveram acesso à educação superior. Por outro lado, o feminismo socialista, desenvolvido na Alemanha, surgiu algum tempo depois da publicação do Manifesto Comunista, por Marx e Engels (MARX & ENGELS). No seu início, sua atenção estava dentro dos partidos e sindicatos e, posteriormente, tentou-se criar dentro dessas organizações, grupos de mulheres. (SARDENBERG & COSTA,1994)

As socialistas acreditavam à medida que lutavam por uma sociedade sem classes, mais elas estariam lutando por uma sociedade sem desigualdades quanto ao sexo, raça, idade etc... A socialização dos meios de produção acarretaria uma sociedade mais igualitária. Para elas, a incorporação da mulher na produção social criaria bases para a libertação, proporcionando independência econômica e, conseqüentemente, o rompimento da relação de dominação do homem sobre a mulher. (SARDENBERG & COSTA, 1994)

Para os referidos autores, essas duas tendências dominaram o feminismo internacional por mais de um século, prevalecendo até o momento em que as contestações dos anos 60 apareceram balançando todos os valores já estabelecidos, questionando padrões, práticas e comportamentos. Nesse contexto, surgiu o novo feminismo. Este, por sua vez, influenciado pelos acontecimentos de 1968, como, por exemplo, o movimento hippie e o movimento negro, trouxeram o questionamento sobre o papel da mulher na família, no trabalho e na sociedade, travando uma luta por uma transformação nas relações humanas e pela extinção das relações baseadas na discriminação social e de gênero. Foi um movimento que se propôs a lutar por mudanças históricas, travando uma luta ideológica contra os valores patriarcais representados diretamente pelos pais, maridos companheiros e amigos. (SARDENBERG & COSTA, 1994)

Esse movimento do feminismo veio representar para as mulheres uma tentativa importante de ruptura com a história de submissão a que foram e são ainda impostas.

1.2 - O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL

Enquanto na Europa e, posteriormente, nos Estados Unidos acontecia a revolução nas esferas das relações pessoais, sociais e na família, o Brasil e outros países da América Latina viviam sob o regime colonial⁵, escravocrata⁶ e patriarcal. (D'INCAO,2000)

A família patriarcal habitava a casa grande e era comandada pelo pai, detentor de enormes poderes sobre suas dependentes, seus agregados e escravos que, ainda, dominava a senzala e possuía o direito de castigar fisicamente sua esposa.

Nas classes dominantes, a mulher tinha que submeter-se às ordens do pai ou do marido, tendo o interior da casa como seu espaço de permanência e como função principal a reprodução; ou, então, tinha como outra opção de vida o recolhimento em um convento (muitas optavam pelo convento, por este representar melhores condições de vida e, até mesmo, possibilidades de encontros amorosos). (SARDENBERG & COSTA,1994 ; D'INCAO,2000)

O marco do movimento feminista no Brasil foi na segunda metade dos anos 70. Neste período, o país encontrava-se sob o regime da ditadura militar, época em que as mulheres foram questionando sua condição feminina, exigindo os seus direitos, como o direito ao voto, ao trabalho externo, e uma participação mais efetiva na sociedade. (SARDENBERG & COSTA, 1994)

Assim, travou - se a luta pela igualdade de salários, pelas condições dignas de trabalho, pela valorização do trabalho doméstico, enfim, pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual a mulher pudesse realizar-se como ser humano e cidadã (GIULANI,2000)

⁵ Regime colonial : as colônias deveriam proporcionar à metrópole a máxima acumulação de capitais, ou seja, garantir o enriquecimento dos grandes comerciantes (burguesia mercantil) Nesse tipo de regime a dominação política e o comércio exclusivo eram características marcantes. (MOTA & NOVAIS, 1986)

⁶ Regime escravocrata : A escravidão foi a saída que os colonizadores portugueses encontraram para que pudessem obter mão-de-obra barata. Assim, os escravos estavam presentes nas plantações, nos serviços domésticos, na construção das casas e das estradas, na criação de gado etc. (MOTA & NOVAIS, 1986)

A partir das grandes lutas e desafios da década de 80 no Brasil, o movimento feminista adotou uma postura firme no sentido de levar à realidade políticas públicas originadas nas principais reivindicações das mulheres brasileiras, como : direito à saúde, enfrentamento à violência contra a mulher e direito à participação política igualitária nos espaços democráticos que se abriram com as conquistas das lutas políticas. (GUERRA, 1997 ; CAMARGO,2000)

A sociedade brasileira, a partir do século XIX, sofreu consideráveis mudanças, seja na ordem econômica, política, social ou ideológica. E, aos poucos , o feminismo brasileiro foi ganhando forças, permitindo à mulher desempenhar uma importante função na família, seja como chefe ou como força de trabalho fora do lar. Em muitas famílias, devido ao salário minguado não ser suficiente para suprir as necessidades domésticas, exigiu-se que as mulheres oferecessem seu próprio trabalho, empregando-se como domésticas ou fazendo e vendendo doces, salgados, bordados ... (DEL PRIORI, 2000 ; ALMEIDA, 2001).

Mas essas mulheres que precisavam trabalhar, seja em atividades caseiras ou em industriais, recebiam inúmeras críticas, acusadas de não serem boas mães, por não se dedicarem exclusivamente à casa, ao marido e aos filhos. (DEL PRIORI, 2000). Isso ocorria porque, até então, os gêneros na esfera da família burguesa eram bastante distintos, sendo que ao homem implicava o dever de ganhar dinheiro para o sustento da família e à mulher, era reforçada a idéia de que deveria ser quase integralmente mãe devotada e atenciosa, dedicada aos filhos e ao marido. (SARDENBERG & COSTA, 1994)

Em pouco tempo, a mulher estava inserida tanto no campo de trabalho dos serviços domésticos bem como nas indústrias manufatureiras e, até mesmo, na profissão, inicialmente como professora. (RAGO, 2000)

Após as lutas emancipatórias, com os falsos tabus rompidos, o movimento feminista trouxe à tona o direito à igualdade e a mulher passou a ocupar o seu espaço, evidenciando o desejo de não mais ser restringida ao âmbito doméstico.

Na primeira metade do século XX, já com o direito de voto, uma grande parcela das mulheres ajudou a construir o país. As jovens de classe média tornaram-se professoras, advogadas, médicas..., e as de classe inferior estavam nas indústrias do Sudeste, outras no campo, trabalhando nas plantações e colheitas, e outras, ainda na cidade, trabalhando como domésticas, lavadeiras, governantas... (OLIVEIRA,1997)

O despertar da consciência feminista foi conduzindo a um desejo de humanização, quando mulheres passaram a exigir uma realização não apenas como esposa e mãe, mas também profissionalmente e como seres biológicos. (SAFFIOTI, 1980)

Mas, o que se observa é que, ao mesmo tempo em que a mulher foi mudando suas atitudes dentro das estruturas sociais, os valores tradicionais continuavam ainda dando autoridade aos homens. O capitalismo e o patriarcado produziam alianças que subordinavam as mulheres trabalhadoras ao poder masculino.

Herdeiras de uma cultura hierárquica e excludente e, apesar de se encontrarem maciçamente ativas no mercado de trabalho, as mulheres ainda carregam uma espécie de condenação a um lugar inferior e desvalorizado socialmente. Seja na cultura, como nas mentes dos agentes sociais, alimentam a idéia de que o lugar ideal e natural da mulher é no lar, na família e na reprodução. (FONSECA, 1996).

O movimento feminista no Brasil, em seus primeiros anos, foi bastante lento e, mesmo acompanhando a luta pela ampliação do espaço democrático no país, tem permanecido muito aquém das expectativas. Na realidade, o que parecia era que somente as mulheres da classe mais favorecida desfrutavam dos benefícios dos novos espaços e dos direitos conquistados. A grande maioria vivia à margem do processo de mudança social. Mas, esta não era uma situação específica às mulheres, mas era nitidamente mais grave no caso delas, devido à opressão de gênero e de classe. (SARDENBERG & COSTA, 1994)

O que podemos perceber é que o fenômeno da desigualdade é universal e que, em pleno início do século XXI, a mulher tem continuado a sofrer discriminação e a enfrentar preconceitos, como por exemplo, recebendo salários inferiores quando comparados aos do homem. (BRUSCHINI, 1994).

E ainda, segundo GIFFIN (1994),

as mulheres estão maciçamente presentes na força de trabalho e, no mundo público, a distribuição social da violência reflete a tradicional divisão dos espaços, onde o homem é vítima de violência na esfera pública e a mulher sofre violência perpetuada no âmbito doméstico, onde o agressor , é freqüentemente, o próprio parceiro.

A divisão social e sexual do trabalho e a distribuição do poder e do prestígio, bem como a determinação de espaços distintos para cada sexo (espaço público e espaço doméstico) , são elementos estruturantes da relação entre homens e mulheres, que adquirem características específicas segundo o momento histórico e as condições concretas de vida dos indivíduos. (PITANGUY, 1982)

Sendo assim, podemos perceber que as agressões físicas e psicológicas contra as mulheres fazem parte de nossas raízes culturais, trazidas pelos colonizadores europeus e reforçadas no século passado, segundo as quais a mulher deveria ser submissa, altruísta, desprovida de desejo sexual. Suas funções seriam de servir a seus maridos e filhos, dedicando-se exclusivamente às tarefas domésticas, em que pudessem manifestar seus dons materiais. (HAHNER,1978 citado por CABRAL,1999)

A partir de tal perspectiva, surge a necessidade de compreender e interpretar a dinâmica social que hierarquiza as relações entre o masculino e feminino.

1.3 - RELAÇÕES DE GÊNERO E SUAS REPERCUSSÕES EM DIVERSAS CULTURAS

Podemos encontrar referências às questões de gênero em alguns estudos, como o de Herzberger (1996), citado por Aldrighi (2001), ao apresentar a existência de uma estreita relação entre agressão conjugal e distribuição de poder entre os parceiros : com a desigualdade inicia-se uma cadeia de reação de confronto, percorrendo toda a família. Portanto, tecer considerações sobre as relações de gênero implica entendê-las como uma construção social baseada na diferenciação biológica dos sexos, a qual se expressa através

de relações de poder e subordinação, representada pela discriminação de funções, atividades, normas e condutas esperadas para homens e mulheres em cada sociedade. (SAFFIOTI,1980 ; GUERRA, 1997)

Uma vez definido o termo gênero, pode-se dizer que ele fornece meios que possibilitam a compreensão das complexas conexões entre as várias formas de interação humana. Nas sociedades, a definição do gênero feminino, tradicionalmente, liga-se à esfera familiar e à maternidade, enquanto a referência da construção social do gênero masculino é sua atividade na esfera pública, concentrador dos valores materiais, fazendo do homem o provedor e o protetor da família. (GIFFIN, 1994 ; TAVARES, 2000)

Através do processo de socialização internalizamos as regras, crenças, valores e comportamentos acerca do que é ser masculino e feminino dentro da cultura a que pertencemos. A base das nossas normas culturais socializa o homem para ser agressivo, poderoso, racional e controlador contribuindo para a aceitação social do homem como dominante. Quanto à mulher , a expectativa é que esta seja passiva, educada e submissa, reforçando o papel do sexo frágil e dependente dos homens. (SAFFIOTI,1980; ALDRIGHI,2001)

Nesta relação, o homem é visto como aquele que possui a força física e psíquica, é o que vive no mundo da razão, enquanto a mulher é aquela que permanece no campo da emoção, no qual o coração predomina sobre o cérebro. SAFFIOTI (1980) afirma : “O HOMEM É UM ANIMAL QUE PENSA E A MULHER É UM ANIMAL QUE SENTE ”.

A mulher foi criada pela natureza diferente do homem. Ela recebeu virtudes próprias e opostas. Toda feita de sensibilidade e de passividade, a mulher desabrocha na religião, na fidelidade e na maternidade. Ela conhece a arte de suportar sofrimentos e sacrifícios.

A fraqueza implicada à figura da mulher é certamente consequência da condição imposta pela sociedade, em que a mulher não nasce mulher, mas se torna mulher. A força física, o caráter e a potência intelectual seriam idênticos no homem e na mulher, se a sociedade e a educação não se metessem a distingui-los. (BADINTER, 1991)

Por detrás das relações de gênero, atravessadas pelo poder desigualmente repartido, vislumbra-se a violência. As diferenças biológicas entre os homens e as mulheres e os papéis sociais que ambos desempenham não determinam a ocorrência da violência contra a mulher. Na verdade, são os papéis sociais impostos a homens e mulheres, reforçados por culturas patriarcais, que estabelecem as relações de violência entre os sexos. Portanto, quanto mais a mulher é tida como um ser inferior, maior a possibilidade de ela acreditar na sua inferioridade, desloca-se para o seu ambiente social e acreditar que deve sofrer silenciosamente, passando a suportar maus tratos físicos e psicológicos de seu companheiro, na maioria dos casos, sem nenhuma reclamação. (GUERRA, 1997; TAVARES, 2000)

É preciso que se tenha como referência o fato de que homens e mulheres se constroem historicamente e as identidades se perfazem e se refazem na trajetória de lutas, resistências, conformações, transgressões e derrotas que compõem as vivências femininas e masculinas. Ambos são seres multifacetados que se colocam numa dinâmica, cujas lutas, conflitos e estratégias estão em permanente processo de recriação nas tramas sociais. (GUERRA, 1997)

Em nossa cultura, homens e mulheres, são desde seu nascimento, educados para formarem, na idade adulta, um par com objetivo sexual ,sócio-econômico ou reprodutivo, com um indivíduo do sexo oposto... Os sentimentos de amor de um para com o outro são expressos em público. O que não ocorre com os sentimentos que levam a uma agressão, pois estes são reprimidos e camuflados. (PRADO & OLIVEIRA, 1982)

A esfera privada, lugar tradicionalmente considerado como do âmbito do indivíduo, em contraposição ao da sociedade, faz com que o que acontece dentro do lar não diga respeito ao Estado e nem à Sociedade. Portanto, até há pouco tempo, o que se vivia no ambiente doméstico não era tratado na esfera pública e tampouco era regulado no campo do direito e da política. (PORTELLA, 2000)

Em 1975, quando a Organização das Nações Unidas – ONU – promulgou o ano Internacional da Mulher, sob o impacto do movimento internacional e local, observou-se no Brasil uma articulação maior entre as mulheres. Uma das metas, entre outras, era

proporcionar maior visibilidade à questão da violência doméstica com a bandeira de luta “ Quem ama não mata “, levantada por setores do movimento feminista brasileiro no início da década de 80. (SORG & MONTEIRO, 1985)

Assim, alguns dos temas do espaço doméstico foram trazidos a público e, hoje, são objetos de debate social e intervenção do Estado.

A década de 80 foi rica em experiências inovadoras, articuladas por feministas e mulheres organizadas em diferentes movimentos, que resultaram em uma agenda nacional de combate à violência contra a mulher. (ALMEIDA, 1996). Relataremos, mais adiante alguns dos tratamentos à violência doméstica discutidos em Fóruns Internacionais.

Neste período, os movimentos feministas tornaram público o fenômeno da violência contra a mulher, fazendo com que os meios de comunicação e as produções intelectuais passassem a se ocupar do tema violência, aprofundando e ampliando as questões específicas sobre as mulheres. (GUERRA, 1997)

Assim, as ações foram organizadas, por um lado, em torno de denúncias das diversas expressões de violência dirigidas à mulher e, por outro , voltavam-se para a criação de estruturas de apoio destinadas às mulheres que enfrentavam situações de violência. Esses serviços foram desenvolvidos por um grupo de militantes feministas, denominado SOS Mulher, o qual atendia mulheres em situações de violência. (TAVARES,2000)

Em 1985, foram criadas 69 unidades de Delegacias Policiais de Defesa da Mulher e Centros de Orientações jurídica e encaminhamento psicológico – órgão de retaguarda jurídica que orienta mulheres nas questões relativas aos direitos diante de situações de separação, guarda dos filhos e divisão de bens. (TELES, 1993)

Como dito anteriormente, os movimentos dos grupos feministas lutaram para que a violência contra a mulher passasse a ser incluída nas agendas de muitos governos nacionais e de várias organizações internacionais. O Brasil assinou vários acordos internacionais, visando à igualdade de gênero e propondo a implementação de políticas públicas e ações afirmativas que recomendam a eliminação da violência contra as mulheres. (LARRAIN, 2000)

Mas, mesmo tendo assinado todos esses acordos, vários impasses ainda estavam presentes. Percebeu-se que a violência é um fenômeno complexo que possui raízes nas relações de poder baseadas no gênero, na sexualidade, na auto- identidade e nas questões sociais, sendo que em muitas sociedades, o direito do homem de dominar a mulher é considerado a essência da masculinidade. (HEISE, 1994 ; CAMARGO, 2000)

Para se ter uma idéia, os agentes policiais e judiciais, quando comunicados da ocorrência de violência doméstica contra a mulher facilmente atribuíam à própria mulher a culpabilidade de tal fato. Os policiais conseguiam convencê-la de que aquela violência não era gratuita, mas sim fundada em algum comportamento reprovado pelo marido. E, à medida que essa idéia ia tendo suas repercussões, mais a mulher acreditava nessa possibilidade , menos denunciava as agressões sofridas e mais se rendia ao silêncio de seu sofrimento. (TAVARES,2000)

Parece que muitas crenças justificam, para homens e mulheres, um certo grau de violência doméstica, associado ao modo como elas devem se comportar dentro do casamento e em sociedade. Uma dessas crenças é a de que o controle faz parte do amor e do casamento. Outras, estão ligadas à hierarquia existente entre o casal, em que o homem situa-se no lugar de maior poder, podendo definir as regras do que é certo e errado na convivência conjugal. (PORTELLA,2000)

Sendo assim, para o referido autor, os homens justificam seus atos das seguintes maneiras: a mulher não cumpriu com suas obrigações não respeita a sua individualidade e, também, não vem cumprindo bem com o seu papel de esposa, merecendo, então, ser punida.

Todas essas crenças e justificativas estão ligadas às desigualdades entre homens e mulheres e, com a concordância das mulheres, os homens detêm o poder de mandar e controlar a família. (PORTELLA,2000)

Desta maneira, a violência intrafamiliar remete ao direito que o marido tem de exigir determinados atributos e comportamentos da mulher com quem se casou ou com quem mora junto. O marido pode exigir que sua companheira viva dentro de regras

determinadas por ele . Assim, estamos diante de uma crença masculina que reflete o direito de impor e exigir determinados comportamentos , e a crença feminina que reflete uma culpa permanente em relação aos deveres não cumpridos. A mulher, por muitas vezes, se culpa da violência sofrida, considerando que, se sofreu violência física, é porque ela provocou ou fez algo que o companheiro não gostou. (PRADO & OLIVEIRA, 1982)

Uma amostra evidente desse fenômeno é que muitas mulheres, ao sofrerem violência, buscam justificativas em si próprias para o acontecido. Por exemplo, o caso nº 4 diz “... não sei o que fiz para ele me agredir (...) eu faço tudo dentro de casa, ele não tem do que reclamar ”. A própria mulher acaba se responsabilizando de algum erro que possa ter cometido e que justifica o exercício daquele ato de violência.

Embora os movimentos feministas tenham conseguido nos anos 80 promover a implementação das políticas públicas, podemos perceber o quanto a violência ainda atinge, indistintamente, mulheres de todas as classes sociais, sendo a expressão sócio-cultural dos conflitos interpessoais marcados pela diferença de gênero. Até hoje, na sociedade patriarcal tem prevalecido o poder masculino, que, ao exercer sua dominação, tem negado à mulher o direito de um desenvolvimento pleno, além de omitir sua contribuição histórica. (TAVARES,2000 ; ALDRIGHI,2001).

Portanto, a violência doméstica é um fenômeno mundial que perpassa todas as culturas, etnias, políticas econômicas e regimes políticos . Um exemplo disso é a crueldade e a repressão praticadas contra as mulheres nos países islâmicos da Ásia e da África, onde as manifestações desta violência variam desde as rigorosamente impostas por razões ditas religiosas ou culturais até as que são passadas de geração em geração, como um padrão de comportamento normal, e que, em diferentes graus e formas, são culturalmente silenciadas. (ELUF, 1997; SPINDEL, 2001)

Exemplificando o referido acima, enumeramos alguns dados históricos, centrados em diversas culturas :

A violência contra a mulher encontra “justificativa” em normas sociais baseadas nas relações de gênero, ou seja, em regras que reforçam uma valorização diferenciada para os papéis masculino e feminino. O que muda de país para país são as

razões alegadas para aprovar esse tipo de violência. Diversos estudos realizados na década de 90 revelaram, por exemplo, que no Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Venezuela, Israel e Cingapura é comum que a violência seja aprovada quando ocorre a infidelidade feminina; já no Egito, Nicarágua e Nova Zelândia a mulher deve ser punida quando não cuida da casa e dos filhos. A recusa da mulher em ter relações sexuais é motivo de violência nesses países e também em Gana e Israel. Por fim, a desobediência de uma mulher ao seu marido justifica a violência em países como Egito, Índia e Israel. (FONTANA & SANTOS,2001)

CHEYWA SPINDEL (2001), pesquisadora atuante na área política, econômica e social, relata suas experiências de intervenção social em contato direto com as mulheres de diferentes países, como Quênia, Jordânia, Nigéria, Índia...

Tendo analisado as diferentes formas de violência nesses países de estruturas sociais e políticas diferentes, Cheywa percebeu um elemento comum entre eles – a questão da preservação da família.

Em nome da preservação da família, a violência tinha sua prática. Aos homens, em alguns países islâmicos, quando mantinham a honra da família intacta, era concedido um espaço na comunidade. Eles só eram considerados homens quando conseguiam garantir a honra da família. As mulheres, por sua vez, não tinham espaço fora da unidade familiar ou, quando possuíam , era bastante restrito.

Nos países islâmicos, a honra da família está na castidade das mulheres da família, e esta castidade é considerada primeiro como propriedade do pai, depois do marido e, no caso da morte deste, do cunhado. Se esta propriedade é violada, a honra da família está manchada.

Há várias situações em que a mulher pode manchar a honra da família : 1) um rumor ou boato de uma mulher solteira ou casada ser vista falando com outro homem ; 2) fatos ou rumores de adultério; 3) relações sexuais antes do casamento ; 4) um simples olhar para outro homem; 5) uma situação de estupro (apesar de o estupro ser uma prática bastante comum e, em geral, o estuprador ser um membro da família – pai, irmão, tio...) .

A maneira encontrada para “ lavar “ a honra da família é baseada em dois princípios islâmicos : a) Sutra : aplicado quando a família acredita que a mulher infringiu alguma das formas que pode desonrar a família, mas o fato ainda não se tornou público. Em caso de estupro, a menina é obrigada a casar-se com o estuprador, para que a desonra seja encoberta. Se o estuprador é algum membro da família, arranja-se uma pessoa pobre, doente ou velha que aceite se casar com a mulher ; caso ele não queira, é declarada a sentença: “casa ou morre “ . Há casos em que a família que possui maiores poderes e esclarecimentos providencia um médico para que realize a reconstrução do hímen. B) Dadabesh : é aplicado quando a desonra já se tornou pública e aí a sentença é imediatamente declarada e a família planeja quem irá executar a sentença – pai, irmão , tio, cunhado... Existe um ditado árabe, que é muito usado, nestes casos, como resposta para as situações de sentença de morte declarada “ a forma mais eficaz de nos livrarmos do cheiro do lixo é enterrá-lo."

A prática de assassinato de mulheres islâmicas é totalmente silenciada, não sendo possível saber ao certo quantas mulheres foram mortas para salvar a honra da família. Nas instituições, as causas das mortes são registradas como acidentes, fatalidades e, até mesmo, como suicídio.

Em seus estudos realizados na Índia, CHEYWA SPINDEL (2001), deparou com o costume do dote, segundo o qual, ao se casar, a moça deixa sua família para viver com a família do marido, devendo obrigatoriamente levar consigo um dote. O não cumprimento deste, e, até mesmo, a não possibilidade de o pai da noiva pagar novas exigências para a família do noivo, provoca a violência contra a mulher, muitas vezes com ameaça de morte. Essas mulheres não são aceitas de volta à sua família de origem, porque tal fato é considerado uma desonra, e a solução é elas serem mortas ou levadas para um abrigo.

Tal situação persiste não só nas classes com nível de educação baixa e de pobreza, mas também nas classes ricas, com nível educacional elevado.

Portanto, em nome da religião, as mulheres dos países islâmicos são condenadas à ignorância, ao silêncio, à doença física e mental, à clausura, ao trabalho doméstico brutal, à mutilação genital ...

Nenhuma crença religiosa, nenhuma tradição cultural, nenhum código ou lei podem justificar o que milhões de mulheres sofrem na Ásia e na África, por serem mulheres em países islâmicos. Na verdade, não se trata de princípios religiosos porque o Corão, em momento algum, chega a esses extremos. (ELUF,1997)

Na sociedade brasileira, as mulheres não sofrem tamanha brutalidade em nome da religião, mas fazem parte de uma sociedade na qual, muitas vezes, não possuem seus direitos básicos de cidadãos garantidos e respeitados, a começar pela sua integridade física. Estes fatos tornam a violência de gênero uma realidade extremamente preocupante, pois somente nos últimos dez anos ela vem sendo compreendida como uma questão de saúde pública, tanto pelo movimento feminista quanto por associações profissionais, serviços de saúde e organizações internacionais como OMS (Organização Mundial da Saúde) e OPAS (Organização Pan – Americana da Saúde). (SCHRABER & OLIVEIRA, 2000; TAVARES,2000)

1.4 - SIGNIFICADOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Definir a violência doméstica não é uma tarefa fácil quando a vemos como um fenômeno que ocorre em diferentes culturas. Assim, o que verificamos é que o modo como a violência é considerada varia de pessoa a pessoa, de um país para outro, de um contexto sociocultural a outro. Dessa forma, não é possível ser unânime quanto à sua concepção e origem, o que dificulta o estabelecimento de uma definição comum e universalmente aceita. (ALDRIGHI,2001)

As diferentes definições ressaltam aspectos diversos da violência doméstica. Alguns destacam o impacto da violência como um ato cometido dentro da família, por um de seus membros, que ameaça seriamente a vida, a integridade física ou psicológica; outros acentuam os valores culturais envolvidos no comportamento violento, considerando que a

violência é o produto de características patriarcais da sociedade e da família , que geram uma nova gama de conflitos quando se chocam com os valores de igualdade e liberdade. (LARRAIN, 2000)

O fenômeno da violência doméstica, sendo altamente complexo e multifacetado, propicia desafios que são o de desagregar formas diferentes de violência e o de compreender melhor seus significados, suas características, causas e conseqüências. (BUVINIC & MORRISON & SHIFTER , 2000)

Vejamos algumas definições concretas e restritivas sobre o termo violência doméstica :

Um conceituado dicionário da língua portuguesa (FERREIRA, 1980; p. 1753) define violência como “ o ato de provocar constrangimento físico ou moral em alguém ; uso da força, coação. “

Para ALMEIDA (1994), “ violência é o uso de meios capazes de imprimir sofrimento ou destruição do corpo humano, bem como meio que pode degradar ou causar transtorno à integridade psíquica do ser humano. “

DORON & PAROT (1998) define violência física como “ tudo o que faz reinar a lei do mais forte, oprimindo indivíduos ou grupos mais fracos. “

MENEGHEL et al. citado por ARAÚJO (1996), definiu a violência de gênero como qualquer ato de violência que resulta em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos causados à mulher, inclusive ameaças de tais atos ou privação arbitrária de liberdade em público ou na vida privada.

Para CHAUI, citada por COSTA (1997), a violência é um ato de brutalidade, abuso, agressão, constrangimento, desrespeito, discriminação, invasão, obrigação, ofensa, proibição, abuso físico e/ou psíquico contra alguém, e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror.

Para o Conselho da Europa (citado por SHRITZMEYER,2001), violência é

qualquer ato ou omissão ou conduta que serve para infligir sofrimentos sexuais, físicos ou mentais, direta ou indiretamente, por meio de enganos, ameaças, coação a qualquer mulher, e tendo por objetivo e como efeito intimidá-la, puni-la ou humilhá-la ou ainda mantê-la nos papéis estereotipados ligados ao seu sexo, ou recusar-lhe a dignidade humana, a autonomia sexual, a integridade física, moral e mental ou abalar a sua segurança pessoal, o seu amor próprio ou a sua personalidade, ou diminuir as suas capacidades físicas ou intelectuais.

GELLES (1986) define violência como um ato carregado com a intenção de causar dor física ou injúria a outra pessoa. Ainda diferencia a violência normal da violência abusiva.

Para este autor, violência normal designa comportamentos como tapas, empurrões, freqüentemente considerados normais ou aceitáveis como parte da educação das crianças ou da interação entre o casal, enquanto a violência abusiva relaciona-se aos mais perigosos atos de violência, ou seja, são definidos como atos que têm um alto potencial de ofensa à pessoa que está sendo agredida. Incluem-se nesta definição socos, chutes, mordidas, golpes, arremesso de objetos, punhaladas ou tentativas de apunhalamento ou disparos de armas de fogo.

1.4.1- Tipos de violência

PAULA (1995) cita em um de seus artigos o autor Ganley, o qual distingue três tipos de violência :

- **VIOLÊNCIA FÍSICA** : É o uso da força com o objetivo de ferir, deixando ou não marcas evidentes. Ex: murros e tapas, agressões com diversos objetos e queimaduras por objetos ou líquidos quentes.
- **VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA OU VERBAL** : Este tipo de violência, muitas vezes, tão ou mais prejudicial que a física, é caracterizada por rejeição, depreciação, discriminação, humilhação e desrespeito. Trata-se de uma agressão que não deixa marcas corporais visíveis, mas, emocionalmente, causa cicatrizes por toda a vida.

- **VIOLÊNCIA SEXUAL** : Abuso de poder no qual a vítima (criança, adolescente ou mulher) é usada para gratificação sexual do agressor sem o seu consentimento, sendo então induzida ou forçada a práticas sexuais com ou sem violência física. “ Na maioria dos países , incluindo o Brasil, o estupro pelo marido é um fenômeno que legalmente não existe. O que não ocorre na França, onde qualquer relação sexual entre cônjuges que não seja consentida é considerada estupro”. (HEISE ,1994)

Inúmeros trabalhos descrevem que a violência doméstica contra a mulher começa, em geral, como psicológica e evolui para a violência física. (LANGLEY & LEVY, 1980; AZEVEDO, 1985; BEISSMAN, 1994). As violências psicológicas são menos denunciadas porque não deixam marcas pelo corpo e as autoridades competentes acreditam pouco nas queixas relatadas (CABRAL,2000). Já a sexual é um tipo de delito complexo, por ter a tendência de ser a mais camuflada e a mais silenciada pelas mulheres que sofrem esse tipo de violência. Isso ocorre porque, no seu entender, manter relações sexuais com o seu companheiro faz parte do casamento, querendo ou não.

1.4.2 – Fatores causais e/ou desencadeantes da violência

Tomando-se por base os dados da literatura disponível, discute-se a possibilidade de se prever a ocorrência de episódios de violência física contra as esposas. (PAULA, 1995)

Segundo HOFFMAN , citado por PAULA (1995), não é possível prever com precisão o comportamento das pessoas ao interagirem. Mas, para LEVINSON , também citado por PAULA (1995), é possível identificar indícios que determinam a ocorrência de agressão contra as mulheres, nas diferentes sociedades humanas do mundo inteiro, como : a) desigualdade econômica entre os sexos (mulheres que possuem salários superiores aos de seus maridos); b) resolução dos conflitos por meios violentos; c) autoridade doméstica exercida pelo homem, de modo a controlar totalmente os bens da família; d) experiência prévia de violência na família de origem e e) uso abusivo de substâncias psicoativas, mormente bebidas alcólicas.

Outros autores, como BUVINIC, MORRISON e SHIFTER (2000), consideram que não há um fator isolado que responda totalmente pelos altos níveis de violência. Para eles, o abuso conjugal é causado por uma série de fatores que contribuem para o comportamento violento.

Dessa maneira, LANGLEY & LEVY (1980) catalogaram os possíveis fatores desencadeantes da violência conjugal :

- 1 - DOENÇA MENTAL : Algumas esposas, ao sofrerem violência por parte do cônjuge, tendem a atribuir problemas emocionais ou mentais a seus maridos como forma de desculpá-los de seus atos violentos. Mas, de acordo com os estudos de Straus, de 1980, apenas 10% de todas as instâncias de violência familiar são causados por distúrbios mentais. (LANGLEY & LEVY,1980)
- 2 - ÁLCOOL E DROGAS: São fatores precipitantes e facilitadores das reações violentas. No entanto, a causa da violência contra a mulher não pode ser simplificada como um problema gerado pelo alcoolismo, ou determinada por uma única fonte, mas, sim, fruto de um conjunto de fatores que em um determinado momento e lugar específico a fazem eclodir .

Há casos em que a violência ocorre sem que nenhuma bebida alcoólica tenha sido ingerida. Em outras famílias, a violência ocorre quando o agressor está bebendo... Parece que o homem não agride sua esposa porque estava bêbado, mas na verdade, ele bebe por querer agredi-la. (GELLES,1986)

O que encontramos é o álcool servindo como desculpa – “ não há nada de errado, o que acontece é o álcool ter entrado na minha casa.... “ , conforme verbaliza uma paciente entrevistada nesta pesquisa.

- 3 - FALTA DE COMUNICAÇÃO : em lares onde ocorre a violência conjugal, geralmente existe falta de comunicação entre o casal. As discussões que levam à violência variam desde pequenas coisas até problemas mais sérios de ciúme. Frequentemente essas discussões são a verdadeira causa da violência, porém, devido à falta de comunicação, os casais nunca se aliam sobre os seus verdadeiros problemas. (LANGLEY & LEVY , 1980)

- 4 - FRUSTRAÇÃO : muitas das frustrações que os homens agressivos não conseguem superar estão relacionadas com seus empregos, com a dificuldade de alcançarem metas e por ocuparem um *status* econômico e social inferior ao da mulher.(Langley & Levy, 1980)
- 5 - MUDANÇAS : homens que tendem a agredir suas esposas, costumam ver qualquer mudança em sua vida como uma ameaça. Por exemplo, quando a esposa fica grávida, quando a esposa arruma um emprego... ; a esposa ao se tornar mais independente e menos submissa, pode também acionar reações violentas. (LANGLEY & LEVY, 1980)
- 6 - AUTO-IMAGEM VULNERÁVEL : os agressores, geralmente, são homens que sentem ser menos do que deveriam ser. Esses sentimentos são intensificados se a esposa está mais bem colocada, se ela ganha mais do que ele. E, também, se a esposa o confronta com agressões verbais, insultando-o, rebaixando-o, pondo sua masculinidade em cheque; aí ele passa a agredi-la. (LANGLEY & LEVY, 1980)

Outros autores, como Renschmidt (1991), Beissman (1994) e Cabral (1999) , agruparam os fatores predisponentes à ocorrência de violência doméstica em biológicos, psicofísicos e sócio-culturais.

Dentre os aspectos biológicos, sabe-se que existe uma predisposição genética ao temperamento violento. Mas, muitos pesquisadores, como BEISSMAN (1994), KAPLAN & SADOK (1998) e CABRAL (1999) , têm correlacionado a agressividade e a violência a uma desregulação do sistema límbico. Observou-se que na ablação da amígdala cerebral ocorrem significativas modificações de conduta, com redução do temor, da agressividade, além de alterações nos hábitos de ingestão de alimentos.

KAPLAN & SADOK (1998) também se referem a alterações de alguns hormônios como significativos nas alterações de humor e de comportamentos nos indivíduos mais predispostos às atitudes agressivas (a testosterona no homem e o estrógeno na mulher).

Quanto aos aspectos psicológicos, BEISSMAN (1994) ressalta a importância do ambiente familiar para se obter o equilíbrio do comportamento das crianças e dos futuros adultos. A família é o primeiro grupo dinâmico ao qual a criança é exposta, logo, suas atitudes e comportamentos, assim como sua saúde física e mental, têm um impacto decisivo no ajustamento psicossocial de um filho.

Dentre os aspectos psicossociais, salientam-se as questões ligadas à pobreza (embora a violência ocorra em todas as classes sociais), ao excesso de pessoas residindo num mesmo ambiente, ao desemprego , à migração e a crises econômicas, como fatores precipitadores de conflitos (Cabral,1999).

1.4.3 - Conseqüências da violência

Giffin (1994) considera que a violência contra a mulher, a qual envolve abuso físico, sexual e psicológico ocasionado pelo parceiro íntimo, acarreta uma série de conseqüências à saúde física e emocional tanto das mulheres. (vide figura I) como dos filhos do casal em conflito. Referindo-se às mulheres, HEISE (1994), relata que tais conseqüências são maiores que as de todos os tipos de câncer, e pouco menos que os efeitos das doenças cardiovasculares.

É notável que os efeitos relacionados com o trauma são exacerbados pelo fato de o agressor ser um conhecido íntimo, o que aumenta as sensações de vulnerabilidade, perda, traição e falta de esperança. (HEISE, 1994)

Quanto aos filhos do casal em conflito, estudos feitos no Canadá, afirmam que as crianças que testemunham a violência do pai contra a mãe, são suscetíveis de adotarem essa mesma atitude quando adultas. Eles aprendem que a violência dos homens contra as mulheres é um comportamento aceitável e normal para resolver os conflitos familiares, sem que o culpado sofra qualquer conseqüência. Os meninos podem assim, reproduzir o ciclo de violência em suas relações com as mulheres, imitando mais tarde, o comportamento do pai. No caso das meninas que estabelecem na idade adulta, relações com homens violentos, verifica-se que elas conhecem poucos meios de se libertarem destas situações. (CONSEIL DU STATUT DE LA FEMME,1991)

Retomando as mulheres que relatam ter sofrido violência doméstica, estas descrevem sofrer formas combinadas de agressões psicológicas e físicas, como espancamentos com escoriações e até fraturas de costelas e /ou braços; humilhações, obrigações de fazerem sexo de maneira que elas não aprovam e privações de afeto (indiferença afetiva) por parte de seus maridos. (CABRAL, 2000)

Sabemos que muitas dessas mulheres não denunciam as agressões, mas buscam ajuda em pronto-socorros , ambulatórios e hospitais da rede de saúde, para tratar os sintomas das agressões. De um modo geral, elas não contam o que desencadeou tais sintomas e, muitas vezes, o profissional, preocupado em resolver as queixas daquela mulher, não percebe que se trata de um diagnóstico de violência doméstica, e, conseqüentemente, acaba não a encaminhando para a Delegacia da Mulher.

Vale ressaltar que não basta cuidar dos ferimentos físicos, é preciso que tenham orientações adequadas para enfrentarem a situação e, assim, não serem cúmplices do silêncio, pois agindo dessa forma, as agressões terão permanência na vida dessas mulheres.

A perpetuação das agressões faz com que estas se tornem mais intensas e até mesmo mais graves e, assim, a mulher se sente impossibilitada de trabalhar e, ao mesmo tempo, necessitada de cuidados médicos, forçando-a a procurar o pronto-socorro. O absentismo no trabalho e, conseqüentemente, a diminuição na produtividade ocasionam para o país uma redução do Produto Interno Bruto . (MORRISON & BIEHL, 2000)

Quanto aos custos para o sistema de saúde, polícia, poder judiciário, órgãos de apoio à mulher e para a própria saúde das mulheres, não são possíveis quantificá-los com precisão, pois sabemos que distorções estatísticas ocorrem, pelo fato de nem todas as mulheres, quando agredidas pelos seus companheiros , procurarem auxílio médico ou policial. (LANGLEY & LEVY,1980; CABRAL,2000 ; SCHRITZMEYER, 2001)

De acordo com inúmeras pesquisas, como as de LANGLEY & LEVY (1980) , AZEVEDO (1985) , BEISSMAN (1994) e CABRAL (2000) , encontramos que, juntamente com os sinais físicos conseqüentes das agressões (fraturas, queimaduras, golpes provocados por instrumentos cortantes etc), também ocorrem graves seqüelas psicológicas, como : o medo, o isolamento social, a dependência emocional, sentimentos de culpa e histórias de múltiplas tentativas de suicídio. (RAYNOR- RINFRET et al. 1994)

Ainda se referindo às conseqüências psicológicas, as mulheres reconhecem e relatam que as agressões verbais fazem parte da sua relação com o parceiro e o quanto essas vivências vão “minando” sua auto-estima . Os homens, quando ofendem suas esposas, procuram atingir a honestidade, a fidelidade, o valor moral e a aparência física, com o intuito de deixá-las fragilizadas e com baixa auto-estima. (TAVARES, 2000)

ALMEIDA (1999), citado por TAVARES (2000), tenta explicar as conseqüências psíquicas da violência na produção da passividade, que se expressa através da depressão e da ansiedade, em decorrência da culpa que é imputada à mulher e por ela assumida e vivenciada. A mulher não é capaz de exprimir sua cólera diante da depressão a que é exposta, verificando-se a tendência ao aumento da depressão e da ansiedade e, também, à somatização, a partir de várias manifestações de mal-estar físico.

Uma vez conhecidas as possíveis conseqüências da violência doméstica contra a mulher, fica evidente a necessidade de ações mais precoces e efetivas por parte da justiça, dos serviços de saúde e da polícia, denotando a importância de um tratamento, de uma prevenção ou combate à violência doméstica. (PAULA, 1995)



Figura I - Conseqüências da violência

1.4.4 – Mitos e violência

GUELLES (1986), em seu estudo realizado com famílias que vivenciaram violência doméstica, considera os mitos como possíveis sustentadores da violência familiar. Vejamos alguns mitos estudados por ele :

- a) **Violência familiar está presente em pessoas mentalmente perturbadas ou doentes:** de modo geral, os maridos agressores se apresentam como pessoas comuns, o que rompe com o mito psicopatológico de que todos os maridos que agredem suas esposas são doentes mentais. Porém, há casos em que estes comprometimentos se fazem presentes. Segundo STRAUS, citado por ALDRIGHI (2001), quase 10% de todas as ocorrências de violência familiar são causados por distúrbios mentais.

STEINMETZ citado por LANGLEY & LEVY (1980), defende a idéia de que “ ao atribuir aos agressores de esposas classificações psiquiátricas, negligenciamos o fato de o abuso conjugal acontecer freqüentemente para ser obra de poucos dementes. “ Portanto, qualquer espécie de homem pode agredir suas esposas, localizadas nas chamadas “ famílias normais” .

- b) **Violência familiar é confinada em classes de baixa renda:** é muito comum as pessoas associarem agressão com baixa renda, mas esta relação não é absolutamente verdadeira, pois é possível encontrar ocorrências de violência em qualquer classe econômica. A questão é que as mulheres de baixo poder aquisitivo são as que mais se utilizam de postos de saúde e delegacias da mulher, quando se sentem agredidas. (OLIVEIRA et al. 1984, AZEVEDO,1985; GELLES, 1986)

- c) **Violência doméstica ocorre em alguns grupos étnicos :** a agressão pode ocorrer em qualquer sociedade, em países desenvolvidos ou em países em desenvolvimento. Em qualquer ambiente em que haja desequilíbrio de poder entre um homem e uma mulher, a violência pode se instalar. (GELLES,1986; FONTANA & SANTOS,2001)

- d) **Mulheres espancadas gostam de apanhar:** Na verdade, os fatores econômicos, culturais e sociais dificultam e impedem as mulheres agredidas de buscar alternativas para saírem do relacionamento violento. (LANGLEY & LEVY,1980; GELLES,1986; VICENTE, 1999)
- e) **Álcool e drogas são as causas da violência :** Aproximadamente, 50% dos casos de violência registram o uso de álcool e drogas. Porém, o autor afirma que as crenças culturais sobre o uso do álcool, como inibidores ou desinibidores, não possui influência determinante. Na verdade, existe uma correlação entre abuso destas substâncias e a violência doméstica, mas não há nenhuma relação causal. Assim, os agressores se utilizam do álcool e das drogas como justificativa para suas agressões (GELLES,1986; JOHNSON,2000).

A W.I.S.E (Women's Issues and Social Empowerment), citada em ALDRIGHI (2001), realizou um estudo referente aos mitos presentes na violência física, apresentando uma classificação deles sob o ponto de vista da mulher, e também os que estão presentes na compreensão e padrões de interação entre parceiros que vivenciam a violência conjugal .

1.4.4 1 - Mito sobre como a violência é vista :

- a) **Violência doméstica não é um sério problema social:** Mesmo não sabendo a verdadeira extensão do problema, devido ao não registro de muitas agressões, a violência doméstica é tida como um grave problema social e de saúde pública, não apenas por suas proporções numéricas, mas também pela gravidade de suas conseqüências psicofísicas, como já foi visto (AZEVEDO, 1985; BEISSMAN, 1994).

1.4.4 2 - MITOS SOBRE AS MULHERES :

- a) **Mulheres espancadas devem ter feito alguma coisa para merecerem uma surra:** Não há estudos que sustentem esse tipo de correlação, mas evidenciam que de fato as vítimas de violência doméstica fazem de tudo para pacificar seus parceiros, minimizando assim os conflitos (WISE, 1996, citado em ALDRIGHI,2001).
- b) **Mulheres que são espancadas devem ser loucas ou neuróticas:** É uma concepção errônea querer culpabilizar a mulher por ter sido violentada, sem ao menos investigar o que acontece com ela para permanecer em um relacionamento violento. Não há nenhuma associação demonstrável de que mulheres em relacionamentos violentos são mais desequilibradas do que outras mulheres (WISE,1996, citado em ALDRIGHI, 2001).
- c) **Mulheres espancadas são masoquistas e provavelmente possuem prazer na agressão:** Existem muitas dificuldades, enfrentadas pelas mulheres que desejam deixar um relacionamento violento, associadas às questões sociais, culturais e emocionais. Não há dados comprovando a ocorrência de características masoquistas na personalidade destas (LANGLEY & LEVY, 1980; GELLES, 1986; VICENTE, 1999) .
- d) **Mulheres espancadas são provavelmente de pouca cultura e têm poucas possibilidades de empregos:** Estudos revelam que mulheres espancadas variam do menor ao maior grau de instrução, e que muitas tinham emprego e foram inclinadas a abandoná-lo na crença de que isso poderia melhorar a situação conjugal (OLIVEIRA et al. 1984; AZEVEDO, 1995).

1.4.4.3 - Mitos sobre as soluções de espancamento:

- a) **O relacionamento irá melhorar :** Mulheres que possuem o pensamento de que a violência vai passar demonstram ser bastante resistentes às mudanças e, raramente, estas acontecem sem uma intervenção específica, como a psicotrópica (WISE,1996, citado em ALDRIGHI, 2001)

b) **A mulher deve separar-se do marido agressor** : A separação, por si só, não resolve o problema da violência conjugal. É preciso fortalecer a mulher agredida, resgatando sua auto-estima, fazendo-a refletir sobre a qualidade de sua vida conjugal, para que possa perceber que para mudar a situação basta ela querer e estar preparada para as mudanças. (WISE,1996, citado em ALDRIGHI,2001)

Muitas vezes, os mitos são usados pelas mulheres como forma de se protegerem, tornando-se assim companheiras do silêncio. E pensar no caminho que estas mulheres precisam percorrer, para que consigam romper a barreira do silêncio, implica querer quebrar um círculo que se mantém pelos mitos pessoais, familiares e culturais. Assim, a identificação desses mitos acaba sendo necessária para que haja compreensão do processo da violência doméstica e, conseqüentemente, para que possibilite mudanças de crenças e atitudes em relação a ela (ALDRIGHI,2001).

Na verdade, por mais que os problemas da violência sejam de difícil solução, não podemos nos esquecer que existem políticas e programas de prevenção e tratamento capazes de reduzir sua incidência.

1.5 - TRATAMENTOS

Em Monterrey, no México , uma rede de serviços se expandiu a fim de oferecer atendimento rápido e econômico às vítimas de violência doméstica. (SHIROMA,2000) . Em El Salvador , um sistema de linhas diretas foi desenvolvido para ajudar aquela nação a lidar com uma onda de violência conjugal. (VALDEZ,2000). Na Costa Rica, o Supremo Tribunal tomou medidas eficazes a fim de sensibilizar o judiciário para as questões envolvidas na violência contra as mulheres. (VILLANUEVA,2000)

Em London, província de Ontário, no Canadá, as escolas públicas são fóruns para um programa de educação formal para a prevenção da violência, (SUDERMAN & SCHIECK,2000). Na Jamaica, um grupo teatral dramatiza questões de violência familiar para ajudar homens e mulheres a lidarem com o problema, e trabalha com grupos sem fins lucrativos para informar as mulheres sobre seus direitos e a quem recorrer no caso de sofrerem maus -tratos. (MACAULEY,2000).

No Brasil, o avanço feminino propiciou a luta pela ampliação do espaço democrático no país: em 1975 (Ano Internacional da Mulher, instituído pela ONU, as feministas brasileiras , vinculadas em sua maioria, a partidos e organizações de esquerda, tiveram um importante espaço para promover a organização das mulheres e fomentar debates políticos. (SILVA,1992). Nesse ano foi fundado em São Paulo, o movimento Feminino pela Anistia e o Centro da Mulher Brasileira. Pouco depois, foram editadas dois jornais feministas : Brasil-Mulher (em Londrina e, posteriormente em São Paulo) e Nós Mulheres (em São Paulo). (BEISSMAN,1994)

No final da década de 70, o movimento feminista se expandiu, criando novos núcleos em outros estados e criando diversos grupos com enfoques e formas diferentes de atuação, os quais se dedicam às mais variadas tarefas : reflexão, publicação de folhetos sobre sexualidade, direitos da mulher, saúde, pesquisas, SOS contra a violência, Casa da mulher etc. (BEISSMAN, 1994)

Os grupos SOS acolhem, protegem e orientam as mulheres espancadas e estupradas, tendo seu funcionamento nas principais cidades brasileiras.

Em paralelo a isto, há que se destacar a atuação governamental ao lado da atuação assumida pelos grupos feministas que criaram e implantaram a primeira Delegacia de Defesa da Mulher, no ano de 1985, em São Paulo, Estado que até hoje concentra 40.7% das DEAMs do país. , também a implantação de Casas-Abrigo para as mulheres vítimas de violência que correm risco de vida caso voltem para suas casas. Neste local, elas recebem assistência jurídica, psicológica e social, tendo também total segurança porque o endereço é sigiloso.

Portanto, a violência contra a mulher que era até então um problema privado, hoje é considerada um problema de ordem pública e acima de tudo, político.

Na Delegacia de Defesa da Mulher, as vítimas são atendidas por uma equipe composta por profissionais do sexo feminino que estão aptas à compreendê-las sobre o que as aflige. (ROCHA, 2000)

Por isso, tem-se observado que desde a criação das delegacias de mulheres o número de incidentes relatados cresceu assustadoramente, fato este visto não apenas como um sinal de aumento dos atos de violência, mas também de uma maior atenção pública dada ao problema. Um número crescente de mulheres vem denunciando maus-tratos porque elas confiam que as delegacias especiais dão o apoio e a proteção de que necessitam. (ROCHA,2000).

Com a positiva experiência, advinda da Delegacia da Mulher, foram instaladas outras unidades nas grandes, médias e pequenas cidades e, atualmente, no Brasil existem 307 delegacias das Mulheres.

Teceremos, a seguir, alguns comentários sobre a realidade das delegacias das mulheres na sociedade brasileira, com enfoque em uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (2001). Esta pesquisa teve como objetivo investigar as condições de funcionamento das delegacias especializadas no atendimento às mulheres (DEAMs), durante o período de setembro de 2000 a março de 2001, coordenada pela antropóloga – Kelly Cristiane da Silva .

Muitas delegacias foram criadas, mas o que se verifica é que as 307 DEAMs, já existentes, não cobrem nem 10% dos municípios brasileiros, e não são poucos os Estados que contam com apenas uma única Delegacia da Mulher. A distribuição das DEAMs no território nacional é absolutamente desigual : 61% no Sudeste; 16% no Sul ; 11% no Norte; 8% no Nordeste e 4% no Centro-Oeste.

A função das delegacias especializadas é definida pela secretaria de segurança pública de cada Estado e , por isso, essa função se diferencia em cada delegacia. Mas a pesquisa mostrou que 93,3% fazem atendimento às mulheres vítimas de violência; 92,13% agregam à essa função o registro, a apuração e a investigação das queixas. Apenas 29,69% das delegacias afirmam ser sua atribuição oferecer atendimento psicológico e social às mulheres.

Apesar da necessidade apontada de desempenhar funções de mediação, conciliação e aconselhamento, 60% das DEAMS afirmam não contar com assistentes sociais e /ou psicólogos em seu quadro de funcionário, o que compromete o bom

desempenho das funções extra - policiais. Somente 10,86% das delegacias contam com uma assistente social; 2,62% contam com duas e 1,87% têm três ou mais. Quanto às psicólogas, 61,24% não possuem este tipo de profissional; 11,98% tem apenas uma psicóloga; 2,62% tem duas, e somente 2,25% contam com mais de três.

As delegacias especiais de atendimentos às mulheres atendem público de gênero e idade diferentes, apontando que elas são entidades de combate e prevenção à violência sexual e doméstica contra as mulheres, sendo também acolhedoras de conflitos e delitos.

Mostrou-se que a estrutura de recursos humanos assim como a estrutura física e tecnológica são extremamente precárias : 32,58% das DEAMs não possuem armas de fogo; 20,60% delas não dispõem de uma linha telefônica convencional direta; 19,1% não possuem viaturas, e 74,16 % não possuem coletes à prova de balas.

As delegacias de mulheres são consideradas de baixo *status* nas corporações policiais e, por isso, acabam recebendo equipamentos ultrapassados e/ou em péssimas condições de funcionamento.

A falta de um banco de dados dificulta o acesso à informações sobre as características das respectivas localidades. Tamanha carência nas condições de funcionamento limita o trabalho policial, colocando em risco a vida das profissionais e apropriando legitimidade do Estado como única instituição detentora do uso da força.

Um outro problema sério é que a maioria dos crimes contra as mulheres são praticados durante o final de semana e no período entre a noite e a madrugada, e 77,15% das Delegacias da Mulher não possuem plantão 24 horas, e 76,4% não funcionam nos finais de semana. Tal fato faz a mulher ter que procurar qualquer Distrito Policial próximo a sua residência ou esperar até segunda-feira para registrar sua queixa - crime. Essa espera pode fazer com que a mulher perca a coragem e não mais queira denunciar o crime sofrido.

Outro aspecto que merece consideração, no meu entender, é com relação ao quadro de funcionários. Sabemos que a Delegacia da Mulher foi criada para atender vítimas mulheres e tal atendimento é realizado por mulheres. Mas, quando a mulher sofre uma

lesão corporal, por exemplo, ela precisa ir ao IML para fazer o exame de corpo de delito, o qual é realizado em um outro local e por um médico legista, em geral do sexo masculino. Tal situação pode favorecer a mulher a desistir de prosseguir com o processo contra seu marido agressor e, assim, o número de crimes que chegam até as delegacias fica muito longe de mapear a realidade da violência contra as mulheres.

O primeiro problema das instituições é o fato de não existirem dados fidedignos sobre a gravidade e sobre o número de ocorrências de violência doméstica que atinge as mulheres. (SCHRITZMEYER,2001)

Um segundo problema encontrado é com relação aos crimes que são denunciados nas delegacias das mulheres. Os crimes passíveis de registro em uma DEAM não são considerados pela polícia como crimes que ameaçam a segurança pública. A violência cometida contra as mulheres , que, sob a ótica jurídica, não ameaça a ordem e o bem estar coletivo, é considerada de menor potencial ofensivo e obtém tratamento diferenciado dos demais crimes passíveis de registro nas delegacias distritais. Este fato acaba por facilitar a impunidade das situações de violência que envolvem mulheres (CONRADO,2001; TELES,2001) .

Com a criação de juizados especiais cíveis e criminais , elaborou-se a Lei 9099/95, de 26 de setembro de 1995, que visa facilitar e acelerar o acesso dos dados processuais à justiça. Os casos de violência doméstica, considerados de natureza leve, passaram a ser encaminhados para o JECRIM, juizado que recebe crimes considerados de menor potencial ofensivo e assim, a violência doméstica passa a ser tratada como algo menor, sem importância relevante, considerada “infração penal de menor potencial ofensivo “ (HERMANN,2000).

Esta lei visa estabelecer a conciliação entre a vítima e o agressor, não permitindo uma maior reflexão dos envolvidos sobre a situação de conflito em que se encontram. Ela prevê também a reparação de danos sofridos pela vítima, aplicando uma pena para o agressor. O agressor não vai preso, há uma pena alternativa que pode ser, por exemplo, uma cesta básica para uma entidade social, como forma de reparar o dano que cometeu contra a mulher (HERMANN,2000).

Mesmo havendo órgãos especializados em registrar queixas de ocorrência de violência doméstica e em ajudar as mulheres a tomarem uma decisão diante da situação de conflito, é com muita frequência que encontramos um elevado número de mulheres que não denunciam ou que optam por retirar a queixa (uma vez tendo sido feita), evidenciando sua permanência na relação abusiva.

Mas, o que faz com que estas mulheres continuem aceitando as agressões por parte de seus maridos ?

A pesquisadora Elizabeth Truninger, citada por LANGLEY & LEVY (1998), enumerou sete razões pelas quais algumas mulheres permanecem com seus companheiros agressores :

- auto – imagem fraca;
- crença de que seus maridos vão melhorar;
- dificuldades econômicas;
- necessidade do apoio econômico do marido para os filhos;
- dúvidas sobre se podem viver sozinhas;
- crença de que o divórcio é algo como um estigma;
- o fato de que é difícil para uma mulher com filhos encontrar trabalho.

Muitas mulheres, que permanecem com o marido agressor, optam por minimizar as agressões sofridas e dessa forma elas elogiam seus maridos, dizendo “ são bons pais (...), não deixam faltar nada em casa ...” (caso 3, caso 11, caso 22)

Por outro lado, há mulheres que decidem romper com o vínculo conjugal, mesmo este tendo vários anos de união, denotando que não mais suportaram viver tantas agressões. O tempo para ocorrer tal decisão varia de mulher para mulher. Pesquisas mostram que inúmeras esposas podem sofrer uma série de agressões graves sem pedir auxílio, enquanto outras podem chamar a polícia após um pequeno desentendimento com o marido(SCHRITZMEYER,2001).

Em geral, são necessários anos até que uma mulher consiga enfrentar o problema e procurar algum auxílio fora de casa. E quando esta tomada de decisão ocorre é porque houve uma mudança no seu comportamento, sendo que ela não mais transfere a necessidade de mudança para seu marido. E, uma vez não estando mais dispostas a sofrer agressões por parte de seus maridos, elas procuram assistentes sociais, líderes religiosos, terapias e delegacias especializadas - Delegacia da Mulher. (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 2001)

Ao resolverem agir, muitas vezes encontram um caminho repleto de obstáculos, que exige delas muita perseverança para lutar e vencer, pois quase todas as agressões acontecem durante os finais de semana, feriados ou durante a noite. Durante esses períodos, é difícil encontrar auxílio, pois as forças policiais encontram-se ocupadas, sendo que assuntos de “ perturbações domésticas “ parecem ter pouca prioridade e, também, as delegacias especializadas encontram-se fechadas.

Diante destes obstáculos, muitas vezes a mulher agredida desiste de procurar auxílio. Isso ocorre não porque a mulher é fraca, e desiste de lutar, mas sim porque ela se dá conta de que a decisão é difícil de ser tomada e sustentada .

Muitas das mulheres agredidas tendem a perceber que a situação é insuportável, mas alegam que estas agressões são ocasionais e, por isso, acreditam que a situação vai melhorar e que o marido vai mudar seu comportamento.

Mas, é sabido que maridos agressores não mudam por si só e que, quando existe alguma mudança numa família violenta, ela vem seguida de alguma atitude tomada pela esposa. E, para que a mulher agredida possa se encorajar e tomar uma decisão, é preciso que haja órgãos especializados e competentes para receber essas mulheres, orientando-as adequadamente.

1.6 - PREVENÇÃO

De tudo o que já foi exposto até agora, neste trabalho, concluímos que a violência contra a mulher é um problema social, político, econômico e de saúde pública, que acarreta inúmeras conseqüências que desequilibram à saúde psicofísica das mulheres em questão.

Desta forma, verificamos o quanto os gastos com a saúde física e mental das vítimas são enormes e o quanto se tornou importante adotar medidas preventivas, que possam reduzir os fatores de risco para a violência, aumentar os fatores de proteção e voltar-se para as determinantes do crime (BEISSMAN, 1994; CABRAL, 1999).

É preciso investigar as possíveis causas dos conflitos para que assim, se consigam evitar agressões futuras, detendo os danos causados às mulheres vítimas e, conseqüentemente, favorecendo uma qualidade de vida e uma melhora nas relações familiares (Ministère de la Sécurité Publique, 1993, citado por CABRAL, 1999).

Para se alcançar o que foi exposto acima, é preciso classificar três tipos de prevenção :

1 - Prevenção Primária : Busca favorecer alternativas democráticas no setor de saúde que enfatizem medidas educativas nas escolas e em casa, a fim de se promover o respeito aos direitos das pessoas, as responsabilidades individuais e o respeito às diferenças.

É preciso favorecer as relações de igualdade entre homens e mulheres, estabelecendo divisões de trabalhos domésticos e o extermínio dos pensamentos que reforçam que o homem deve ser sempre o mais forte emocionalmente. Se homens e mulheres exercem funções similares, o valor de seus salários deve ser igual. Assim, estar-se-á promovendo a cidadania (Ministère de la Sécurité Publique, 1993 – citado por CABRAL, 1999).

2 - Prevenção Secundária : Busca ajudar as mulheres já agredidas pelos seus companheiros. Em primeiro lugar, é preciso que todos os recursos para a prevenção à violência sejam uma prioridade nacional, estadual e municipal . Portanto, folhetos, cartazes, programas de rádio e campanhas pela televisão podem ensinar as pessoas a reconhecer o comportamento violento, além de fornecer informações sobre a maneira de apresentar queixas e promover mudanças nas relações entre os casais.

Uma vez a mulher tendo sofrido agressão, precisa saber que providências deve tomar, ou ainda onde ela deve recorrer. Portanto, as delegacias da mulher devem ter profissionais capacitados para oferecer orientações, por telefone ou pessoalmente, de como a vítima de violência doméstica deve proceder.

Se é preciso que as funcionárias das delegacias especializadas sejam capacitadas para o atendimento destes casos, não podemos deixar de mencionar a importância de um trabalho de perspectiva ampla que requer um treinamento dos profissionais da área da saúde para que eles possam detectar os riscos da violência e identificar as possíveis vítimas de violência familiar, saber como acolhê-las e como encaminhá-las adequadamente para assistência jurídica e psicológica.

Tudo isso se faz necessário porque é muito comum as mulheres agredidas procurarem os serviços de saúde quando percebem algum sintoma ou agravo de saúde. Preocupadas, elas buscam ajuda para sanar os sintomas, mas não contam o que os desencadeou e, assim, a ajuda fica restrita ao tratamento de sintomas como palpitações, insônia, ansiedade, nervosismo etc.

Vale ressaltar a importância de se promoverem cursos e conferências, orientando os médicos, ginecologistas, plantonistas de serviços de emergência para diagnosticar e notificar os casos de mulheres vítimas de violência doméstica (Ministère de la Sécurité Publique, 1993 – citado por CABRAL, 1999).

Considero importante salientar o quanto as funcionárias das delegacias precisam de apoio psicológico para que elas possam dar conta da demanda, pois acima de tudo elas são mulheres e as histórias que elas escutam podem fazer ou já fizeram parte da vida de algumas delas. Oferecendo ajuda a estas funcionárias, estaremos propiciando qualidade no atendimento às vítimas de violência doméstica.

3 - Prevenção Terciária : é preciso conscientizar as mulheres que sofrem violência doméstica, em particular, de que notificar tais atos é fundamental para que se possa reduzir a ação dos agressores.

Para que possa ocorrer a redução das agressões é preciso que haja um aumento das penalidades, que os agressores sejam responsabilizados por seus atos, para que, assim, as mulheres vítimas não tenham a sensação de que nada vale denunciar. (TELES,2001). Portanto, é necessário encorajar as vítimas a denunciarem e a não abandonarem os processos criminais. Para isso, elas devem receber assistência jurídica, psicológica e ajuda de assistentes sociais. Uma vez detectado que mulheres vitimadas estão em situação de risco de agressões mais graves, a conduta é afastá-las do lar, colocando-as em abrigos provisórios, com assistência médica, social e psicológica. (OLIVEIRA et al. 1984).

Prevenir a violência doméstica não é uma tarefa simples, mas se tivermos a execução de medidas efetivas, multidisciplinares e multidiretivas, vindas das áreas médica, jurídica, econômica, social e de líderes comunitários, poderemos colaborar para a diminuição destas ocorrências em nosso país (CABRAL,1999).



2 - OBJETIVOS

2.1 - OBJETIVO GERAL

Fazer um estudo psicossocial das histórias de vida de mulheres vítimas de violência doméstica, que se mantêm na relação conjugal com o companheiro agressor após a notificação dos atos violentos sofridos.

2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os dados obtidos pela entrevista semi-dirigida com o intuito de encontrar alguns aspectos que justifiquem a permanência da mulher na relação de agressão.
- Caracterizar o perfil das mulheres que permanecem na relação conjugal, pesquisando aspectos relevantes de suas histórias pregressas e , também a qualidade das relações conjugais nos quais estas estão inseridas.
- Verificar se há traços de personalidade determinantes em mulheres vítimas de violência doméstica, que permanecem com seus companheiros , quando comparadas com as das mulheres que se separaram após as agressões.
- Verificar o grau de depressão encontrado em mulheres que sofrem violência doméstica e permanecem na relação com o agressor, quando comparado com o grau de depressão das mulheres que desfizeram o vínculo após sofrerem as agressões.



3 - HIPÓTESES

- As mulheres que sofrem violência conjugal e permanecem na relação de agressão, apresentam graus de depressão mais acentuados quando comparados com o grau de depressão existente no grupo de mulheres que se separam após sofrerem as agressões.
- Não há um “ perfil de personalidade “ característico da mulher que após sofrer constantes agressões por parte do marido, ainda mantém a relação conjugal com o agressor.



4 - MÉTODO

Trata-se de um estudo caso-comparativo (FORATINI,1980), onde trabalharemos com uma amostra composta por 44 mulheres, divididas em dois grupos distintos : o de estudo e o comparativo, sendo que as mulheres do grupo de estudo são aquelas que , mesmo tendo sofrido violência conjugal, notificadas na Delegacia da Mulher de Campinas, permanecem na relação conjugal. E as mulheres do grupo comparativo são aquelas que , após sofrerem violência conjugal e notificarem judicialmente esses atos, romperam a relação com o agressor.

Os boletins de ocorrência, registrados na Delegacia da Mulher de Campinas, tiveram uma leitura cuidadosa, para que se pudessem selecionar as mulheres que se enquadravam em alguns critérios de inclusão e exclusão.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO PARA O GRUPO DE ESTUDO

- Terem sofrido violência doméstica, como lesão corporal, abuso físico e psicológico, pelo marido ou amásio;
- Faixa etária entre 20 e 50 anos. Esta faixa foi escolhida por concentrar, estatisticamente, a maior porcentagem de mulheres acometidas por atos de violência, segundo inúmeros estudos. (BEISSMAN, 1994; BRUNET,1994)
- Terem registrado queixa na Delegacia da Mulher de Campinas entre os anos de 1999 e 2000;
- Possuírem telefone para que seja possível contactá-las e, assim, marcar a data para entrevista;
- Estarem convivendo com o marido ; mantendo-se na relação de agressão;
- Possuírem capacidade intelectual para colaborar na coleta de dados.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO PARA O GRUPO DE ESTUDO

- Mulheres que sofreram violência, mas que não foi cometida pelo marido ou amásio;
- Mulheres que não possuem telefone residencial ou de recado que possibilite o contato com elas;
- Mulheres que não tenham condições sócio- culturais ou mentais (deficientes mentais) para compreenderem e responderem as questões.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO PARA O GRUPO COMPARATIVO

- Terem sofrido violência doméstica, como lesão corporal, abuso físico e psicológico, pelo marido ou amásio;
- Faixa etária entre 20 e 50 anos. Esta faixa foi escolhida por concentrar, estatisticamente, a maior porcentagem de mulheres acometidas por atos de violência;
- Terem registrado queixa na Delegacia da Mulher de Campinas entre os anos de 1999 e 2000;
- Possuírem telefone para que seja possível contactá-las e, assim, marcar a data para entrevista;
- Terem rompido com a relação de agressão ;
- Possuírem capacidade intelectual para colaborar na coleta de dados.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO PARA O GRUPO COMPARATIVO

- Mulheres que sofreram violência, mas que não foi cometida pelo marido ou amásio;
- Mulheres que não possuem telefone residencial ou de recado que possibilite o contato com elas;
- Mulheres que não tenham condições sócio-cultutrais ou mentais para compreenderem e responderem as questões.



5 - PROCEDIMENTOS

As mulheres, vítimas de violência doméstica foram selecionadas de acordo com os critérios de inclusão e exclusão e convocadas por telefone. Esta foi a melhor maneira que encontramos para convidá-las a participarem da pesquisa pois, se mandássemos um comunicado pelo correio, vários fatores intercorrentes poderiam acontecer, como o seu extravio, alteração de endereço ou, até mesmo, a possibilidade de o marido vir a abrir a correspondência antes da esposa, o que poderia colocá-la em situação de perigo.

Uma vez, as mulheres participantes, estando de acordo com os objetivos e procedimentos da pesquisa, foram agendados para comparecerem em encontros individuais com duração de uma hora.

As participantes forneceram as informações oralmente, após o pesquisador ter lido pausadamente cada pergunta, assegurando-se de que estas estavam compreendendo todas as questões. Durante as entrevistas, o pesquisador possibilitou a escuta livre para que as histórias e aspectos da vida das participantes pudessem surgir e, assim, colaborassem para os dados da pesquisa. Quanto aos outros dois instrumentos : Beck Depression Inventory e o Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI), foram entregues para cada participante para que elas respondessem na própria folha.

Quanto aos eventuais comentários feitos pelas participantes durante a entrevista, estes foram anotados após ao término da entrevista ou feita alguma anotação com palavras-chave para que não houvesse qualquer tipo de constrangimento às participantes.

5.1 - LOCAL

Esta pesquisa foi realizada na Delegacia da Mulher de Campinas, em uma sala localizada na área externa da casa. Esta sala, cedida pela Delegada Titular, proporcionou às participantes, condições de sigilo, privacidade e comodidade .

5.2 - INSTRUMENTOS

1 - Utilização de documentos escritos oficiais – registros em boletins de ocorrência, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão para os grupos de estudo e comparativo.

2 - Anamnese - questionário, composto por questões abertas e fechadas, como : antecedentes pessoais, característica sócio demográficas... Esta anamnese- questionário foi baseada naquela publicada no livro *Psiquiatria Clínica* de Mayer – Gross; Slater; Roth. Algumas questões foram adaptadas para a problemática desta pesquisa, visando favorecer o discurso livre das entrevistadas, no que se refere à violência e ao vínculo conjugal. (Beissman, 1994 e Cabral, 1989). O roteiro se encontra em anexo.

3 - Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI) . O inventário é composto por 566 proposições. Sua aplicação é a mais usada para evitar qualquer tipo de viés em vários outros testes de personalidade , distribuindo de modo equivalente as respostas “significativas” nas categorias “ certo e errado “.

Utilizou-se do MMPI reduzido, composto por 366 questões, por ser mais rápido, eficaz e preciso como o completo; podendo ser utilizado em pessoas de nível intelectual baixo. (BARBIERI,1996) Este teste é aplicado individualmente, visando avaliar traços de personalidade. O MMPI, caracteriza-se como Inventário por apresentar ao examinando uma série de proposições estruturadas, as quais fornecem uma resposta fechada do tipo certo / errado. Esta estruturação permite ao MMPI ser classificado como uma técnica objetiva de avaliação de traços de personalidade.

4 - A aplicação do Beck Depression Inventory composto por 21 grupos de afirmações . (Beck et al., 1961) e versão revisada (Beck et al., 1979). Este inventário é muito utilizado no mundo inteiro para avaliar a depressão. Ele é composto por questões subjetivas com valores de 0 a 3 para a participante assinalar com um círculo a alternativa que mais se aproxima do que vem sentindo ultimamente.

5.3 - ANÁLISE DOS DADOS

O estudo psicossocial de mulheres, vítimas de violência doméstica, apresenta uma carga histórica, política, cultural e ideológica que não pode ser contida apenas em uma fórmula numérica ou em um dado estatístico. Considera-se importante interpretar os dados visíveis, que podem ser medidos quantitativamente mas, consideramos importante compreender também, os dados qualitativos, que estão ligados aos significados, aos motivos, as crenças, aos valores e as atitudes. Dessa maneira, realizamos um estudo quali-quantitativo.

“ A dialética entre qualitativo e quantitativo, assume que a qualidade dos fatos e das relações sociais são suas propriedades inerentes, ensejando-se assim a dissolução das dicotomias quantitativos/ qualitativos Possuem uma interligação e se complementam qualquer pesquisa social que pretenda realizar um aprofundamento maior da realidade, não pode ficar restrita ao referencial apenas quantitativo. “ (MINAYO, 2000)

5.4 - ANÁLISE QUALITATIVA

1 - Preparação e descrição do material bruto : os dados serão obtidos a partir de documentos escritos oficiais (Boletins de Ocorrência) e de entrevistas. A preparação deste material visa transcrever fidedignamente as informações fornecidas pelas participantes e, seqüencialmente, juntá-las com observações feitas pela pesquisadora, seja de uma expressão verbal ou não- verbal. Assim, cada participante terá um banco de dados, facilitando outras etapas da análise a posteriori. (CONTANDRIOPOULOS et al, 1999)

2 - Redução dos dados : O objetivo é reduzir e estruturar a gama de informações geradas na descrição do material bruto, ressaltando componentes do discurso e associando-os aos temas de interesse para o estudo.

Dois procedimentos foram utilizados : um resumo, apresentando o relato dos acontecimentos ou dos conteúdos das entrevistas com cada participante; um segundo procedimento, que é a codificação, que consiste em atribuir categorias a partes de discursos

bem circunscritas e que apresentem uma grande unidade conceitual. Vários códigos podem ser atribuídos a um mesmo elemento do discurso, alguns visam ao objetivo descritivo (indicar incidência de um acontecimento) e outros visam a um objetivo analítico ou teórico – analisar conteúdos. (CONTANDRIPOULOS et al, 1999)

3 - Análise transversal : Usa - se esta análise para verificar se existe réplica dos resultados entre os casos selecionados para esta pesquisa. Interessante perceber se as características das mulheres que permaneceram na relação conjugal, são as mesmas que as das mulheres que não permaneceram com seus companheiros, por exemplo. (CONTANDRIPOULOS et al, 1999)

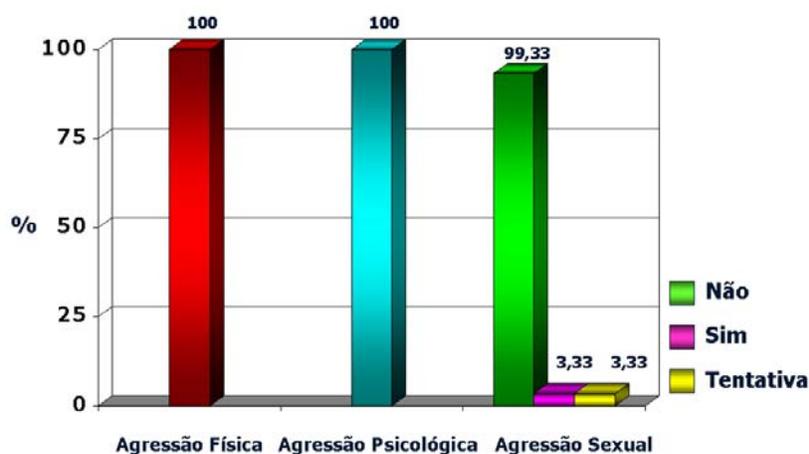
5.5 - ANÁLISE QUANTITATIVA

Os dados foram estudados por meio de uma análise estatística, utilizando-se tabelas de frequência das variáveis, comparando-se os grupos de estudo e comparativo, através dos testes de significância (ao nível de 5 %) Qui-Quadrado e Teste de Fischer. (FLEISS,1981 ; CONOVER, 1971)



***6 - RESULTADOS
E DISCUSSÃO
DOS CASOS***

GRUPO A



GRUPO B

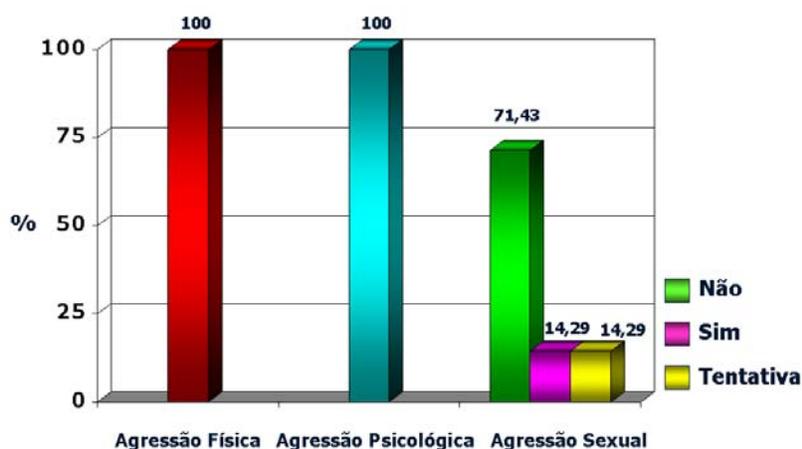


Gráfico I - Distribuição das 44 mulheres, participantes deste trabalho, segundo o tipo de violência sofrida e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Analisando os dados dos gráficos, podemos perceber que em todos os casos notificados as mulheres sofreram tanto agressões físicas quanto psicológicas (100%). Quanto às agressões sexuais (marido que obriga a mulher a fazer sexo de maneira que ela não aprova ou em momentos em que não está com desejo), verificamos diferenças entre os

dois grupos estudados, ou seja, no grupo de mulheres que permanecem com o companheiro agressor encontramos 93.99 % que disseram não ter sofrido agressões sexuais, enquanto 3.33 % disseram ter sofrido e 3.33 % relataram ter sofrido tentativas de agressões sexuais . Já no grupo de mulheres que romperam com o vínculo conjugal, encontramos 71.43% que disseram não ter sofrido agressões sexuais, 14.29% que sofreram agressões sexuais e 14.29% que sofreram tentativas de agressões sexuais. Esses dados, quando comparados, denotam uma tendência a ser significativos, com um $p=0,092$, o que pode ser interpretado que a agressão sexual, quando ocorre, é um fator que pode colaborar para a ruptura do vínculo.

Diante desses dados, verificamos que a violência doméstica ocorre de forma combinada com agressões que se iniciam com as psicológicas (humilhações, privações de afetos etc) e evoluem para as físicas, como fraturas de costelas e/ou braços, espancamentos etc desencadeando conseqüências à saúde da mulher, seja à saúde física – queimaduras, hematomas e manifestações psicossomáticas (taquicardia e dores no peito) – ou mental (medo, isolamento social, ansiedade, depressão etc). (LANGLEY & LEVY, 1980; AZEVEDO, 1985; COSTA & RIBEIRO & MOREIRA,1992 ; BEISSMAN, 1994 ; CABRAL, 2000).

Considerando as agressões físicas e psicológicas, muitas mulheres relatam que estas últimas são muito piores que as físicas, pois são cometidas impiedosamente, sem marcas denunciáveis pelo corpo, apenas na mente, o que torna muito mais difícil denunciá-las e as autoridades competentes acreditarem nas queixas relatadas (CABRAL,2000) .

Quanto à violência sexual, percebemos o quanto é a mais camuflada e a mais silenciada pelas mulheres a ela submetidas. Isso ocorre porque a grande maioria delas acredita que manter relações sexuais com o seu companheiro faz parte do casamento, querendo ou não. Mesmo porque na maioria dos países, incluindo o Brasil, o estupro pelo marido é um fenômeno que não existe legalmente (GIFFIN, 1994).

Um outro aspecto, ainda em referência à violência sexual, é o fato de que, quando ocorre, pode ser um fator que mobiliza muito as mulheres vitimadas no meio doméstico a se separarem. Põe em evidência os valores morais, religiosos e culturais da mulher, principalmente quando lhes são exigidos o sexo anal e o sexo oral, que servem mais ao prazer que à procriação.

Diante de qualquer tipo de violência (física, verbal ou sexual), sabemos o quanto incide fundamentalmente sobre a saúde da mulher, ocasionando sérias e graves conseqüências não só para o seu pleno desenvolvimento, comprometendo o exercício da cidadania e dos direitos humanos, mas também para o desenvolvimento econômico e social do país (devido ao absenteísmo ao trabalho). (BALLONE,2003).

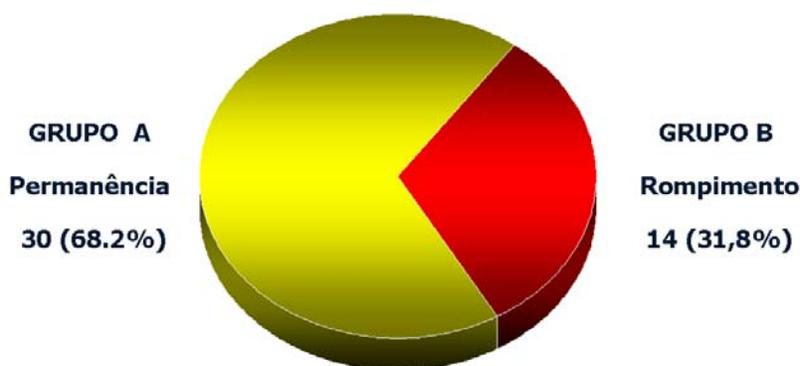


Gráfico II - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo a permanência e / ou rompimento do vínculo conjugal após a violência doméstica.

Tabela I - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo os motivos que fizeram com que permanecessem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

GRUPO A

| Motivo 1 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|------------|------------|-------------|----------------------|
| Chance | 1 | 3.3 | 1 |
| Dó | 6 | 20.0 | 7 |
| Ele mudou | 4 | 13.3 | 11 |
| Filhos | 13 | 43.3 | 24 |
| Financeiro | 1 | 3.3 | 25 |
| Segurança | 2 | 6.7 | 28 |
| Medo | 1 | 3.3 | 29 |
| Religião | 1 | 3.3 | 30 |

GRUPO A

| Motivo 2 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|-----------------|-------------------|--------------------|-----------------------------|
| Bens materiais | 1 | 6.3 | 1 |
| Bom pai | 2 | 12.5 | 3 |
| Esperança | 1 | 6.3 | 4 |
| Filhos | 4 | 25.0 | 8 |
| Financeiro | 6 | 37.5 | 14 |
| Medo | 2 | 12.5 | 16 |

GRUPO B

| Motivo 1 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|------------------|-------------------|--------------------|-----------------------------|
| Amor próprio | 1 | 7.1 | 1 |
| Cansou de sofrer | 12 | 85.7 | 13 |
| Acabou o amor | 1 | 7.1 | 14 |

GRUPO B

| Motivo 2 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|-------------------|-------------------|--------------------|-----------------------------|
| Acabou o respeito | 1 | 100 | 1 |

O número de mulheres que permaneceram no vínculo conjugal foi de 68.2% contra 31.8 % que o romperam. Diante desses dados surge uma questão: o que acontece com estas mulheres para que a relação não seja rompida ?

Esse tipo de questionamento aparece tanto nas instituições que lidam com esta temática quanto na própria literatura (LANGLEY, 1980; GOLDENBERG,1989; GROSSI,1994; SAFFIOTI & ALMEIDA,1995), que consideram os mecanismos existentes em nossa sociedade como meios que inviabilizam a saída da relação violenta, permanecendo em evidência somente o denominado fracasso da mulher para levar a cabo o processo de ruptura do vínculo conjugal.

Ao escutarmos as histórias de vida das mulheres, vítimas de violência doméstica, foi possível perceber o quanto as emoções, presentes na formação de laços afetivos, comprometem a ruptura do vínculo conjugal, pois, conforme visto na literatura, Giffin (1994) e Heise (1994) apontam que devido ao fato de o agressor ser um conhecido

íntimo, as sensações de vulnerabilidade e fragilidade nas mulheres aumentam, deixando-as com menos possibilidade de se protegerem e mais propensas a aceitarem a vitimização como sendo parte da sua condição de mulher. E, uma vez tendo esta compreensão, podemos dizer que às mulheres deixam de ser exigidas à uma tomada de decisão sem reflexão, pois de nada adiantaria uma separação se ela não revisse consigo mesma suas questões, que mobilizam a sujeição à uma agressão.

Dessa forma, os estudos de BOWLBY (1990) em muito contribuem, quando ele diz que o comportamento de ligação é concebido como qualquer outra forma de comportamento, que resulta em que uma pessoa alcance ou mantenha a proximidade com algum outro indivíduo diferenciado e preferido, o qual é considerado mais forte e/ou mais sábio. E uma vez encontrado este parceiro, a tendência é se manterem próximos um do outro. Quando, por qualquer razão, se separam, cada um deles procurará o outro, mais cedo ou mais tarde, a fim de reatar a proximidade. A manutenção inalterada de um vínculo afetivo é sentida como uma fonte de segurança.

“ Estou com ele porque ele foi e é o único homem da minha vida... eu só conheço ele...” (caso 6)

“ Acabei ficando com o meu marido porque eu não quero ficar sozinha, ele me dá segurança; com ele eu sei que ninguém vai mexer comigo e nem vai me assaltar... “ (caso 13)

“ Tem alguns motivos que me fizeram ficar com o meu marido ... o medo que eu tenho de ter que enfrentar a vida sozinha. “ (caso 37)

Ao questionarmos as mulheres sobre os motivos que a fizeram permanecer na relação de conflitos, encontramos 43.3% que relataram preocupação com os filhos, não querendo que estes pudessem vir a ter qualquer tipo de prejuízo com a ausência da figura do pai, seja no aspecto econômico ou emocional; 20% disseram sentir dó do companheiro. Como motivos secundários, encontramos 25% que alegaram questões financeiras e 25% , devido aos filhos.

Essas justificativas parecem ocultar outros motivos mais significativos, como por exemplo: baixa auto-estima ; sociedade preconceituosa; medo de ficarem sozinhas, sem o companheiro; distímia (depressão leve, que impossibilita as mulheres de buscarem

ajuda); questões religiosas, que fazem as mulheres sentirem-se culpadas pela separação, acreditando que o casamento deva ser indissolúvel e que, se está passando por alguma dificuldade, é porque ela tinha que passar por aquela provação, ou ainda, porque Deus quis assim; fatores sócioeconômicos, que retratam a realidade das mulheres que recebem baixos salários ou que não possuem qualquer rendimento pessoal dificultando sua saída da casa por não terem para onde ir. Enfim, por problemas econômicos e sociais, a mulher se submete ao marido, mesmo quando a relação é insuportável. (SADOCK, 1996 ; CABRAL, 2000)

Portanto, a partir das idéias supracitadas pode-se chegar a conclusão de que as causas da permanência dessas mulheres no vínculo conjugal, são múltiplas e complexas por excelência, devendo ser consideradas não isoladamente mas sim, no contexto em que se apresentam. Assim, é válido ressaltar a importância de se considerar a história individual de cada mulher, em todas as suas nuances (sua infância, suas experiências educacionais, religiosas e sociais, suas características de personalidade etc)

Referindo-se às mulheres que romperam o vínculo conjugal, verificamos o quanto elas conseguem pensar nelas próprias, justificando a separação por terem cansado de sofrer (85.7%) e, como motivo secundário, por ter acabado o respeito (100%) .

Dessa forma, quando as mulheres conseguem deixar de viver a vida do companheiro, buscando somente satisfazê-lo, podemos dizer que elas estão capacitadas para uma tomada de decisão, a partir de uma reflexão a respeito de precisarem realmente aceitar ou não atos de violência e serem submissas aos maridos, atribuindo-lhes poderes.

Teceremos mais à frente comentários sobre cada fator que dificulta o rompimento do vínculo.

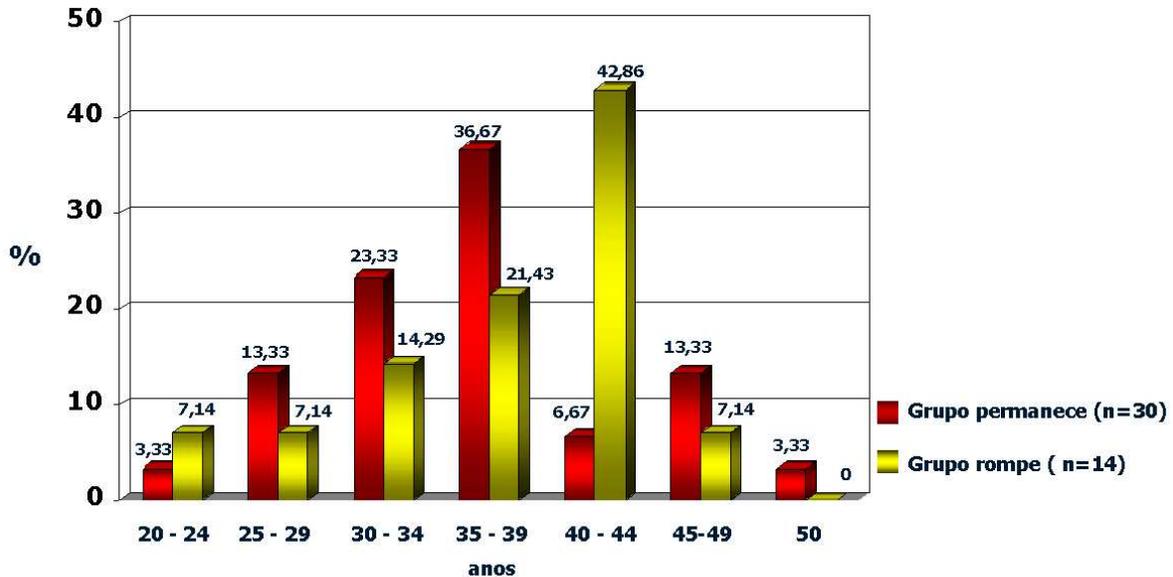


Gráfico III - Distribuição das 44 mulheres, participantes deste estudo, segundo a faixa etária e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Verificando os dados do gráfico III, observamos que a maior porcentagem de mulheres que permanecem no vínculo conjugal encontra-se na faixa etária entre 35 e 39 anos (36.67 %), enquanto a maior porcentagem das que rompem o vínculo conjugal encontra-se entre 40 e 44 anos (42.86 %). Essas faixas etárias também foram encontradas em alguns estudos nacionais e internacionais, como os de Beissman (1994) ,Brunet (1994) e Cabral (2000) .

Comparando os dois grupos, encontramos um $p=0,4264$, o qual não mostrou ser significativo ao nível de 5%, mas podemos dizer que a violência doméstica é um fenômeno tão complexo que atinge e submete tanto as mulheres da geração mais nova, em fase produtiva para o trabalho, dentro e fora do lar, quanto as da geração mais antiga, que foram educadas com valores mais rígidos para casar, ter filhos, cuidar da casa e submeter-se ao marido. (Tavares, 2000; Aldrighi,2001; Conrado,2001)

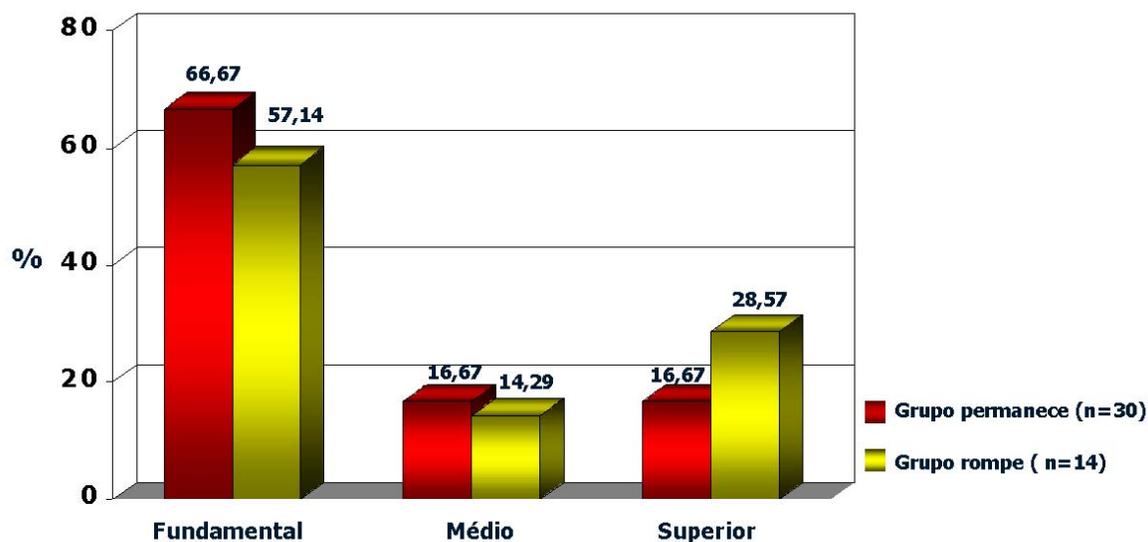


Gráfico IV - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o grau de escolaridade e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Observando os dados deste gráfico, verificamos que, das mulheres que permanecem no vínculo conjugal, cerca de 66.67% possuem nível fundamental; 16.67% têm nível médio e 16.67% têm curso superior. Quanto às mulheres que romperam o vínculo, cerca de 57.14% possuem nível fundamental, 14.29% têm nível médio e 28.57% curso superior. Estes dados se aproximam dos encontrados em trabalhos realizados por Beissman (1994) e Cabral (2000).

De acordo com os dados estatísticos, constatamos que há uma maior concentração na categoria do ensino fundamental, para os dois grupos, não se podendo concluir que as mulheres que possuem nível de escolaridade mais baixo são as que mais permanecem no vínculo conjugal, pois os números encontrados não se mostraram significativos (ao nível de 5% na comparação entre os dois grupos), assim como não dá para dizer que a mulher que rompe com o vínculo apresenta um grau elevado no nível de escolaridade porque os números encontrados também não foram significativos ao nível de 5%.

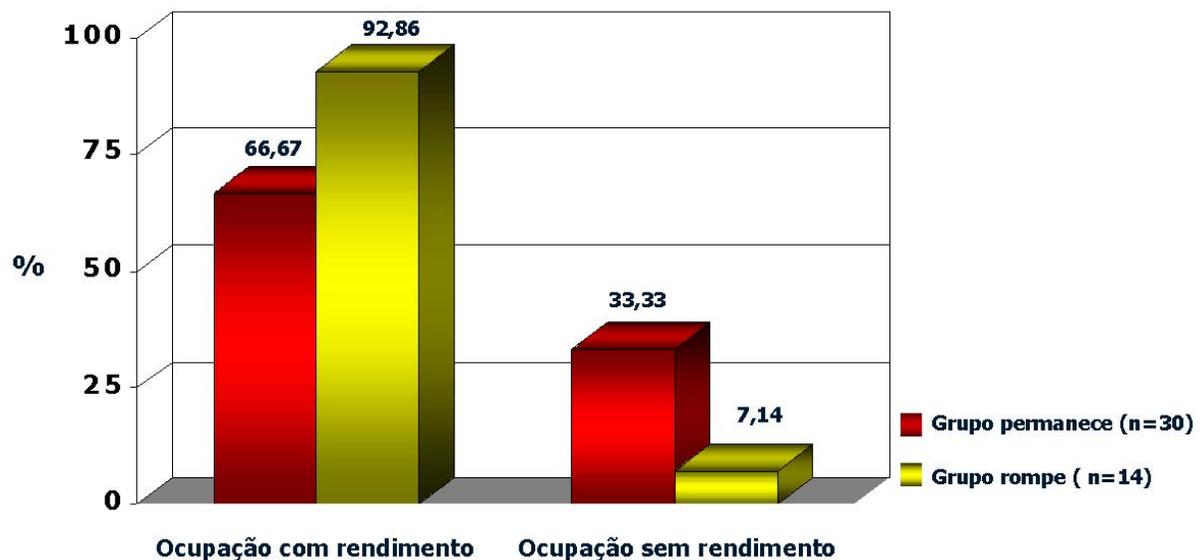
Embora saibamos que a denúncia de violência conjugal é mais visível entre a população de baixa renda e, conseqüentemente, de menor nível de escolaridade, a literatura nos mostra que há uma diversidade nos níveis sócioeconômico e cultural dos casais que se envolvem freqüentemente com agressões físicas. E, portanto, o grau de escolaridade baixo não parece ter uma relação direta, causal, com o uso da violência nas discordâncias conjugais e nem na dissolução dos vínculos. (AZEVEDO,1985 ; LANGLEY & LEVY,1980)

Neste fator talvez influa a visibilidade do problema para os vizinhos, amigos e parentes. Devido às moradias das classes mais baixas serem próximas, é mais fácil que os vizinhos escutem as brigas e denunciem as agressões, fazendo com que as mulheres busquem os meios públicos para a notificação e resolução dos problemas, enquanto os ricos buscam soluções mais sigilosas, procurando advogados, médicos da família ou, até, podem camuflar os problemas por mais tempo.

Tabela II - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a ocupação atual e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

| Grupo Rompe N=14 | Freqüência | Porcentagem | Freqüência Cumulativa |
|-----------------------------|-------------------|--------------------|------------------------------|
| Do lar | 1 | 7.1 | 6 |
| Babá | 1 | 7.1 | 1 |
| Cabeleireira | 2 | 14.3 | 3 |
| Costureira | 1 | 7.1 | 5 |
| Doméstica | 4 | 28.6 | 10 |
| Professora | 1 | 7.1 | 11 |
| Psicóloga | 1 | 7.1 | 12 |
| Cobradora de ônibus | 1 | 7.1 | 4 |
| Servidora pública Federal | 1 | 7.1 | 13 |
| Serviços gerais | 1 | 7.1 | 14 |

| Grupo Permanece N=30 | Frequência | Porcentagem | Frequência Cumulativa |
|--------------------------------|-------------------|--------------------|------------------------------|
| Ajudante limpeza | 1 | 3.3 | 1 |
| Assistente social | 1 | 3.3 | 2 |
| Auxiliar administrativa | 1 | 3.3 | 3 |
| Auxiliar de enfermagem | 2 | 6.7 | 5 |
| Comerciante | 1 | 3.3 | 6 |
| Costureira | 1 | 3.3 | 7 |
| Do lar | 9 | 30.0 | 16 |
| Doméstica | 8 | 26.7 | 24 |
| Estudante | 1 | 3.3 | 25 |
| Merendeira | 1 | 3.3 | 26 |
| Professora | 1 | 3.3 | 27 |
| Promotora de vendas | 2 | 6.7 | 29 |
| Vendedora | 1 | 3.3 | 30 |



P = 0.0759

Gráfico V - Distribuição das 44 mulheres deste trabalho, tendo em vista sua ocupação ser ou não com rendimento, e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Observando os dados da tabela II, verificamos que, no grupo de mulheres que permanecem no vínculo conjugal, a concentração maior está na ocupação empregada doméstica (26.67 %) e do lar (30.0 %). E no grupo de mulheres que rompem o vínculo conjugal, a concentração maior também está na ocupação de doméstica (28.6 %).

Referindo-se ao gráfico V , verificamos uma tendência de significação, com um $p= 0,0759$, em que 33.33% das mulheres que permanecem com o companheiro violento não possuem ocupação com rendimento; 66.67% das mulheres deste grupo (A) exercem funções como ajudantes de limpeza, domésticas, professora, promotora de vendas, auxiliar de enfermagem e assistente social, com salários que variam de 1 a 3 mínimos, em média.

Quanto às mulheres do grupo que romperam o vínculo conjugal, encontramos 92.86% delas exercendo funções remuneradas como babá, costureira, cabeleireira, doméstica, psicóloga, cobradora de ônibus. Apenas 7.14% não possuem qualquer renda pessoal.

A possibilidade de trabalho com rendimento contribui, de maneira relevante, para a composição da renda familiar, quando não são , praticamente, o arrimo da família. Tal realidade pode ajudar a mulher, vítima de violência doméstica, a reforçar sua autoconfiança para ganhar a vida sozinha e, se necessário, romper com a relação de conflito. (BRUSCHINI, 1990; BRAGHINI, 2000)

Tabela III - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a renda pessoal e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

| | Média | Desvio Padrão | Máxima | Mediana | Mínima |
|-----------------|--------|---------------|--------|---------|--------|
| Grupo A N=30 | 400.07 | 443.37 | 1600 | 300 | 0 |
| Grupo B N=14 | 838.57 | 987.46 | 3500 | 375 | 180 |

Quanto à renda pessoal, constatamos que as mulheres que rompem o vínculo conjugal possuem uma mediana de salário no valor de R\$ 375,00, enquanto as que decidem permanecer no vínculo possuem uma mediana no valor de R\$300,00. Uma vez esses dados tendo sido comparados, encontramos um $p=0,0941$, o que denota uma tendência significativa no nível de 5%.

As mulheres que permanecem no vínculo conjugal possuem uma renda supostamente inferior à das mulheres que decidem rompê-lo . Logo, concluímos que não basta ter um atividade remunerada para as mulheres quererem romper com o companheiro agressor. Necessita haver uma renda suficiente que lhes permita a subsistência, principalmente quando têm filhos.

Sendo assim, muitos autores como Azevedo (1985), Beissman (1994) e Cabral (2000) relataram, em seus estudos, que uma grande parcela das mulheres que vivenciam violência doméstica e permanecem no vínculo conjugal trabalham em ocupações pouco rendosas, ou não trabalham fora do domicílio, o que favorece a submissão ao marido e dificulta sair de casa, devido aos problemas econômicos e sociais, mesmo quando a permanência é insuportável. O mesmo fato é relatado em outros estudos como os de KÉROUAC & TAGGART (1994).

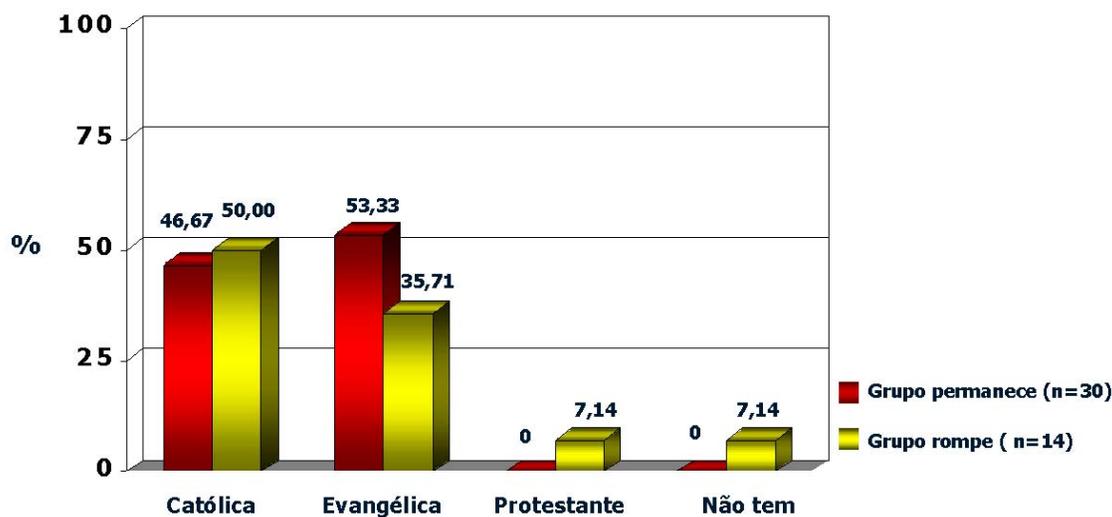


Gráfico VI - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a religião praticada pelas mulheres e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Observando os dados estatísticos, verificamos que, entre as mulheres que permanecem no vínculo conjugal, as religiões evangélica (53.33 %) e católica (46.67 %) são as mais praticadas, enquanto no grupo que romperam o vínculo conjugal, as práticas religiosas foram a católica com 50.0 % e a evangélica com 35.71 %.

Quase todas as mulheres deste estudo possuem e praticam uma religião, com exceção de 7.14 % ,que disseram não ter qualquer prática religiosa. De uma certa maneira, isto vem demonstrar que muitas mulheres acabam se utilizando da religião para justificar a ocorrência de violência conjugal e a sua permanência no casamento violento.

“Meu marido era muito violento, mas hoje ele é batizado na igreja evangélica e não me agride mais...” (Caso 11)

“ Eu só agüento toda essa situação porque eu ainda acho que Deus vai me dar uma solução para isso...” (Caso 19)

“ Diariamente eu rezo a oração : Deus concedei-me a serenidade para aceitar as coisas que eu não posso modificar. Coragem para modificar aquelas que posso e sabedoria para distinguir e perceber as diferenças. “ (caso 23)

“ Todas essas agressões que eu sofro é falta de Deus... meu marido precisa encontrar Deus na vida dele. “ (caso 24)

“ Se ele deixar Deus entrar no coração dele, ele tem tudo para mudar e aí eu posso perdoá-lo e voltar com ele. “ (Caso 31)

Para Freud (1927-1931), a religião é um jogo de escolha e adaptação, que impõe a todos , igualmente, o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento. O homem, sentindo-se aflito pelas dificuldades, privações e sofrimentos da vida em sociedade, se defende por meio de idéias religiosas expressas nas práticas e ritos, que prometem alívio para as suas necessidades.

Portanto, as dificuldades vivenciais e adaptativas do homem, juntamente com os sofrimentos ameaçadores da realidade, o impulsionam ao encontro da religião na busca da felicidade. (Freud, 1927-1931)

Muitos estudos mostram que as crenças religiosas podem ser um fator de ajuda, colaborando para aumentar a possibilidade de suportar as agressões e buscar meios de resolução dos conflitos através da fé, das conversas com os líderes religiosos (pastores, padres etc). Para outros, podem ser um fator negativo, colaborando para aumentar os sentimentos de culpa pela separação, facilitando a submissão e o aumento das agressões.

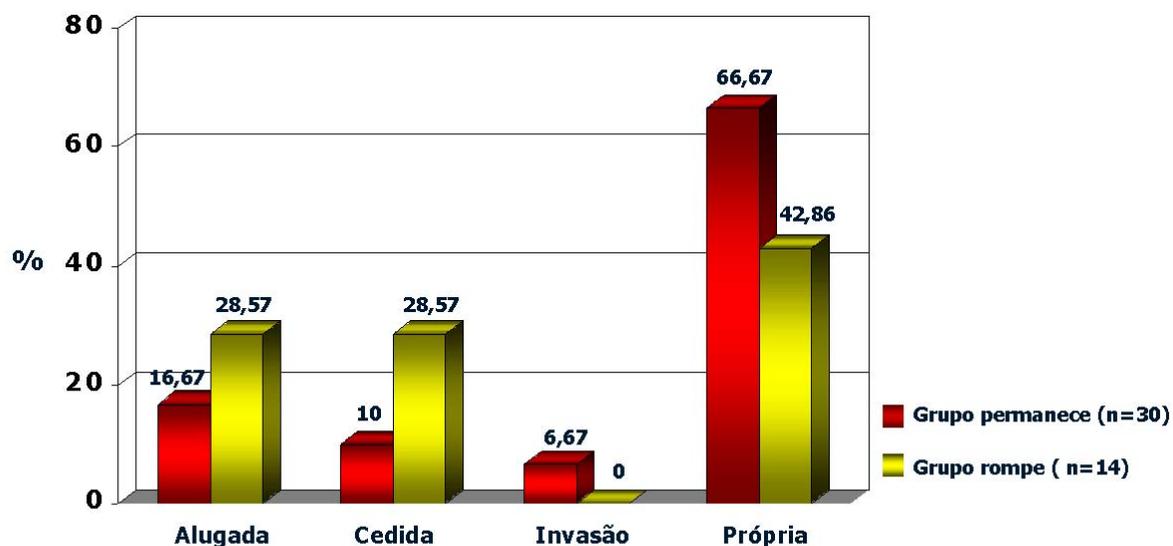


Gráfico VII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo as condições de moradia que o casal possui e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Analisando os dados do gráfico VII, verificamos que, no grupo das mulheres que permanecem no vínculo conjugal, 66.67% disseram que possuem casa própria, adquirida junto com o companheiro; quanto ao grupo das que romperam o vínculo, encontramos 42.86% que disseram ter adquirido casa própria junto com o companheiro.

Refletindo sobre esses dados numéricos, quando confrontados com os relatos das mulheres vitimadas, foi possível perceber o quanto elas possuem dificuldades de romper o vínculo por não quererem sair de suas casas, deixando-as para os seus

companheiros. Afinal, elas garantem ter ajudado na construção da mesma, seja com o dinheiro de seu próprio trabalho, seja pela economia que elas tiveram que fazer nos gastos domésticos. Um relato de uma delas diz : “ meu marido me disse que se eu não estou feliz sou eu que devo ir embora, sair de casa. Mas, eu ajudei a comprar esta casa e não acho justo ter que ir embora e deixar tudo de mão beijada prá ele, e eu mesma ficar sem um teto prá morar, tendo que morar na casa dos outros de favor. ” (Caso 16)

O valor simbólico da casa refere-se a uma parte essencial do projeto familiar. Possuir uma casa própria é a meta tanto para a família com melhores condições de vida quanto para aquelas de poder aquisitivo mais baixo. Sendo assim, quando se alcança tal meta, fica inviável abrir mão, pois a difícil situação econômica não permite a compra ou aluguel de uma nova casa.

E, nesse sentido, podemos compreender o significado do elevado número de mulheres que são agredidas e continuam com seus companheiros.

Ao mesmo tempo que possuir uma casa é um projeto de vida para as pessoas, podemos entendê-la como sendo muito mais do que uma simples moradia, ou seja, do que apenas um lugar para morar.

Ter uma casa não implica necessariamente ter qualidade de vida e dizer que neste espaço a pessoa está segura e protegida, pois, conforme visto na literatura, 70% das agressões contra as mulheres acontecem dentro de casa pelo próprio marido. (SCHRITZMEYER, 2001)

BRUSCHINI (1990) diz que a casa deve ser considerada um espaço de privacidade e de intimidade, representando o lugar onde as relações são personalizadas.

Para MORAES (1999), ter um lar é diferente de ter uma moradia. Esta última pode se caracterizar como sendo o espaço físico, o lugar que se tem para morar, enquanto o lar configura a qualidade das relações interpessoais, a densidade da solidariedade familiar e o nível de respeito que os membros de uma família mantêm entre si. Portanto, o lar se apresenta como um espaço que deve ser harmônico e acolhedor, que traga conforto, segurança e proteção, no qual as pessoas se relacionam afetivamente com empatia e compreensão.

Quando os lares não são considerados lugares de convívio familiar, encontramos um nível de violência absolutamente aterrador, o que faz deste lugar um espaço de maior perigo, quando comparado ao da esfera pública.

Portanto, o significativo não é possuir casa própria mas, sim, qualidade de vida familiar. E, quando nos referimos às mulheres vítimas de violência conjugal, percebemos que o significado de lar acolhedor e de proteção é inexistente, e a presença de alguns fatores faz com que permaneçam no vínculo com o agressor.

Um desses fatores, já citado anteriormente, é a difícil situação econômica, que não permite às mulheres alugar ou comprar uma outra casa. E, também, a opção de voltar para a casa dos pais é um fator de interferência, porque implica assumir tanto as agressões sofridas quanto a sua dependência. Além de que, muitos pais podem não aceitar suas filhas de volta alegando, como visto em um dos relatos, que “se a filha saiu de casa para se casar, é preciso que esta arque com as conseqüências”.

“ Meu pai disse casou agora aguenta ...eu falei que ele não era a pessoa certa para você. “ (Caso 3)

A partir de tudo o que vimos, podemos dizer que, mesmo possuindo uma casa, é preciso levar em consideração se nesta há qualidade de vida, pois permanecer no vínculo conjugal apenas por não ter para onde ir implica na manutenção de um lar violento.

Tabela IV - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o número de cômodos existentes na casa em que residem e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

| | Média | Desvio Padrão | Máxima | Mediana | Mínima |
|-----------------|--------------|----------------------|---------------|----------------|---------------|
| Grupo A N=30 | 5,6 | 2,21 | 14 | 5 | 3 |
| Grupo B N=14 | 4,86 | 1,83 | 8 | 4,5 | 3 |

Tabela V - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o número de pessoas que com elas residem na casa e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

| | Média | Desvio Padrão | Máxima | Mediana | Mínima |
|-----------------|--------------|----------------------|---------------|----------------|---------------|
| Grupo A N=30 | 4,1 | 1,3 | 8 | 4 | 2 |
| Grupo B N=14 | 3,14 | 1,7 | 7 | 3 | 1 |

Tabela VI - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o número de filhos e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

| | Média | Desvio Padrão | Máxima | Mediana | Mínima |
|-----------------|--------------|----------------------|---------------|----------------|---------------|
| Grupo A N=30 | 2,07 | 1,55 | 8 | 2 | 0 |
| Grupo B N=14 | 1,86 | 1,1 | 4 | 2 | 0 |

Os dados encontrados nas tabelas IV , V e VI permitiram-nos constatar que o número de cômodos , o número de pessoas residentes na casa, inclusive o número de filhos, não se mostraram significativos ao comparar os dois grupos, o que denota que não são esses dados que propiciam a permanência no e/ou rompimento do vínculo conjugal. Mas, favorece um campo propício para a ocorrência da violência. Embora exista violência em todas as classes sociais, o excesso de pessoas residindo num mesmo ambiente, a falta de privacidade e as aglomerações humanas, acabam sendo fatores precipitadores de conflitos.

Knobel, citado por Beissman (1994), diz que a moradia não se restringe apenas a um problema social , pois ela possui uma repercussão psicológica na saúde geral e mental do indivíduo, o que pode colaborar para desencadear a agressividade no relacionamento familiar.

Diante de tudo o que foi mencionado acima, é preciso que saibamos discernir, em estudo relacional com elementos espaciais, duas categorias que são interativas, mas, distintas: o espaço físico e o espaço emocional. Em várias investigações com cobaias (ratinhos), que tiveram sistematicamente seu espaço reduzido, notaram-se somatizações significativas. Em se tratando de seres humanos, devemos ver que, além de necessitarem de espaço físico que lhes garanta privacidade, precisam de espaço emocional (espaço esse que pode inexistir nas grandes moradias, pois depende da qualidade das relações interpessoais) (MORAES,1999).

No entanto, as tabelas IV, V e VI nos mostram que, de um lado, os vínculos conjugais não são necessariamente rompidos por algo como o pouco espaço ou o trânsito familiar limitado; de outro lado, podemos notar quanto o estreitamento físico-ambiental cria campo mais propício para ocorrência das violências.

Tais tabelas sugerem que o importante é a relação de maior ou menor equilíbrio entre espaço físico e espaço emocional. Isto é: uma família, cujas relações emocionais são positivas (boas), pode viver razoavelmente bem em um espaço exíguo. Outro grupo familiar pode mostrar-se extremamente suscetível ao pouco espaço físico, por ser, seu espaço emocional de relações, empobrecido. Em suma: estes dados nos levam a refletir sobre a dinâmica que existe entre os seres humanos, na dialética entre os espaços físico e emocional, que são realidades interativas e interdependentes.

Tabela VII - Distribuição das 44 mulheres, participantes deste trabalho, segundo o tempo de namoro, considerando o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

| | Média | Desvio Padrão | Máxima | Mediana | Mínima |
|-----------------|--------------|----------------------|---------------|----------------|---------------|
| Grupo A N=30 | 15,17 | 15,92 | 84 | 12 | 1 |
| Grupo B N=14 | 25,36 | 23,36 | 84 | 16 | 3 |

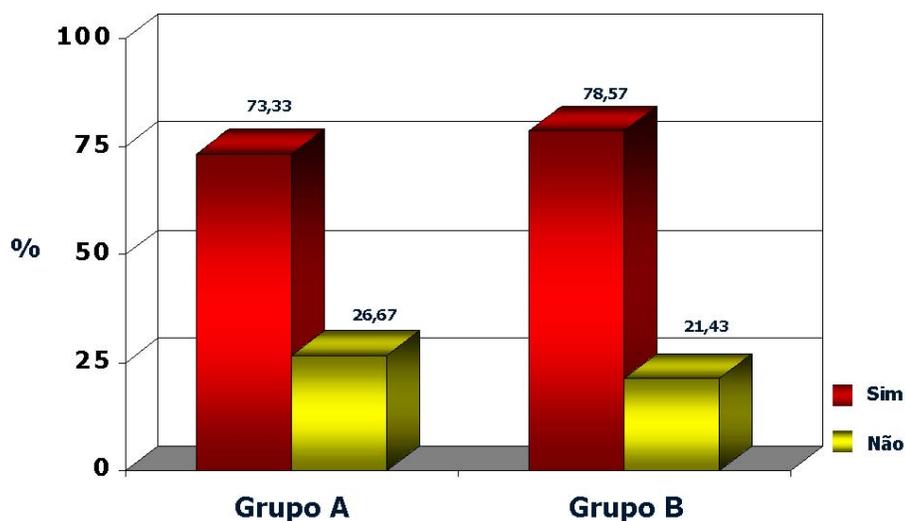


Gráfico VIII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a ocorrência de experiência pré-matrimonial, considerando o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Observando os dados da tabela VII, verificamos que não há grau de significância ao nível de 5% ($p=0,1331$) entre os dois grupos, evidenciando que, em ambos, o tempo de namoro é relativamente curto, com mediana de 1 ano para o grupo de mulheres que permanecem no vínculo conjugal e de 1 ano e 4 meses para as mulheres que decidem romper o vínculo.

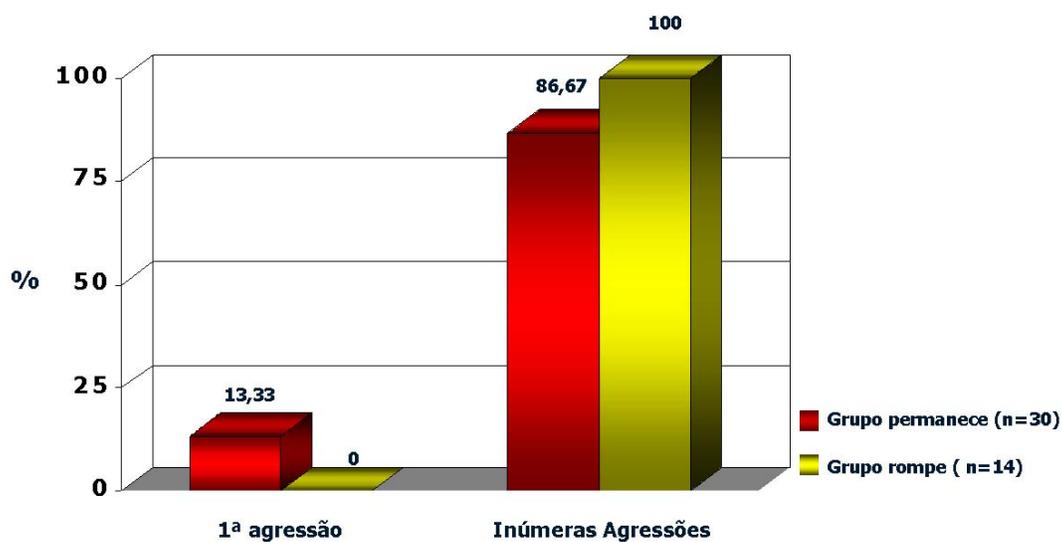
Esses dados podem ser compreendidos com a citação de algumas mulheres que disseram ter sido criadas num ambiente de severidade de costumes e de aspectos culturais que faziam, dos pais, figuras muito rígidas, os quais não permitiam um namoro extenso de suas filhas, pois isto era motivo de difamação.

Observando os dados do gráfico VIII, verificamos que 73.33% das mulheres que permanecem no vínculo conjugal relatam ter tido relações sexuais com seus companheiros antes do casamento, enquanto no outro grupo verificou-se que 78.57 % tiveram relações conjugais com seus parceiros antes do casamento. Esses dados não se mostraram significativos ao nível de 5% ($p=1,00$).

Em alguns casos, em que as mulheres assumiram que tiveram experiências pré-matrimoniais, relatam que fizeram isso às escondidas dos pais, expressando sentimentos de medo caso eles viessem a descobrir. Isso pode ser compreendido com o pensamento de Beauvoir (1980), ao relatar que o destino anatômico, o ritual social e moral diferem do homem para a mulher, sendo que a civilização patriarcal colocou para a mulher a castidade e, ao homem, maior liberdade para satisfazer seus instintos sexuais. A satisfação dos desejos sexuais para a mulher fica confinada ao casamento, sendo que o ato carnal fora do matrimônio é considerado uma falta de virtude, que suscita desprezo.

Desta maneira, conforme visto em D`Incao (2000), as mulheres, rigidamente educadas, acabavam encontrando no casamento a solução para se livrar dos problemas de relacionamento com seus pais. E devido ao pouco tempo de enamoramento, fica difícil conhecer o parceiro, saber das suas atitudes (saber se ele é ou não agressivo), ter percepção das dificuldades na convivência, e na tolerância das diferenças pessoais etc.

Como as mulheres sempre sofreram e ainda sofrem preconceitos, podemos verificar o quanto elas acabam permanecendo no relacionamento, não optando pela separação, pois esta seria mais um estigma que sofreriam. A mulher separada tem associada uma imagem de que, não sendo mais virgem, pode perder o controle dos impulsos sexuais e dos valores morais, estando disponível à solicitação sexual de qualquer homem.



P = 0.290

Gráfico IX - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o número de vezes em que já sofreram violência e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Observando os dados do gráfico IX, verificamos que, no grupo de mulheres que permanecem no vínculo conjugal, 86.67% disseram ter sofrido inúmeras agressões (mais de duas) e 13.33 % relataram ter sofrido apenas uma agressão. No grupo de mulheres que romperam com o vínculo, encontramos 100% que disseram ter sofrido inúmeras agressões (mais de duas).

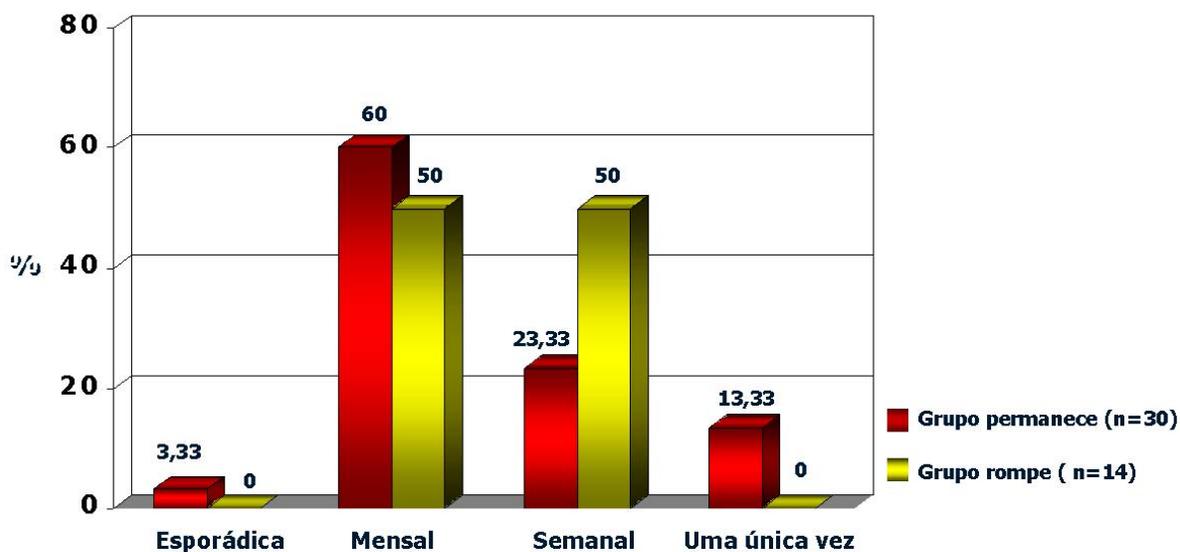
Esses dados, quando comparados, não se mostraram significativos ao nível de 5%, ou seja, para romper o vínculo não interessava o número de agressões, mas, sim, outros fatores que reuniremos nas conclusões.

Tabela VIII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o tempo de submissão às agressões que vêm sofrendo e o fato de permanecerem (grupo A) ou não(grupo B) no vínculo conjugal.

| | Média | Desvio Padrão | Máxima | Mediana | Mínima |
|-----------------|-------|---------------|--------|---------|--------|
| Grupo A N=30 | 9.93 | 6.77 | 22 | 9 | 1 |
| Grupo B N=14 | 9.21 | 9.61 | 37 | 5 | 2 |

Observando os dados da tabela VIII, verificamos que as mulheres que permanecem no vínculo conjugal vêm sofrendo uma mediana de 9 anos de agressões , contra uma mediana de 5 anos de agressões sofridas pelas mulheres que decidiram por romper com o vínculo conjugal.

Esses dados, quando comparados, não se mostraram significativos ao nível de 5%.



$P = 0,227$

Gráfico X - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a frequência das agressões e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Observando os dados do gráfico X, verificamos que 60% das mulheres que permanecem no vínculo conjugal dizem sofrer agressões todos os meses (uma a duas vezes por mês). Quanto ao grupo de mulheres que decidem por romper com o vínculo conjugal, 50% dizem ter sofrido agressões mensalmente e 50 %, semanalmente.

Esses dados, quando comparados, não se mostraram significativos ao nível de 5%.

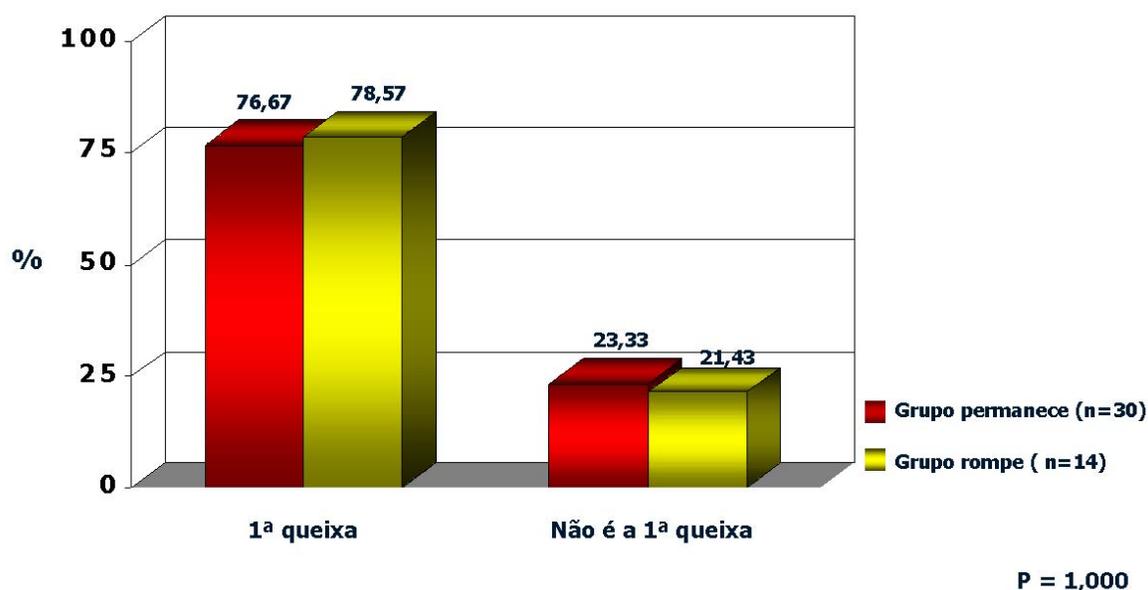


Gráfico XI - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o número de vezes em que fizeram queixa das agressões sofridas e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Observando os dados do gráfico XI, verificamos que no grupo de mulheres que permanecem no vínculo conjugal 76.67% relatam que apenas uma única vez deram queixa das agressões sofridas, e 23.33% que dizem não ter sido a primeira vez que deram queixa. No grupo de mulheres que romperam com o vínculo conjugal, encontramos 78.57% que disseram ter feito apenas uma queixa das agressões sofridas, e 21.43%, não ter sido a primeira vez que deram queixa das agressões.

Comparando os gráficos IX, X e XI e tabela VIII:

É sabido que a maioria das histórias de agressão física no lar começam com agressões verbais, depois pequenos empurrões, alterações no ambiente físico, onde o marido deixa de fazer alguma coisa, como não colocar dinheiro na casa. As mulheres acham que sozinhas vão resolver essa questão, só que a situação vai se agravando, até que explode em uma grave agressão física. Essa primeira agressão, de acordo com os dados estatísticos, é a menos denunciada, pelo fato de as mulheres acreditarem que tal agressão ocorreu porque o marido estava fora de si ou por estar com problemas no trabalho... Quando vem a segunda, a terceira agressão, estas vão buscar ajuda na delegacia especializada e aí a violência denunciada não é a primeira e, sim, mais uma de uma longa série. (SCHRITZMEYER,2001)

COSTA , RIBEIRO e MOREIRA (1992) também perceberam que entre a primeira violência sofrida e a denúncia há um prolongado intervalo de silêncio. E, para MOREIRA (2002), esse silêncio ocorre por uma série de razões, dentre elas : constrangimento, valores machistas que a nossa sociedade apresenta e, também, pelo acesso restrito a algum tipo de ajuda.

Após sofrer agressões por muitos anos, as mulheres resolvem romper com o silêncio, geralmente quando não suportam mais viver as violências, quando elas se deparam com a exaustão, com a percepção de que, sozinhas, não poderão evitar as agressões e nem transformar o comportamento do companheiro. Ou, ainda, porque o silêncio pode ter se tornado insuportável, levando-as a pedirem ajuda, socorro, esperando encontrar um ouvinte que se torne seu possível aliado (COSTA & RIBEIRO & MOREIRA,1992).

O momento em que a mulher se insurge contra os abusos acontece de forma muito individual. Depende muito da história de cada uma delas e de seus limites para suportar uma violência. Existem mulheres que procuram a delegacia ao primeiro sinal de ameaça e, outras, que vão à delegacia para relatar muitas agressões sofridas anteriormente (agressões sutis desde o namoro e, também, no início do casamento).

De acordo com a pesquisa de Langley & Levy (1980), as mulheres chegam à decisão de terminar um casamento somente após uma série de espancamentos e reconciliações. São apontados diversos fatores que contribuem para esta postura : baixa auto-estima, condição sócioeconômica, a criação dos filhos, crenças do papel da mulher no casamento e, ainda, a vergonha diante da revelação de tais fatos. Existe a vergonha de ser surrada e de admitir o que aconteceu com ela, e essa vergonha traz uma vontade de tentar esconder tudo o que for possível e continuar mantendo-se no casamento.

Para Grossi (1998), algumas mulheres não permitem que a violência física se instale na relação do casal. Quando acontece, elas são firmes e impõem limites. Mas isto parece ocorrer sob o efeito gangorra, ou seja, a mulher procura a delegacia de defesa da mulher, funcionando como um “freio” à violência, pois o boletim de ocorrência amedronta o marido, deixando-o bonzinho , dizendo que nunca mais vai agredi-la. Com isso, a mulher controla o comportamento de seu marido, mas, com o passar do tempo , na dinâmica da relação surgem os conflitos, o companheiro torna a agredi-la e esta tem sua auto - estima fragilizada, e novamente busca ajuda. Assim, cria-se a circularidade de poder na relação.

“ Enfim, parece ser um passo importante e uma decisão, muitas vezes , difícil, conflituosa e ambígua a de denunciar as agressões e buscar ajuda, principalmente quando o agressor é um inimigo íntimo, em que, na relação, amor e ódio se misturam.”
(GUERRA,1997)

Uma vez instalada a situação de violência entre o casal, sabemos que não só as mulheres sofrem as conseqüências, mas o País (devido aos gastos com a saúde da mulher serem muitos) e, principalmente, os filhos; a começar pelas conseqüências ao País, o Banco Mundial de dados afirmou : a) a existência de uma relação entre o número de faltas das mulheres no trabalho (absenteísmo no trabalho, justificado por motivos de saúde) e a sua vitimização de violência doméstica; constatou-se que 1 em cada 5 dias de faltas no trabalho feminino decorre de violência doméstica. Isso chega a ser um número muito alto. Nos Estados Unidos, são gastos 4 bilhões de dólares por ano em atendimentos médicos e licenças devido à ausência de mulheres nos seus trabalhos, por motivo de violência doméstica; b) nos países industrializados , estima-se que a violência sexual e doméstica tira 1 em cada 5 anos de vida de mulheres entre 15 e 44 anos. (SCHRITZMEYER, 2001)

Quanto às crianças que residem com os pais, sabemos que muitas das agressões ocorrem na presença delas, e isso pode deixá-las vulneráveis a problemas emocionais, estando muitas vezes propensas ao abuso de álcool e outras substâncias, quando adolescentes ou adultos. Os meninos, quando adultos, podem tornar-se também agressores de mulheres e as meninas podem tornar-se vítimas, considerando a violência como um meio de resolver conflitos e uma parte, integrante de um relacionamento íntimo. Portanto, o ciclo repetitivo da violência doméstica acaba se instalando. (CABRAL,1990 ; SADOCK,1999).

Sofrer violência e não denunciar apresenta inúmeras repercussões que não dizem respeito somente às mulheres mas, também aos filhos e à economia do País. Portanto, a violência doméstica tem sido salientada como uma questão de saúde pública pela American Medical Association e outras organizações nacionais. (SADOCK,1999).

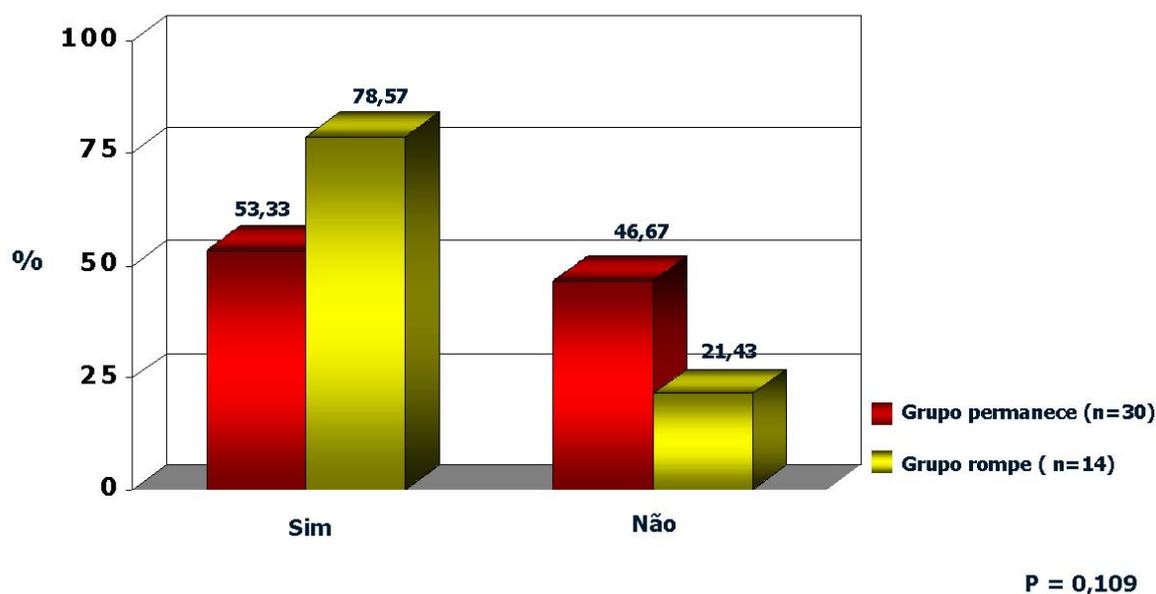


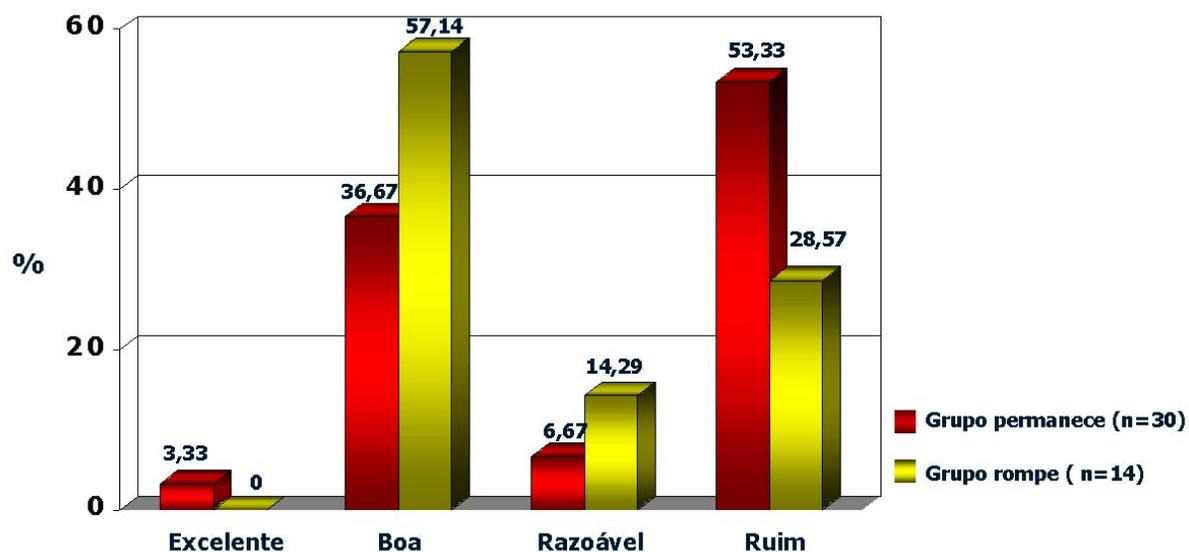
Gráfico XII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o fato de relatarem ter reagido às agressões e o fato de permanecerem (grupo A) ou não(grupo B) no vínculo conjugal.

De acordo com os dados deste gráfico, verificamos que 53.33 % das mulheres que permanecem no vínculo conjugal dizem ter reagido às agressões (com agressões físicas e verbais recíprocas), enquanto no grupo de mulheres que romperam com o vínculo conjugal encontramos 78.57 % que tiveram tal reação.

Embora esses dados não tenham se mostrado significativos ao nível de 5%, nota-se um sinal de crescimento do percentil estatístico daquelas mulheres que , enfrentando suas adversidades, reagem às agressões sofridas. Afinal, um percentil de 53.33% não é pequeno ou desprezível.

Todavia, a diferença estatística (que é de 25,24%) mostra-nos grande significação, no sentido de ser ainda muito maior o percentil daquelas mulheres que, oprimidas pelas agressões, aparentemente vêm-se sem forças para reagir e encontram como caminho mais viável a não ruptura do vínculo conjugal.

É certo que as abordagens dos meios de comunicação de massas, como as revistas Isto É, Veja, Época, a televisão e os resultados dos movimentos feministas (que inspiraram a criação de delegacias policiais para mulheres) têm produzido efeitos sociais que alertando as mulheres e diminuindo a passividade feminina. No entanto, o quadro acima mostra-nos que, de todo modo, as cifras estatísticas ainda não nos permitem afirmar que o “ mito da mulher que apanha calada" e que tem isto como sua “sina" ou destino, vem declinando.



P = 0,346

Gráfico XIII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho , segundo o fato de terem relatado como é a relação conjugal quando não há agressões e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Observando os dados do gráfico XIII, verificamos que, no grupo de mulheres que permanecem no vínculo conjugal, 36.67% disseram que sua relação com o companheiro, quando não havia agressão, era boa, e 53.33% disseram ser ruim. Já no grupo das que romperam com o vínculo, encontramos 57.14% que disseram que a sua relação com o companheiro era boa, quando não tinha agressão, e 28.57% disseram ser ruim.

Embora não tenham sido significativos ao nível de 5%, os dados nos são muito úteis para compreender o que faz uma mulher permanecer no vínculo conjugal, quando ela própria relata que, mesmo não havendo agressão, sua relação com o companheiro é ruim (sem diálogo, sem companheirismo).

Podem-se encontrar na literatura algumas explicações a respeito dos processos psicoemocionais que conduzem a tal situação.

Cabral (2000), por exemplo considera que as mulheres, quando agredidas por seus companheiros, são tomadas por sentimentos de inutilidade e impotência diante da vida e da dor, fazendo-as ficar na relação de conflito.

Para Rinfret-Raynor (1999), os sentimentos depressivos de baixa auto-estima, de apatia e de desânimo, gerados neste clima de violência, acabam dificultando as mulheres a buscarem ajuda e resoluções para seus sofrimentos.

Outra contribuição pertinente para esta análise é a de Bowlby (1985), o qual relata que a criança estabelece uma relação de apego com a mãe ou sua substituta durante o desenvolvimento; este apego é considerado o definidor de todos os vínculos subseqüentes com outros objetos. Para ele, o vínculo infantil pode ser explicado pela idéia de que existe nos bebês uma propensão inata para o contato físico intenso com um ser humano. Nesse sentido, além do conforto e do alimento , desde os primórdios da vida, é preciso que se tenha outros objetivos tão primários quanto estes. Tais objetos referem-se ao fato de ser imprescindível manter contatos físicos, os quais revelam um caráter tão primordial quanto a existência do conforto e do alimento.

A partir disso, podemos considerar esta necessidade como proveniente do medo de adoecer, que, de acordo com o referido autor, é inerente ao ser humano. Referindo-se às mulheres vítimas de violência doméstica, pode-se dizer que estas provavelmente aceitam permanecer na relação de conflito porque, ao serem agredidas, estão tendo um contato físico, mesmo que este não seja bom. E, devido ao medo de adoecerem, permanecem no vínculo conjugal, mesmo ressaltando que, sem agressão, sua relação com o companheiro é ruim.

Considerando tudo o que mencionamos acima, podemos dizer que tais colocações obtidas na revisão da literatura coincidem com os dados encontrados por meio da aplicação do Beck Depression Inventory e do Minnesota Multiphasic Personality (MMPI), sobre os quais teceremos considerações em tabelas subseqüentes.

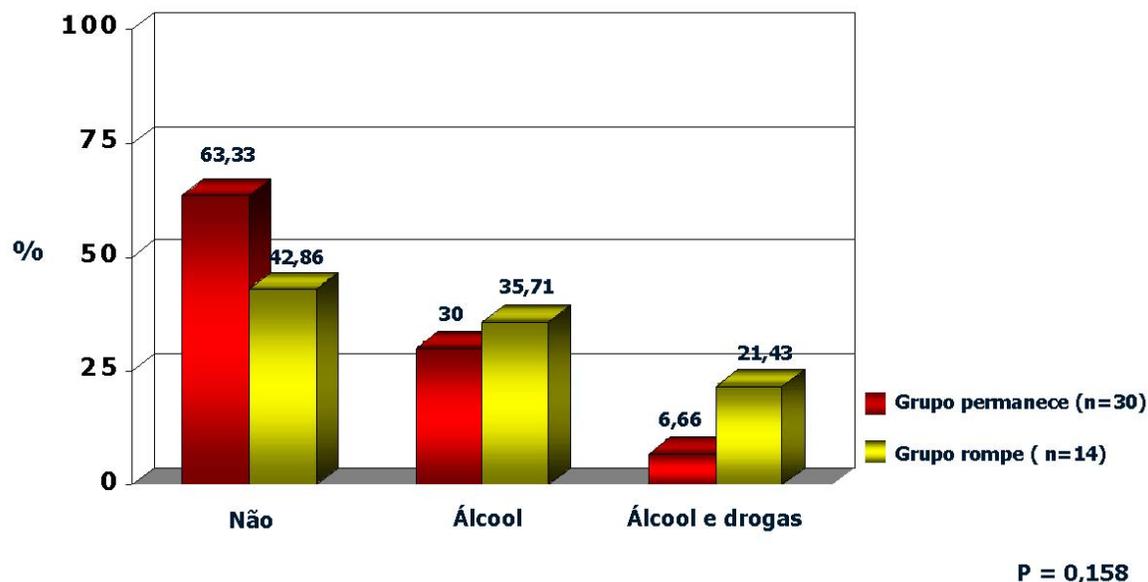


Gráfico XIV - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo a presença de algum agravo para a ocorrência das agressões e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Através dos dados deste gráfico, observamos que, no grupo A, 63.33 % dos maridos não estavam alcoolizados no momento da agressão ; 30% haviam ingerido bebida alcóolica, e em 6.66 % havia a presença de álcool e drogas. Quanto às mulheres do grupo B (romperam o vínculo conjugal), encontramos que 42.86 % dos maridos não se encontravam alcoolizados; 35.71 % haviam ingerido bebida alcóolica e em 21.43 % havia a presença de álcool e drogas.

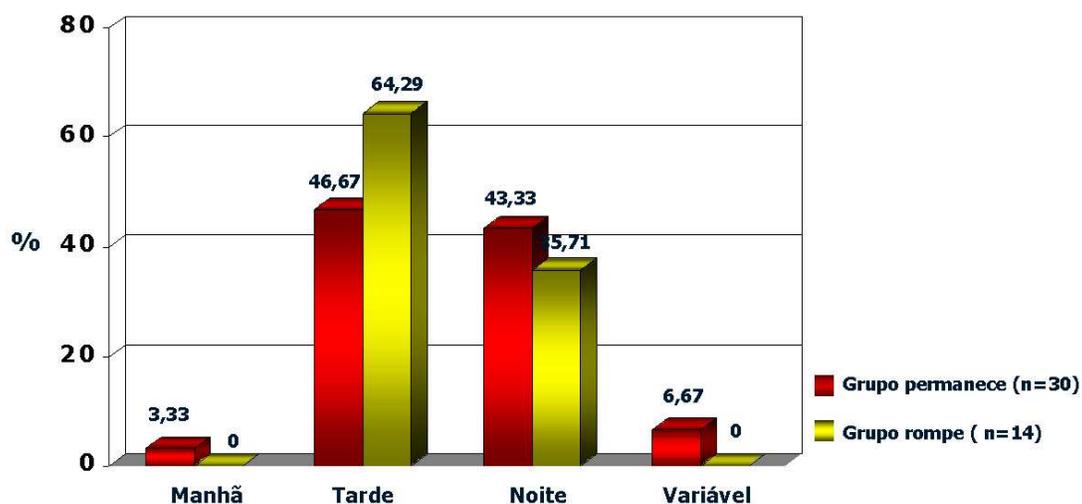
Os dados percentuais , quando comparados entre os grupos, não se mostraram significativos para o fato do uso de bebida alcóolica e/ou outras drogas, não denotando associação direta do uso de álcool e/ou outras drogas na eclosão dos atos de violência .

Bertolote, citado por CARDIM & AZEVEDO (1991) distingue duas modalidades de alcoolismo : a primária na qual não se encontra fator físico ou psíquico que possa ser responsabilizado pelo início ou manutenção da ingestão de álcool; e a secundária na qual o início ou manutenção da ingestão do álcool é decorrente da existência prévia de dificuldades físicas ou psicológicas que são eliminadas ou aliviadas pelo efeito do álcool. Aqui encontram-se as depressões, transtornos de ansiedade, traços psicológicos como timidez e insegurança.

Tendo como base essas informações, encontramos trabalhos científicos como os de TAVARES (2000); ALDRIGHI (2001) e CONRADO (2001), que apontam a presença de episódios agressivos nas famílias devido ao consumo de bebida alcoólica, mas há outros estudos, como os de JOHNSON (2000) e BALLONE (2003), que falam da existência de uma correlação entre o uso abusivo do álcool e uma questão social e cultural, que faz o homem acreditar que tem o poder absoluto sobre a mulher, que ela é sua propriedade.

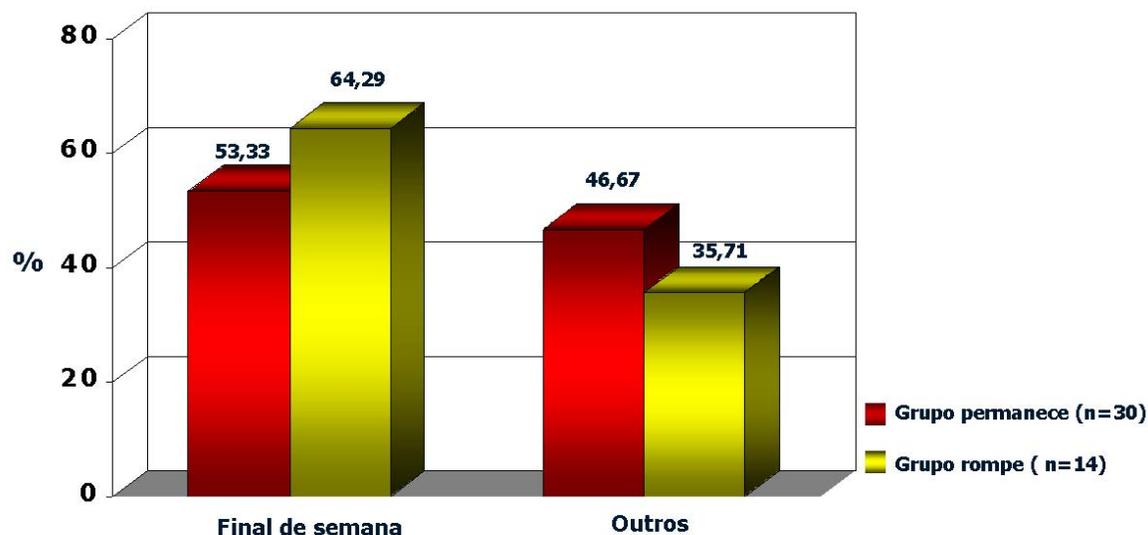
A WISE (Women's Issues and Social Empowerment), citada em Aldrighi (2001), considera o álcool um fator precipitador e facilitador das reações violentas, mesmo sabendo que esta não seja a causa principal e que o alcoolismo não pode ser usado como uma desculpa para a violência, pois muitos homens, que não bebem, são violentos com suas parceiras, assim como o contrário também acontece.

Cabral (1989) considera que, apesar das evidências associando o alcoolismo à violência doméstica, parece haver ainda outros fatores, como : sócio-culturais, educacionais e de personalidade. Assim, o uso abusivo de álcool, isoladamente, não explica estas ocorrências, visto haver numerosos casos de alcoolistas que não agredem suas esposas.



P = 0,701

Gráfico XV - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o horário em que as agressões ocorrem e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.



P = 0,534

Gráfico XVI - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o dia em que as agressões costumam ocorrer e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Observando os dados das tabelas XV e XVI, verificamos que, no grupo de mulheres que permanecem no vínculo conjugal, 46.67% relatam ter sido agredidas no período da tarde, e 43.33 %, no período da noite, enquanto no grupo de mulheres que romperam, encontramos 64.29% que disseram ter sofrido agressões à tarde e 35.71 %, à noite.

Embora não tenham se mostrado significativos ao nível de 5%, esses dados nos ajudam a refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelas vítimas de violência doméstica, quando estas ocorrem nos finais de semana e no período entre a tarde e a noite.

De acordo com a Pesquisa Nacional sobre as condições de funcionamento das Delegacias Especializadas nos atendimentos às mulheres, desenvolvida pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, no período entre 2000 e 2001, constatou-se também que a maioria dos crimes contra a mulher é praticada durante os finais de semana e no período entre a tarde e a noite , o que denota um grande problema, pois 76.4% das delegacias especializadas não funcionam nos finais de semana.

Uma vez a delegacia especializada não estando aberta, as mulheres podem procurar ajuda em qualquer Distrito Policial mais próximo de sua residência ou, então, aguardar até segunda-feira. Mas devido à não disponibilidade da delegacia nos finais de semana (momento em que elas mais precisam de ajuda), muitas mulheres deixam de procurar auxílio e, conseqüentemente, acabam não denunciando as agressões.

Do exposto acima, podemos entender um dos motivos da existência de distorções estatísticas no que se refere à incidência real da violência doméstica, pois fica difícil saber o número exato de mulheres agredidas, se as notificações não são sempre realizadas, pelas questões assinaladas acima.

Tabela IX - Distribuição das 44 mulheres participantes deste estudo segundo o local do corpo que mais sofreu agressão e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

GRUPO A

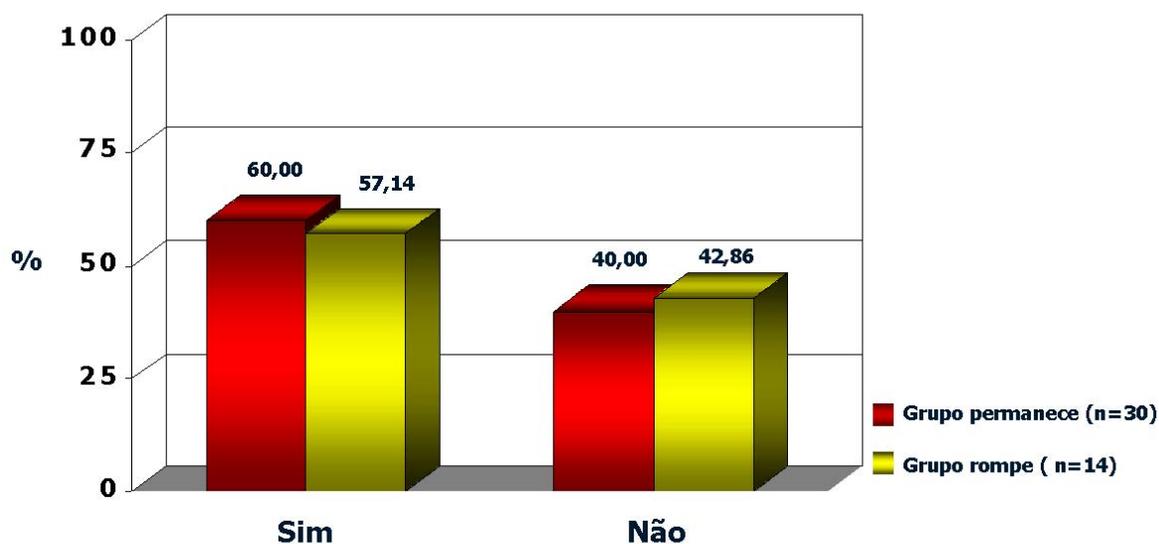
| Local do Corpo | Freqüência | Porcentagem | Freqüência Cumulativa |
|-----------------------|------------|-------------|-----------------------|
| Braço | 1 | 3.3 | 1 |
| Braço/pernas | 1 | 3.3 | 2 |
| Braço/rosto | 1 | 3.3 | 3 |
| Cabeça | 1 | 3.3 | 4 |
| Cabeça/costas | 1 | 3.3 | 5 |
| Cabeça/pernas | 1 | 3.3 | 6 |
| Cabeça/coxa/rosto | 1 | 3.3 | 7 |
| Cabeça/pescoço | 1 | 3.3 | 8 |
| Cabeça/rosto/braço | 1 | 3.3 | 9 |
| Costela | 1 | 3.3 | 10 |
| Ouvido | 1 | 3.3 | 11 |
| Pernas | 1 | 3.3 | 12 |
| Pernas/cabeça/barriga | 1 | 3.3 | 15 |
| Rosto/seios/pernas | 1 | 3.3 | 16 |
| Rosto | 7 | 23.3 | 23 |
| Rosto/cabeça | 2 | 6.7 | 25 |
| Rosto/nádegas/cabeça | 1 | 3.3 | 26 |
| Rosto/pernas | 3 | 10.0 | 29 |
| Rosto/pescoço/costa | 1 | 3.3 | 30 |

GRUPO B

| Local do Corpo | Frequência | Porcentagem | Frequência Cumulativa |
|---------------------|------------|-------------|-----------------------|
| Braço | 1 | 7.1 | 1 |
| Corpo em geral | 1 | 7.1 | 2 |
| Pernas | 1 | 7.1 | 3 |
| Pernas/cabeça | 1 | 7.1 | 4 |
| Pescoço/pernas | 1 | 7.1 | 5 |
| Rosto | 4 | 28.6 | 9 |
| Rosto/braços/pernas | 1 | 7.1 | 10 |
| Rosto/cabeça | 2 | 14.3 | 12 |
| Rosto/costas | 1 | 7.1 | 13 |
| Rosto/pernas | 1 | 7.1 | 14 |

De acordo com a tabela acima, verificamos que no grupo A (permanecem na relação), 23.3% das mulheres tiveram o rosto atingido pelas agressões do marido, e 10.0 %, tiveram as pernas e o rosto machucados simultaneamente. No grupo B (romperam), 28.6% das mulheres foram agredidas no rosto, e 14.3%, tiveram o rosto e a cabeça atingidos. Esses dados se aproximam dos encontrados em trabalhos como os de Beissman (1994) e Cabral (2000).

Saffioti & Almeida (1995) consideram que os homens, ao agredirem suas esposas, procuram atingir partes predominantemente visíveis do corpo, dentre elas o rosto. O rosto feminino parece ter um significado especial, visto que a beleza é valorizada, e a agressão neste local implica descaracterizar aquilo que valoriza sua identidade. Nestas circunstâncias, a mulher é obrigada a se ausentar do trabalho por vergonha de aparecer em público com seu rosto machucado, aumentando, assim, o número de absenteísmo e acarretando conseqüências tanto para a economia do país quanto para a própria mulher agredida.



P = 0.8575

Gráfico XVII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o fato de pedirem ajuda ou não e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Tabela X - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho de acordo com a pessoa/ órgão a quem essas mulheres solicitam ajuda e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

GRUPO A

| Solicita ajuda de | Frequência | Porcentagem | Frequência Cumulativa |
|---------------------|------------|-------------|-----------------------|
| Deus | 1 | 3.3 | 1 |
| Familiares | 5 | 16.7 | 6 |
| Familiares/polícia | 2 | 6.7 | 8 |
| Polícia | 5 | 16.7 | 13 |
| Polícia/vizinhos | 1 | 3.3 | 14 |
| Vizinhos | 2 | 6.7 | 16 |
| Vizinhos/familiares | 2 | 6.7 | 18 |

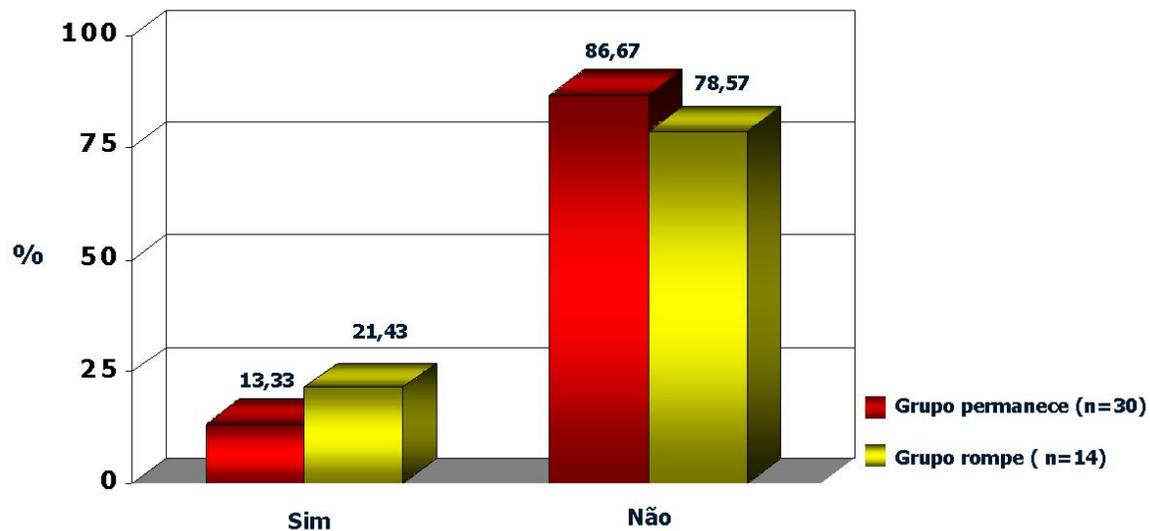
GRUPO B

| Solicita ajuda de | Frequência | Porcentagem | Frequência Cumulativa |
|--------------------|------------|-------------|-----------------------|
| Familiares | 4 | 28.5 | 4 |
| Familiares/polícia | 1 | 7.1 | 5 |
| Polícia | 2 | 14.3 | 11 |
| Vizinhos | 1 | 7.1 | 12 |

Observando os dados do gráfico XVII e da tabela X, verificamos que no grupo de mulheres que permanecem no vínculo conjugal (A), 60.0% disseram ter pedido ajuda e 40.0 % não pediram ajuda, no momento das agressões, enquanto no grupo de mulheres que rompem (B) encontramos 57.14 % que disseram pedir ajuda contra 42.86% que não pediram ajuda.

Quando indagado a quem essas mulheres solicitam ajuda, encontramos, no grupo que permanece no vínculo conjugal, 16.7% que a pedem aos familiares e 16.7% à polícia. Já no grupo de mulheres que rompem o vínculo conjugal, encontramos 28.5% que solicitam ajuda aos familiares e 14.3% à polícia.

Esses dados demonstram que, embora algumas mulheres peçam ajuda no momento das agressões, o número não ultrapassa a média de 25% nos dois grupos, o que representa um percentual muito pouco significativo. A maioria das mulheres suporta os atos violentos e suas repercussões psicofísicas com passividade e submissão, o que agrava a incidência dos atos de violência e amplia suas conseqüências nocivas á saúde física e emocional da agredida e, mesmo, do agressor.



P = 0,6616

Gráfico XVIII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o fato de terem dado continuidade ao boletim de ocorrência e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Observando os dados do gráfico XVIII , verificamos que no grupo de mulheres que permanecem no relacionamento, 13.33% deram continuidade ao boletim de ocorrência e 86.67% não prosseguiram com o caso. Já no grupo de mulheres que romperam o vínculo conjugal, encontramos 21.43% que prosseguiram com o caso e 78.57% que optaram por desistir do processo.

Quando as mulheres são agredidas e buscam ajuda na Delegacia de Defesa da Mulher , faz-se um Boletim de Ocorrência em que relatam o ocorrido e, a contar deste dia, o Boletim tem um prazo de validade de 6 meses, durante o qual devem decidir se querem ou não dar continuidade ao caso, ou seja, se desejam transformar o B.O. em I.P. (Inquérito Policial). Essa decisão implica dizer que as mulheres não se arrependeram de denunciar as agressões sofridas e entregam o caso para o juiz determinar qual penalidade seu marido deve receber.

Embora os dados não tenham sido significativos estatisticamente ao nível de 5%, vale ressaltar algumas citações de mulheres entrevistadas que explicam o que acontece com elas para que não dêem continuidade ao Boletim de Ocorrência:

“ A mulher precisa ser ajudada quando ela está tomada pela raiva porque nesse momento ela está encorajada. Depois a raiva passa, ela perde a coragem e o medo toma conta dela... mulher no momento da raiva, fica grandiosa; mulher no momento do medo, fica frágil. “
(CASO 2)

“ A raiva move a pessoa a ter coragem para ir até a delegacia e pedir ajuda para resolver sua situação. Mas, depois que a raiva passa, vem o arrependimento. “ (CASO 5)“

Eu não prossegui com o B.O. porque eu não queria que isso viesse prejudicar o trabalho dele, ele precisa trabalhar e trazer comida para casa. “ (CASO 13)

“ Eu não prossegui porque fiquei com dó dele, ele veio me dizer que estava com medo de ser preso e se eu poderia tirar a queixa...“
(CASO 18)

“ Eu fiz o B.O. para assustar ele, para ele ver que eu tenho coragem de ir na delegacia, mas não quis dar continuidade.” (CASO 29)

“ Eu só queria dar um susto nele e não prejudicá-lo, por isso não prossegui com o caso. “ (CASO 37)

Referindo-se a esses relatos, percebemos o quanto as mulheres agredidas, deixam de pensar em si e passam a se preocupar com o que poderá acontecer com o marido, caso dêem continuidade ao boletim de ocorrência.

A mulher busca ajuda na Delegacia da Mulher mas não consegue sustentar esse pedido, parecendo estar envolvida em uma ambigüidade, em que o amor e ódio convivem lado a lado. Por isso elas não sabem o que querem, ou, ainda, quando tomadas pela raiva, conseguem buscar ajuda contra os atos violentos, mas, depois, o sentimentalismo toma conta, fazendo-as esquecer da dor das agressões e cedendo aos pedidos do marido para não prosseguirem com o caso, alegando que seu comportamento irá melhorar.

E, nesse sentido, se estabelece uma tenaz união entre estas mulheres e seus maridos violentos em nome de um laço simbólico. Elas querem que eles parem de agredi-las, mas não querem perdê-los. Portanto, a todo custo tentam preservar a relação. (BRAGHINI, 2000)

Reconhecer que o marido é agressor e perceber que ele tem um lado bom parece deixar as mulheres num impasse: ao mesmo tempo que querem se separar, querem permanecer com o companheiro. Esse impasse deixa-as paralisadas, incapazes de tomar uma decisão e de agir em consonância com a mesma. Pedem a separação, solução que a consciência aponta como sendo a melhor, mas os conflitos inconscientes não permitem que essa decisão seja levada adiante. (BRAGHINI,2000)

Costa , Ribeiro e Moreira (1992) também retratam as mulheres agredidas como seres ambivalentes. Tal Ambivalência situa-se no conflito ante a repulsa da agressão e, ao mesmo tempo, o repúdio da relação afetiva que mantêm com os agressores. Para essas mulheres, seus companheiros são a um só tempo “bons” e “maus”, parecendo não perceber que os atos de violência não são fatos isolados e que estão inseridos na dinâmica do casal. O mesmo homem que bate e desvaloriza é também o que protege, sustenta e é bom pai.

“ Ele é um homem honesto e trabalhador, e mesmo não me dando dinheiro, ele não deixa faltar nada em casa. “ (caso 3)

“ Eu não me separei dele porque olhei para trás e vi os momentos bons que vivi com ele antes das agressões começarem... “ (caso 8)

“ Ele é um bom pai, trabalhador, cúmplice, não deixa faltar nada em casa... “ (caso 11)

“ Comigo não tem diálogo, mas ele é um bom pai, programa passeio com as crianças... “ (caso 12)

“ Eu tenho dó dele, ele não tem família, não tem emprego, como ele vai viver assim ? “ (caso 18)

“ Ele é carinhoso e amoroso comigo quando não me agride... ele não deixa faltar nada dentro de casa. (caso 22)

Dessa forma, o desfecho final dessa ambivalência parece levar à consideração preponderante das boas qualidades do parceiro, conduzindo à estagnação da vontade de prosseguir com o processo.

Existe, além dos fatores psicodinâmicos citados, a realidade jurídica brasileira com relação ao tratamento dos agressores no ambiente doméstico. Referindo-se à Delegacia da Mulher de Campinas, verificamos que são muitos casos para serem atendidos e um número desproporcional de profissionais para atender à demanda, o que reflete no tempo de espera para a tomada de providências cabíveis. O percurso torna-se longo e difícil.

“ A delegacia da mulher ajuda tardiamente. Quando a gente é chamada para comparecer ou o caso já foi resolvido pela própria pessoa ou o marido já fez algo pior, já matou.” (caso 2)

Os sentimentos de culpa e de dúvida sobre a separação impedem a tomada de decisão, de levarem o caso à frente. Assumir a postura de processar o marido exigiria estar mais equilibrada e íntegra nas decisões. A maioria encontra-se deprimida, com baixa auto-estima, com a crença de que nada acontecerá com o marido, caso levem a denúncia à frente, apenas aumentará a exposição da pessoa que denuncia, pois as penas para os agressores são mínimas (alternativas) como doação de cesta básica a instituições ou realização de trabalho voluntário na comunidade.

“ Prossegui com a queixa, mas não adiantou nada. Ele teve que pagar uma multa que era de dar uma cesta básica para o lar dos velhinhos. E, ainda por cima além da minha situação não ter sido resolvida, ele deu risada da minha cara. ” (caso19)

ANÁLISE DO INVENTÁRIO DE BECK (*Depression Inventory*)

Tabela XI - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o grau de depressão e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (GRUPO B) no vínculo conjugal.

Quando realizado as estatísticas descritivas da soma dos itens do Inventário de Beck, através do Teste de Mann-whitney, constatamos um valor de $p=0.0231$, o que denota significância. Vejamos a seguir a Tabela A.

| | Média | Desvio Padrão | Máxima | Mediana | Mínima |
|-----------------|--------------|----------------------|---------------|----------------|---------------|
| Grupo A N=30 | 16 | 8 | 38 | 15 | 4 |
| Grupo B N=14 | 12 | 10 | 33 | 11 | 1 |

Ao utilizar o Teste Exatode Fisher, baseando-se na classificação do Beck através dos pontos de corte sugerido pela Gorestein (menor que 10 = sem depressão; de 10 a 18 = depressão leve ; de 19 a 29 = depressão moderada ; acima de 30 = depressão grave, não foi possível encontrar um valor de p significativo ($p=0.1156$).

Vejamos a seguir a Tabela B:

| Grupo | Sem | Leve | Moderada | Grave |
|--------------|------------|-------------|-----------------|--------------|
| A | 13.33 | 66.67 | 10.00 | 10.00 |
| B | 42.86 | 42.86 | 0.00 | 14.29 |

Ainda utilizando o Teste Exato de Fisher, foi possível encontrar um p significativo ($p=0.0514$), quando nos propusemos a classificar em número de mulheres que apresentaram depressão e número de mulheres que não estavam deprimidas.

| | Com depressão | Sem depressão |
|---------|---------------|---------------|
| Grupo A | 86.67% | 13.33% |
| Grupo B | 57.15% | 42.86% |

p-valor=**0.0514**

Analisaremos os dados desta última Tabela.

Referindo-se ao grupo de mulheres que permanecem no vínculo conjugal, verificamos 86.67% com depressão e 13.33% sem depressão, enquanto que no grupo das que rompem, encontramos 57.15% com depressão e 42.86% sem depressão. Esses dados quando comparamos os dois grupos se mostraram significativos ao nível de 5%, sugerindo que as mulheres exprimem sentimentos de solidão, de tristeza, de desamparo, de descrença, de irritação. Estes elementos caracterizam sintomas de um quadro de distímia. Esta distímia pode ser considerada como um dos fatores responsáveis pelas dificuldades sentidas por estas mulheres em buscar soluções eficazes para resolverem seus problemas conjugais.

Nos últimos dez anos, o problema da violência contra a mulher vem sendo compreendido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) como uma questão de saúde pública, não somente devido aos traumatismos físicos, mas também aos sérios efeitos à sua saúde mental , afetando pelo menos 12% das mulheres em algum momento da vida. (AKISKAL, 1999 ; BIEHL & MORRISON, 2000).

Referindo-se a presença do quadro de depressão podemos salientar alguns sintomas encontrados em depressivos : perda de interesse e prazer; energia reduzida, levando a uma fadiga; concentração e atenção reduzidas; auto-estima e autoconfiança reduzidas; idéias de culpa e inutilidade; visões pessimistas do futuro; idéias ou atos autolesivos ou suicídio; apetite diminuído e sono alterado. (CID-10)

Pelas brigas em casa, eu já tentei o suicídio, tomei um vidro de calmantes e fui parar no hospital.” (Caso 21)

“ As agressões me deixaram doente, fiquei com depressão e até hoje eu tomo remédio e faço terapia... “ (Caso 42)

Conhecidos os sintomas da depressão, podemos refletir e buscar compreender como esse transtorno se desenvolve na estrutura psiconeural de um indivíduo.

Gabbard (1999) considera que os fatores psicodinâmicos da depressão não podem ser isolados dos fatores biológicos e neurofisiológicos. Para ele, as preocupações psicossociais, como falha em corresponder às expectativas de uma pessoa e relacionamentos problemáticos, podem desencadear alterações neuroquímicas e neurofisiológicas no cérebro, que resultam em significativas alterações no equilíbrio dos neurotransmissores. Logo, as influências psicológicas atuam em conjunto com a vulnerabilidade genética e alterações neurofisiológicas para produzir o quadro da depressão e, para um plano de tratamento, devem-se levar em conta os fatores psicodinâmicos e as alterações dos neurotransmissores.

Mello Filho (1994) considera que os sentimentos de depressão, ansiedade e desesperança se dão devido a uma relação entre uma situação de perda ou separação.

Sigmund Freud (1917) entendeu a depressão como ódio voltado para dentro da pessoa. Segundo ele, a perda da auto-estima e a auto-reprovação, quando experimentada pelo indivíduo deprimido, são dirigidas a um objeto introjetado. Freud explica que na dinâmica do processo da depressão está incluído um superego severo que pune a pessoa por abrigar desejos destrutivos em relação a figuras parentais e outras pessoas amadas.

Pensadores psicanalíticos contemporâneos tendem a ver a depressão como um distúrbio da auto-estima no contexto de relacionamentos interpessoais. Frequentemente, o indivíduo possui uma expectativa interna muito elevada, que o faz sentir-se desesperançado e, nesse momento, se instala a depressão. As pessoas deprimidas vivem suas vidas dedicadas aos outros em vez de a si mesmas, e sofrem quando percebem que seus esforços foram desperdiçados quando viveram por alguém. (GABBARD, 1999)

“ Tenho dor no coração quando lembro que me dediquei para ele e ele não me deu valor e reconhecimento. “ (Caso 24)

A partir dos dados estatísticos e dos fatos mencionados acima, podemos compreender o que faz uma mulher, vítima de violência doméstica, permanecer no vínculo conjugal : o quanto esta mulher se sente sem forças para reagir devido à presença

de uma baixa auto-estima. Elas sempre procuram viver para a vida do companheiro; para elas o que importa é o marido estar “bem”, mas quando percebem que, mesmo procurando fazer o melhor, a relação é de conflito, acabam se responsabilizando pelo possível fracasso do relacionamento e, assim, sentindo-se culpadas.

Sentindo-se culpadas, as mulheres se sentem incapacitadas para exprimir sua cólera diante da violência a que são expostas, o que promove um aumento da depressão, da ansiedade e, também, da somatização, a partir de várias manifestações de mal - estar físico (palpitações, sudorese...)

Dessa forma, a depressão impossibilita a mulher, vítima de violência, a romper com o vínculo conjugal, sendo que a “ dor gerada pela culpa, remorso e arrependimento, beira o insuportável, atacando a capacidade de sentir e perceber a realidade. (COSTA, 2000)

“ Eu fico procurando explicações para as agressões (...) Eu faço tudo, deixo tudo em ordem, a casa está sempre arrumada, ele não tem do que reclamar.” (Caso 4)

“ Ele chegou nervoso em casa e naquele dia eu fiquei falando várias coisas na orelha dele. Ele me pediu prá parar e eu continuei, aí ele partiu prá ignorância e me bateu. “ (Caso 13)

ANÁLISE DAS ESCALAS DE TRAÇOS DE PERSONALIDADE, OBTIDOS NA APLICAÇÃO DO MINNESOTA MULTIPHASIC PERSONALITY (MMPI) :

Tabela XII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo as escalas de traços de personalidade e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

Escala ? (Dúvida)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|--------------|----------|--------------|-----------|------------|----------------|------------|
| A | 30 | 50.03 | 0.18 | 50 | 50 | 51 |
| B | 14 | 50 | 0 | 50 | 50 | 50 |

P - valor = 0.5259

Escala L (Mentira)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 62.7 | 8.08 | 50 | 61 | 75 |
| B | 14 | 60.86 | 9.86 | 50 | 61 | 78 |

P - valor = 0.4626

Escala F (Erro)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 76.23 | 4.35 | 58 | 77 | 78 |
| B | 14 | 77.14 | 1.03 | 74 | 77 | 78 |

P - valor = 0.8961

Escala K (Mentira)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|-------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 54.3 | 10.23 | 34 | 54 | 77 |
| B | 14 | 56.43 | 9.76 | 39 | 54 | 80 |

P - valor = 0.6540

Escala Hs (Hipocondria)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 73.67 | 8.36 | 53 | 76.5 | 87 |
| B | 14 | 74.57 | 7.15 | 63 | 74 | 85 |

P - valor = 0.8202

Escala D (Depressão)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 59.67 | 5.99 | 48 | 59 | 73 |
| B | 14 | 59.57 | 7.05 | 48 | 59 | 72 |

P - valor = 0.8984

Escala Hy (Histeria)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|-------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 65.27 | 12.53 | 14 | 66 | 85 |
| B | 14 | 65.21 | 5.06 | 55 | 66 | 72 |

P - valor = 0.5591

Escala Pd (Desvio psicopático)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 66.57 | 9.04 | 50 | 68 | 85 |
| B | 14 | 62.79 | 9.19 | 44 | 64 | 80 |

P - valor = 0.3066

Escala Mf (Masculinidade-feminilidade)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|-------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 67.3 | 11.28 | 39 | 68 | 92 |
| B | 14 | 69.36 | 6.9 | 57 | 68 | 80 |

P - valor = 0.4841

Escala Pa (Paranóia)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 70.97 | 9.36 | 51 | 71.5 | 87 |
| B | 14 | 71.21 | 8.1 | 58 | 69 | 82 |

P - valor = 0.9898

Escala Pt (Psicastenia)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 62.3 | 7.41 | 49 | 62 | 76 |
| B | 14 | 61.93 | 5.03 | 55 | 62 | 71 |

P - valor = 0.7138

Escala Sc (Esquizofrenia)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 74 | 7.41 | 58 | 73.5 | 97 |
| B | 14 | 67.93 | 7.91 | 56 | 68.5 | 83 |

P - valor = 0.4841

Escala Ma (Hipomania)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 62.67 | 6.36 | 49 | 60.5 | 75 |
| B | 14 | 64.07 | 8.89 | 44 | 65 | 78 |

P - valor = 0.6047

Escala Si (Introversão-Extroversão)

| GRUPO | N | MÉDIA | DP | MÍN | MEDIANA | MÁX |
|-------|----|-------|------|-----|---------|-----|
| A | 30 | 48.57 | 9.28 | 12 | 49 | 63 |
| B | 14 | 52.86 | 6.49 | 39 | 53 | 63 |

P - valor = 0.0976

Observando todas as escalas , verificamos uma diferença estatística significativa em apenas duas escalas clínicas: Sc (Traço de esquizofrenia) e Si (Traço de introversão/extroversão).

Na escala de traços de esquizofrenia, observamos uma mediana de 73.5 para o grupo de mulheres que permanecem no vínculo conjugal e uma mediana de 68.5 para o grupo que rompeu o vínculo conjugal ($p= 0.0223$). Quanto a escala introversão/extroversão , encontramos uma mediana de 49 para o grupo de mulheres que permanecem no vínculo conjugal e de 53 para o outro grupo ($p= 0,0976$).

As ligações entre psicopatologia e psicologia de traços são muito complexas e, durante décadas, tanto psiquiatras quanto psicólogos clínicos administraram testes psicológicos como o Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI) e a avaliação de Personalidade de Cattell (16 PF) como formas de se obterem informações sobre o diagnóstico de transtornos mentais. (COSTA & MC CRAE, 1999)

No caso desse trabalho, foi utilizado o MMPI abreviado, composto por 366 questões (por ser mais rápido e, ao mesmo tempo, eficaz e preciso como o completo), com o intuito de verificar traços de personalidade encontrados em mulheres vítimas de violência doméstica que se mantêm e/ou rompem o vínculo conjugal.

Referir-se a traços implica saber defini-los e distingui-los de transtornos de personalidade. De acordo com DSM-IV, somente quando os traços de personalidade são inflexíveis e mal adaptativos, causando prejuízo funcional ou uma angústia subjetiva, é que eles vão se constituir em transtornos de personalidade. Logo, os traços de personalidade são tidos como padrões duradouros de perceber, relacionar-se e pensar acerca do ambiente e de si próprio, exibidos em uma gama de contextos sociais e pessoais importantes. (GUNDERSON & PHILLIPS, 1999)

No entanto, os dados obtidos por meio do MMPI nos permitem dizer que as mulheres vítimas de violência conjugal possuem traços de personalidade esquizóide ou esquizotípica, o que favorece a introversão, o isolamento afetivo, a ansiedade persecutória etc. Isto possibilitaria fazer escolhas objetivas amorosas identificadas com as mesmas características, aumentando os riscos de tentar resolver conflitos pelos impulsos agressivos, caracterizando-se também pela dificuldade de resolução de conflitos através do diálogo.

ANÁLISE QUALITATIVA

Tabela XIII - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho, segundo o sentimento que elas possuem em relação ao cônjuge após terem sofrido agressões e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal

GRUPO A

| Sentimento 1 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|--------------|------------|-------------|----------------------|
| Amor | 4 | 13.3 | 4 |
| Dó | 16 | 20.0 | 11 |
| Medo | 1 | 3.3 | 12 |
| Mágoa | 5 | 16.7 | 17 |
| Não sabe | 3 | 10.0 | 20 |
| Raiva | 2 | 6.7 | 22 |
| Rancor | 1 | 3.3 | 23 |
| Revolta | 1 | 3.3 | 24 |
| Vazio | 6 | 20.0 | 30 |
| Ódio | 1 | 3.3 | 31 |

| Sentimento 2 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|--------------|------------|-------------|----------------------|
| Amor | 1 | 8.3 | 1 |
| Desprezo | 2 | 16.7 | 3 |
| Dó | 3 | 24.9 | 6 |
| Medo | 1 | 8.3 | 7 |
| Mágoa | 2 | 16.7 | 9 |
| Não sabe | 1 | 8.3 | 10 |
| Raiva | 1 | 8.3 | 11 |
| Vazio | 1 | 8.3 | 12 |

GRUPO B

| Sentimento 1 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|--------------|------------|-------------|----------------------|
| Amor | 1 | 7.1 | 1 |
| Dó | 6 | 42.9 | 7 |
| Gosta dele | 1 | 7.1 | 6 |
| Mágoa | 1 | 7.1 | 7 |
| Raiva | 1 | 7.1 | 10 |
| Vazio | 4 | 28.6 | 14 |

| Sentimento 2 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|--------------|------------|-------------|----------------------|
| Desconfiança | 1 | 25.0 | 1 |
| Dó | 1 | 25.0 | 2 |
| Nojo | 1 | 25.0 | 3 |
| Vazio | 1 | 25.0 | 4 |

Verificamos que, no grupo das mulheres que permanecem no vínculo conjugal, os primeiros sentimentos (de maior prevalência) expressos em relação ao cônjuge foram dó (20%) e vazio (20%), enquanto no grupo das que romperam o vínculo, o sentimento mais expresso foi de dó, com 42.9% da totalidade.

Podemos observar abaixo alguns exemplos :

“ No fundo eu tenho dó do meu marido, porque a família dele não quer mais saber dele e ele está desempregado. Como ele vai fazer sem dinheiro e sem ninguém ?” (caso 18)

“ O meu marido tá sem emprego, eu é que sustento a casa e ele já se acomodou com essa situação. Mas, eu sei que a situação tá difícil. Então, de tudo o que ele me fez eu só posso ter dó porque ele não é ninguém e se eu largar dele, eu corro o risco de ver ele pedindo esmolas na rua eu não vou agüentar ver isso”. (caso 19)

“ Quando eu disse para o meu marido que eu ia largar dele por causa das agressões, ele chorou muito e disse que ia se matar se eu fosse embora. Fiquei com dó e não larguei dele.” (caso21)

“ Os pais do meu marido não falam mais com ele. Se eu largar dele, ele vai ficar sozinho e isso é muito triste. Então, eu tenho dó dele.”
(caso 22)

“ Cheguei a ter dó dele, hoje eu tenho pena. Ele é digno de dó.”
(caso36)

Não é possível desvincular a violência dos aspectos sócio-históricos. E, por isso, podemos supor, diante destes relatos, que existem motivos importantes para que estas mulheres apresentem sentimentos de dó em relação a um parceiro responsável por tamanha violência da qual são vítimas. Assim, vale retomar a questão do regime patriarcal, cujo pressuposto refere-se basicamente ao poder masculino em relação à mulher, que portanto, deve necessariamente subordinar-se às vontades do homem.

As mulheres parecem não aceitar as agressões cometidas por seus maridos, pensam na separação, porém têm dó, sentem pena dos mesmos.

Para Chauí (1986), a imagem feminina foi construída e colocada em um lugar restrito ao espaço privado, doméstico. Com a impossibilidade da ação da mulher no mundo, acaba por resultar em uma ideologia a partir da qual ela apresenta uma “ subjetividade ” dramática, que implica em um viver para os outros. Portanto, o que se espera da natureza feminina é que ela viva para o outro num processo de doação permanente.

Embora na década de 70, as mulheres tenham ido às ruas para reivindicarem seus direitos e, também uma sociedade mais justa e igualitária, notamos resultados aparentemente conquistados, o que poderíamos supor que o patriarcalismo não poderia ser colocado como fator relacionado a uma possível causa do sentimento em questão (dó). Entretanto, ainda que de forma velada, percebemos uma sociedade moderna pautada em relações que se estabelecem na base do poder.

Isto pode ser retratado por meio dos relatos a seguir.

“ Quando ele está em casa, ele é o dono da casa, ele assiste o canal da T.V. que ele quer e fala para mim e para as meninas não falarem alto, que ele quer sossego. Ele não deixa a gente ficar na sala com ele, porque ele não quer barulho.” (caso 4)

“ A gente estava jantando e o cachorro não parava de latir, ele estava com fome. O meu marido me fez levantar da mesa e ir lá fora, com o frio que estava para dar comida pro cachorro, porque ele estava cansado daquele barulho. Eu fui e fiz o que ele mandou, mas eu é que acabei nem jantando porque a minha comida já tinha esfriado.” (caso15)

“ É uma relação de dominação. Ele manda eu fazer as coisas e se eu não fizer na hora e como ele quer eu levo a pior.” (caso 23)

“ Ele quer ter um poder sobre mim.” (caso 29)

Assim, frisando o pensamento de CHAUI (1986), podemos perceber que o sentimento de dó facilmente aparece em relação ao cônjuge, a partir do momento em que a mulher praticamente se sente proibida de considerar as suas próprias necessidades, devendo, de acordo com a cultura patriarcal ainda presente de um modo ou de outro, adotar uma postura subserviente. E também, quando a mulher não atinge os seus objetivos de acordo com o que dela é esperado, ela pode vir a sentir-se culpada diante das situações de agressão que denotam para ela, que houve fracasso de sua parte, evidenciando não ter conseguido cumprir com seu papel de mulher.

“ O que mais que eu tenho que fazer para a melhorar nossa relação .
Eu cuido da casa, dos filhos, da comida...” (caso 19)

Com relação ao outro sentimento apresentado com igual prevalência (vazio), podemos perceber no decorrer da pesquisa, uma forte tendência por parte dessas mulheres de procurarem não entrar em contato com prováveis angústias vividas internamente. Chegamos facilmente a esta conclusão, ao percebermos a ruptura dos seus relatos, ao expressarem tal sentimento, denotando, aparentemente, uma necessidade de acharem-se vazias, ou seja, “ isentas de conteúdo”, isentas de angústias.

Em paralelo aos aspectos sóciohistóricos, mencionados anteriormente, podemos pensar na ocorrência e perpetuação da violência sob a égide da psicanálise e, portanto, nos remete à existência de um psiquismo.

O psiquismo tem como função fazer com que o ser humano se sinta capaz de conseguir mentalizar uma situação ao invés de atuá-la e de torná-la presentificada.

Sendo assim, homens violentos e mulheres vítimas e cúmplices da perpetuação dos atos agressivos fazem com que a história de agressão seja uma realidade, uma história atuada a qual fica difícil a elaboração e a transformação.

Dessa forma, podemos compreender o que as mulheres querem dizer quando se referem aos maridos agressores com sentimento de dó. Nos relatos, foi possível verificar o quanto elas temem que seus maridos sejam abandonados pela família, ficando então, sozinhos. Tal situação, nos faz pensar na possibilidade da ocorrência do mecanismo de projeção (um sentimento interno que é insuportável é deslocado para o externo na intenção de facilitar uma experimentação).

Na verdade, as próprias mulheres sentem medo de serem abandonadas e de ficarem sozinhas, mas como não reconhecem tal sentimento, elas passam a projetar no marido.

Tal projeção faz do indivíduo sentir-se vazio, fraco e incapaz de suportar qualquer tipo de ansiedade. (HINSHELWOOD,1992). De certa maneira, isso pode explicar o sentimento de vazio sentido pelas mulheres que sofrem agressões de seus maridos.

A Identificação Projetiva, nos casos apresentados, esclarece como esses mulheres projetam nos maridos suas vivências de desamparo, vazio e ódio incontrolado. (LAMANNO, 2002)

Nessa dinâmica conjugal os objetos não operam de forma autônoma, pois são experimentados como ligados uns aos outros e ao Self. Por isso, a dificuldade da separação, pois o casamento fica considerado como um lugar imaginário que as livra, em fantasia, do

desamparo e do vazio. Separar-se implica que a mulher perceba e reconheça que tais vivências são provenientes do próprio Self e não como elementos que compõem somente a vida emocional do marido. Mas, como esse movimento é muito angustiante, a saída é continuar suas relações interpessoais sem nenhuma alteração, ou seja o melhor é não romper os vínculos conjugais. (LAMANNO,2002)

ANÁLISE QUALITATIVA

Tabela XIV - Distribuição das 44 mulheres participantes deste trabalho segundo o sentimento que elas possuem em relação às agressões sofridas e o fato de permanecerem (grupo A) ou não (grupo B) no vínculo conjugal.

GRUPO A

| Sentimento agressão 1 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|-----------------------|------------|-------------|----------------------|
| Anestesia | 1 | 3.3 | 1 |
| Angústia | 1 | 3.3 | 2 |
| Covardia | 1 | 3.3 | 3 |
| Humilhação | 3 | 10.0 | 6 |
| Medo | 1 | 3.3 | 7 |
| Mágoa | 6 | 20.0 | 13 |
| Não sabe | 1 | 3.3 | 14 |
| Raiva | 7 | 23.3 | 21 |
| Remorso | 1 | 3.3 | 22 |
| Revolta | 2 | 6.7 | 24 |
| Vazio | 1 | 3.3 | 25 |
| Vergonha | 1 | 3.3 | 26 |
| Não vai esquecer | 1 | 3.3 | 27 |
| Ódio | 3 | 10.0 | 30 |

| Sentimento agressão 2 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|------------------------------|-------------------|--------------------|-----------------------------|
| Humilhação | 3 | 23.1 | 3 |
| Impotência | 1 | 7.7 | 4 |
| Mágoa | 2 | 15.7 | 6 |
| Raiva | 1 | 7.7 | 7 |
| Revolta | 2 | 15.4 | 9 |
| Vergonha | 1 | 7.7 | 10 |
| Ódio | 3 | 23.1 | 13 |

GRUPO B

| Sentimento agr. 1 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|--------------------------|-------------------|--------------------|-----------------------------|
| Humilhação | 1 | 7.1 | 1 |
| Mágoa | 3 | 21.4 | 4 |
| Não sabe | 3 | 21.4 | 7 |
| Raiva | 5 | 35.7 | 12 |
| Vergonha | 1 | 7.1 | 13 |
| Ódio | 1 | 7.1 | 14 |

| Sentimento agr. 2 | Frequência | Porcentagem | Frequência Acumulada |
|--------------------------|-------------------|--------------------|-----------------------------|
| Mágoa | 1 | 25.0 | 1 |
| Raiva | 1 | 25.0 | 2 |
| Rancor | 1 | 25.0 | 3 |
| Revolta | 1 | 25.0 | 4 |

No grupo de mulheres que permanecem no vínculo, verificamos os seguintes sentimentos de maior prevalência : raiva (23.3%) e mágoa (20%), enquanto no grupo das que romperam, encontramos raiva (35.7%) , mágoa (21.4%) e 21.4% não souberam dizer o que sentiam.

Vejamos a seguir alguns relatos que expressam esses sentimentos :

“ Eu tenho raiva, porque o meu pai não batia em mim e o meu marido vem e me agride... ” (caso 2)

“ Eu não sei dizer o que sinto em relação às agressões porque eu procuro não pensar mais nisto, porque isto me faria perder a dignidade.” (caso 31)

“ A mulher já sofre tanta humilhação na rua, com a justiça brasileira que quando eu sogro agressões em casa eu também me sinto humilhada, mas parece que eu já me sinto fria, acomodada com a situação. ”(caso 33)

“ É humilhante você sofrer agressões do seu marido, aquela gritaria toda a vizinhança escutando... eu me sinto humilhada porque não é justo você apanhar de um homem que você escolheu para casar, Ter filhos e amar.” (caso 13)

“ Eu não aceito e não perdôo o que ele me fez, porque meu pai nunca me bateu.” (caso 21)

A raiva é um sentimento que demora a acabar e aparece de forma recorrente nos discursos tanto das mulheres que permanecem quanto no das que rompem o vínculo conjugal.

De acordo com VISCOTT (1982), as pessoas ficam com raiva quando são magoadas, e, expressá-las é uma reação natural, saudável e necessária para manter as emoções equilibradas.

As mulheres agredidas por seus maridos, que se mostram dependentes dos mesmos, exprimem sua raiva pelas agressões propriamente ditas, tendo, entretanto, dificuldade de fazê-la em relação aos próprios agressores. Esta dificuldade parece ter origem no receio de não serem amadas pelos parceiros, caso expressem tal sentimento a eles dirigido, denotando uma possível perda de apoio e segurança. (VISCOTT, 1982)

Quanto ao sentimento de mágoa, também expresso, podemos perceber que ele vem em decorrência de agressões cometidas pelos parceiros, cujo teor é tão intenso que as mulheres se vêem incapazes de perdoá-lo.

A frase a seguir revela implicitamente um exemplo de como o sentimento de mágoa se manifesta:

“ Eu não aceito e não perdôo o que ele me fez, porque meu pai nunca me bateu.” (caso 21)



7 - CONCLUSÕES

1 - Quanto aos dados sociodemográficos, verificamos que a maior porcentagem das mulheres que permanecem no vínculo conjugal encontram-se na faixa etária entre 35 e 39 anos e a das que rompem com o vínculo é entre 40 e 44 anos.

Tanto as mulheres que permanecem quanto as que rompem possuem, na sua maioria, nível fundamental .

Quanto à ocupação e à renda pessoal, constatamos no grupo de mulheres que permanecem no vínculo uma mediana de salário no valor de R\$ 300,00 , exercendo funções como ajudantes de limpeza, domésticas, promotoras de vendas, professora e auxiliar de enfermagem. Referindo-se às mulheres que romperam com o vínculo, encontramos uma mediana de salário no valor de R\$ 375,00, exercendo funções como costureira, babá, cabeleireira, cobradora de ônibus, doméstica e psicóloga.

2 - Mulheres que permanecem no vínculo conjugal são mais propensas à depressão do que as que conseguem se separar.

3- Aplicando o MMPI, encontramos traços de personalidade esquizóide, para ambos os grupos de mulheres que sofrem violência, denotando uma introversão, um isolamento afetivo, uma ansiedade persecutória e uma imensa dificuldade na resolução de conflitos através do diálogo.

4- As mulheres que permanecem no vínculo conjugal relatam possuir raiva, mágoa, humilhação e ódio frente às agressões sofridas e, com relação ao companheiro agressor relatam sentir desprezo, mágoa, dó, amor e vazio. Enquanto que as mulheres do grupo que romperam com o vínculo, relatam sentimentos de dó , vazio, nojo e desconfiança com relação ao agressor e referindo-se às agressões sofridas, relatam possuir raiva, mágoa, humilhação, rancor e algumas mulheres não sabiam definir o que sentem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a violência conjugal seja um fenômeno que perpassa todas as culturas, raças, idades, níveis socioeconômicos e de escolaridade ... ,ainda podemos verificar que fatores culturais, econômicos, familiares e sociais contribuem para a situação de invisibilidade social e perpetuação da violência.

E, dentre todos os dados encontrados e analisados neste trabalho, destacamos a ocorrência de violência sexual como uma possível causa para a ruptura do vínculo conjugal, e a depressão, como um dos fatores responsáveis pela dificuldade sentida por estas mulheres na busca de soluções eficazes para seus problemas conjugais e pessoais.



***8 - REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS***

AKISKAL, H. Transtornos do humor : Introdução e panorama **In:** Harold, I. Kaplan & Benjamin, J. Sadock; **Tratado de Psiquiatria**. Tradução Deyse Batista et al. 6ª edição, Porto Alegre. Artes Médicas, 1999.

ALDRIGHI, T. **Violência conjugal : O caminho percorrido do silêncio à revelação**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica na Puc- São Paulo, 2001.

ALMEIDA, D.R.B.H. **A mulher e a violência – Justitia**. Órgão do Ministério Público de São Paulo, fundado em 1939 e publicado em 1994 pela Procuradoria Geral da Justiça em Convênio com a Associação Paulista do Ministério Público.

ALMEIDA, S.J.A.C. **Do nome da mulher casada : direito de família e direito de personalidade**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2001.

ALMEIDA, S.S. **Violência de gênero : público x privado**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, defendida na Puc- São Paulo, 1996.

AZEVEDO, M.A. **Mulheres espancadas : A violência denunciada**. São Paulo, Cortez, 1985.

BADINTER, E. O que é uma mulher ? Um debate: A.L. Thomas, Diderot, Madame D'Épinay ; tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.

BALLONE G, O. Violência doméstica, **In**, Psiqweb, Internet disponível em <http://www.psiqweb.med.br/infantil/violdome.html> ,revisto em 2003.

BARBIERI, V. **Alcances e limitações da forma IRF do MMPI na avaliação de indivíduos não alfabetizados da população brasileira**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, 1996.

BARDIN, F. **Análise do conteúdo**. Lisboa, Loyola 70, 1988.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

BECK, A.T; WARD, CH; MENDELSON, M; MOCK,J;ERBAUGH,G. An Inventory for Measuring Depression. **Archives of general Psychiatric** 4:53-63, 1961.

BEISSMAN, D.M. **Estudo Psico-Social de homens agressores de mulheres notificadas na Delegacia da Mulher de Campinas – São Paulo.** Dissertação de Mestrado em Saúde Mental – Unicamp, 1994.

BIEHL, M.L. & MORRISON, A.R. **A família ameaçada, violência doméstica nas Américas.** Banco Interamericano de Desenvolvimento Fundação Getúlio Vargas, 2000.

BOWLBY, J. Formação e Rompimento de Laços Afetivos. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

BOWLBY,J. Apego e Perda. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

BUVINIC', M. ; MORRISON, A.R. ; SHIFTER,M. Violência nas Américas: Um plano de ação **In : A família ameaçada , violência doméstica nas Américas.** Biehl & Morrison. Rio de Janeiro Fundação Getúlio Vargas, , 2000.

BRAGHINI, L. **Cenas repetitivas de violência Doméstica : um impasse entre Eros e Tanatos.** Campinas, SP: Editora Unicamp, São Paulo, 2000.

BRUNET, L. Perceptions des femmes em matrière de violence conjugale. **In : Violence conjugale : recherches sur la violence faite aux femmes en milieu conjugal .** Quebec : Gaëtan Morin éditeur, 1994.

BRUSCHINI, C. **Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas.** Fundação Carlos Chagas; Vértice , Editora Revista dos Tribunais, 1990.

BRUSCHINI, C. Mulher e mundo do trabalho : ponto de vista sociológico. **In : Mulher e relações de gênero** (orgs.) Brandão & Bingemer. S. Paulo, Loyola, 1994.

CABRAL,M.A.A. **Prevenção da violência conjugal contra a mulher.** Ciência & Saúde Coletiva, 4 (1) : 183-191, 1999.

CABRAL, M.A.A. & BRACALHONE, P.G. Representações da violência conjugal de 117 mulheres de Campinas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** (8) : 277- 285,2000.

CAMARGO, Márcia. Violência e saúde : ampliando políticas públicas. **Jornal da Rede Saúde** n°22, ano 2000.

CARDIM,M.S & AZEVEDO,B.A. Repercussões psicossociais do alcoolismo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. vol.40 n°7, Agosto, 1991

CATANI, Afrânio, M. **O que é o Capitalismo**, São Paulo: Brasiliense,1981, p. 9.

CHAUÍ,M. **Participando do debate sobre a mulher e violência. Perspectivas Antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro, Zahaar, 1984.

CID-10 – Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamentos da CID-10: **Organização Mundial de Saúde**, Porto Alegre, Artes Médicas,1993

CONOVER , W.J. Practical Nonparametric Statistics. Nova Iork John Wiley & Sons Inc., 1971.

CONRADO,M.P. **A fala dos envolvidos sob a ótica da lei : Um balanço da violência a partir da narrativa e de vítimas e indiciados em uma delegacia da mulher**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo (USP), 2001.

CONSEIL DU STATUT DE LA FEMME. **La violence conjugale et ses conséquences sur les enfants**. Canadá, 1991.

Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. **O papel da mulher**. Ano 1 n°2, Junho / julho 2001.

CONTANDRIOPOULOS, A.P et al. **Saber preparar uma pesquisa**. 3° edição. São Paulo, Hucitec, 1999.

COSTA,J.F. Violência e Psicanálise. **In:TAVARES,D.M.C. Violência Doméstica : Uma questão de Saúde Pública**, Rio de janeiro, Graal p.21, 2000.

COSTA, K.F.; RIBEIRO S.F.; MOREIRA,M.I. Violência contra a mulher na esfera conjugal: jogo de espelhos **In** : Costa, Albertina & Bruschini, Cristina. **Entre a virtude e o pecado.** ; São Paulo, Fundação Carlos Chagas,1992.

COSTA, P.T. & Mc CRAE, R. Teorias da personalidade e psicopatologia : abordagens derivadas da filosofia e da psicologia. **In**: Harold, I, Kaplan& Benjamin, J. Sadock; Tratado de Psiquiatria Tradução Deyse Batista et al 6ªedição. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

DEL PRIORI, M.B. (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo Contexto; 3ª edição, 2000.

D'INCAO, M.A. Mulher e família burguesa. **In** : Del Priore Mary, **História das Mulheres no Brasil.** 3ªed. São Paulo, Contexto,2000.

DORON, N.R. & PAROT, F. **Dicionário de Psicologia.** São Paulo, Ática, 1998.

ELUF, Luiza Nagib. A profunda estrutura da violência. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 26 de Janeiro,1997.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário da Língua Portuguesa.**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1980, p. 1753.

FLEISS,J.L. Statistical Methods for rates and proportions. 2ªed. John Wiley & Sons Inc. Nova Yorque, 1981.

FONTANA, M. & SANTOS,S.F. Violência contra a mulher. **In**: Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos. Saúde da Mulher e Direitos Reprodutivos: Dossiês, S. Paulo, Rede Saúde, dez. 2001.
<http://www.redesaude.org.br/dossies/html/dossieviolencia>.(Pesquisa realizada em 30/01/03)

FORATINI, O.P. **Epidemiologia Geral.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1980.

FREUD, S. **O Problema econômico do masoquismo.** Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago,1924.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. **In : O futuro de uma ilusão. O mal estar na civilização e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, VI.21 (1927).

FREUD, S. **A Feminilidade.** Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1932.

FREUD, S. **Luto e melancolia.** Edição Standard Brasileira das obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, VI.21 (1917)

GABBARD, Glen. Teorias da personalidade e psicopatologia : Psicanálise. **In : Harold, I, Kaplan& Benjamin, J. Sadock. Tratado de Psiquiatria,** Tradução Deyse Batista et al. 6ª edição. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

GELLES, R. **Intimate Violence in families.** 5ª edição. California, Sage Publications, 1986 (Family Studies text séries 2).

GIFFIN,K. Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Cad. Saúde Pública,** Rio de Janeiro, **10** : 146-155 , 1994.

GIULANI,P.C. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade Brasileira **In : Del Priore Mary, História das mulheres no Brasil ;** São Paulo, Contexto, 2000.

GOLDENBERG, P. & MEDRADO,M.A. A violência contra a mulher: uma questão de saúde . **In : (org.) Labra Maria Eliana; Mulher, Saúde e Sociedade no Brasil.** São Paulo, Vozes, 1989 p. 186-200.

GRAHAM,John. **Guia Práctico –MMPI.** Traduzido por Jorge Alberto Velázquez. México, Editorial El Manual Moderno, S.A. 1977.

GROSSI, M.P. Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência no vínculo afetivo conjugal. **In : Pedro J.M. & Grossi M.P. (orgs.), Masculino, feminino plural.** Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

GUERRA, C.C. **Descortinando o poder e a violência nas relações de gênero : Uberlândia- M.G. (1980/1995)**. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia , Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo, 1997.

GUNDERSON, J & PHILIPS, K. Transtornos da Personalidade **In:** Harold, I, Kaplan& Benjamin, J. Sadock. **Tratado de Psiquiatria**. Tradução Deyse Batista et al. 6ª edição, Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

HATHAWAY, S.R. & MICKINLEY, J.C. **Inventário Multifásico Minesota de Personalidade**.

HEISE,L. Gender- based Abuse : The Global Epidemic. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 10 (1) : 135-145, 1994.

HERMANN, Leda. **Violência doméstica. A dor que a lei esqueceu**. Comentários à Lei 9099/95. Campinas, CEL – LEX ,2000.

HINSHELWOOD,R.D. **Dicionário do pensamento Kleiniano**. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.

JOHNSON , J. The role of alcohol in mole partner`s assault on wives. **Journal of drug issues**. Vol. 30, p. 725-740, 2000.

KAPLAN,H.L. & SADOCK, B.J. **Sinopsis of Psychiatry**. Behavioral Sciences/ Clinical Psychiatry. 8th ed., Baltimore, Kathleen Courtney Millet, , 1998.

KÉROUAC,S. & TAGGART,M.E. Portrait de la santé de femmes aux prises avec la violence conjugale. **In : Recherches sur la violence fait aux femmes em milieu conjugal**. Québec: Gäetan Morin éditeur,1994.

LAMANNO – ADAMO, Vera.L.C. Família e Refúgio Psíquico. **Revista IDE – Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo**, vol.36, pg 84-92, 2002.

LANGLEY,R. & LEVY,R.C. **Mulheres espancadas: fenômeno invisível**. S.Paulo, Hucitec, 1980.

LARRAIN, S. Reprimindo a violência doméstica: duas décadas de ação. **In: Morrison e Biehl. A família ameaçada. Violência doméstica nas Américas**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.

LOURO,G.L. Nas redes do conceito de gênero. **In: Waldow ; Meyer; Lopes. Gênero e Saúde** . Porto Alegre, Artes Médicas, , 1996.

MACAULEY,M.M. Um programa de educação informal para prevenir a violência doméstica: Jamaica. **In: A família ameaçada. Violência doméstica nas Américas** . Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.

MARX,K & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo, Moraes Ltda.

MENEGHEL, S.N. et al. . Mulheres cuidando de mulheres. Um estudo sobre a casa de apoio Viva Maria, Porto Alegre- Rio Grande do Sul; **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, **16** (3) 747-757, 2000.

MELLO FILHO, J. **Concepção psicossomática: visão atual**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1994.

MINAYO,M.C.S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 7ª edição, São Paulo e R. Janeiro, Hucitec- Abrasco, 2000.

MINAYO, M.C.S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Caderno Saúde Pública**, R.Janeiro, **(10)** : 07-118, 1994.

MORAES, Régis. Quando o lar é um inferno. No prelo, (cedido pelo autor), Campinas, 1999.

MOREIRA, Isaura Trevisan. Briga de marido e mulher : chegou a hora de meter a colher. **Jornal de Psicologia CRP**- São Paulo Jan/ Fev. 2002.

MORRISON, A.R. & BIEHL, M.L **A família ameaçada**. Violência doméstica nas Américas. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.

MOTA, C.G. & NOVAIS, F. **A independência política do Brasil**. São Paulo, Moderna, 1986, p. 10.

NETO, Maria Inácia D'Avila. **O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil**. Tese de doutorado apresentada à Université de Paris, Sorbonne Unité d'Enseignement et Recherche de Sciences Humaines Cliniques, Rio de Janeiro, . Achiamé, 1980.

OLIVEIRA, M. **Homem e mulher a caminho do século XXI**. São Paulo, Ática, 1997.

OLIVEIRA, R.D. et al. **A violência doméstica**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984.

PAULA, ROBERTO F. Fatores predisponentes para violência. **Neurobiologia** , Recife, **58** (2) : 57-64 abr / jun, 1985

PITANGUY, J.A. A produção social do masculino e do feminino. **Jornal Bras. Psiquiatria** , **31** (1) : 5-6, 1982.

PORTELLA, A. P. Abordagem social sobre a violência e saúde das mulheres. **Jornal da Rede Saúde n°22**,2000

PRADO,D.& OLIVEIRA,C.F. Relacionamento entre homens e mulheres nas camadas de baixa renda : amor e violência. **Jornal Bras. de Psiquiatria**, **31** (1): 6-10,1982.

RAGO , M. Trabalho feminino e sexualidade **In**: Del Priore Mary, História das mulheres no Brasil., São Paulo, Contexto, 2000.

RAYNOR-RINFRET et al. **État de santé mentale d'un group de femmes violentées**. Violence Conjugale – Recherches sur la violence faite aux femmes en milieu conjugal. Québec, Gáetan Morin, 1994.

REMSCHMIDT, H. et al . Violência: causas e prevenção. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** **40**(5): 273-278, 1991.

ROCHA,M.M. Lidando com crimes contra mulheres : Brasil. **In : A família ameaçada. Violência doméstica nas Américas.** Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.

SADOCK, Virgínia, A. Psicoterapia de grupo com vítimas de estupro e mulheres espancadas. **In : Harold J. Kaplan & Benjamin J. Sadock. Tratado de psicoterapia de grupo.** Tradução José A. Abreu e Dayse Batista. 3ª edição, Porto Alegre, Artes Médicas, , 1996.

SADOCK, Virgínia, A. Abuso Físico e Sexual do adulto. **In:** Harold J. Kaplan & Benjamin J. Sadock. **Tratado de psicoterapia de grupo.** Tradução José A. Abreu e Dayse Batista. 3ª edição, Porto Alegre, Artes Médicas,1996.

SAFFIOTI,H. Prefácio. **In : Langley,R. & Levy, R. Mulheres espancadas, fenômeno invisível .** Hucitec , São Paulo, Hucitec,1980.

SAFFIOTI, H.I.B. & ALMEIDA,S.S. **Violência de Gênero : Poder e Impotência.** Rio de Janeiro , Revinter ,1995.

SARDENBERG, C.M.B & COSTA,A.C.A. Feminismos feministas e movimentos sociais. **In : (orgs.) Brandão & Bingemer. Mulher e relações de gênero.** Loyola, 1994 p 81-112.

SCHARABER,L.B & OLIVEIRA, A.F.P. Violência e saúde. **Jornal da Rede saúde (22),** 2000.

SCHRITZMEYER, A.L.P. Abusos imponderáveis : limites dos registros oficiais e das políticas públicas. **In : JORNADA PSICANALÍTICA –“ ABUSO “ ,** São Paulo, 2001.

SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados(1997) <http://www.seade.gov.br> (pesquisa realizada em 13/08/02).

SHIROMA, M. G. Construindo uma rede de atendimento às vítimas : Monterrey, México. **In: A família ameaçada . Violência doméstica nas Américas.** Fundação Getúlio Vargas , Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, M.V Violência contra a mulher: quem mete a colher ? Rio de Janeiro, Cortes, 1992.

- SILVEIRA, Nise. **Jung: vida e obra**. 14ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.
- SORG, B. & MONTEIRO, M.P. SOS mulher e a luta contra a violência **In: Perspectivas antropológicas da mulher** 4ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- SPI NDEL, Cheywa. Abuso e violência : fatos e processos. **In: JORNADA PSICANALÍTICA – “ ABUSO “**, São Paulo, 2001.
- SUDERMAN, M. & SCHIECK, E. Um programa antiviolença baseado na escola :Canadá. **In: A família ameaçada. Violência doméstica nas Américas**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.
- TAVARES, D.M.C. **Violência doméstica : Uma questão de saúde pública**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2000.
- TELES, M.A.A. **Breve história do feminismo**. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- TELES, M.A. A violência doméstica e a lei 9099/95. **Folha Feminista**. Boletim da SOF na luta feminista nº 26, agosto, 2001.
- VALDEZ, E. Usando linhas diretas para lidar com a violência doméstica; El Salvador . **In: A família ameaçada. Violência doméstica nas Américas**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.
- VICENTE, R.G. **Ruim com ele, pior sem ele ? Uma investigação com mulheres vítimas de violência**. Dissertação de Mestrado apresentada ao departamento de Psicologia Clínica na Universidade Católica de S. Paulo em 1999.
- VILLANUEVA, Z. Reformas legislativas e judiciárias concernentes à violência doméstica : Costa Rica. **In : A família ameaçada. Violência doméstica nas Américas**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.
- VISCOTT, D.S. **A linguagem dos sentimentos**. Tradução de Luiz Roberto S. Malta. São Paulo, Summus, 1982.



9 - ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu _____

RG ou CIC _____ SSP/_____, N° BO _____

Endereço: _____

Cidade _____, estou ciente e declaro consentir em participar da pesquisa científica intitulada “ ESTUDO PSICOSSOCIAL DE MULHERES, VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, QUE MANTÊM O VÍNCULO CONJUGAL APÓS TEREM SIDO AGREDIDAS ” de autoria da mestranda PATRÍCIA GUGLIOTTA JACOBUCCI, CIC 147.730.298-03, RG 22155778 -7 e CRP 06-53530-9 e sob orientação da profa. Dra. MARA APARECIDA ALVES CABRAL (UNICAMP), professora Livre-Docente em Psiquiatria pela Faculdade de Ciências Médicas – Unicamp , RG 5034271.

Declaro que fui totalmente esclarecida sobre os objetivos dessa pesquisa que foi elaborada a fim de pesquisar a história pregressa das mulheres que vivenciam violência doméstica e se propõem a continuar na relação com o companheiro agressor, pesquisar a qualidade da relação conjugal dessas mulheres e estudar as características de personalidade das mulheres, vítimas de violência doméstica que permanecem com seus companheiros, comparativamente com mulheres de um grupo controle que não permaneceram com seus companheiros.

Tenho consciência de que minha participação consistirá em responder três questionários de forma anônima e individual, com a garantia de receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento a qualquer dúvida acerca de assuntos relacionados com a pesquisa e o procedimento, assim como informações atualizadas obtidas durante o estudo.

Estou ciente também que eu posso parar a entrevista a qualquer momento e abandonar a participação no estudo quando quiser .

Será mantido sigilo (segredo) sobre a minha pessoa e as respostas serão analisadas estatisticamente sem a minha identificação, com posterior redação do trabalho e defesa no Mestrado em Ciências Médicas na área de concentração de Saúde Mental da UNICAMP.

Entrevistado (nome)

Entrevistador (nome)

Ass: _____

Ass: _____

Data ___ / ___ / ___

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Telefone (019) 3788-8936

- 5- Vocês brigam constantemente ?
- 6- Teve algum motivo para esta briga ?
- 7- Como a (s) briga (s) começam ?
- 8- Existem outras pessoas que interferem na relação de vocês ?
- 9- Você reagiu ?
- 10- De que maneira ?
- 11- O que a levou a não reagir ?
- 12- Como você vê essas agressões ?
- 13- Acha que esta situação pode ser mudada ?
- 14- De que maneira ?
- 15- Tem vontade de modificar ?
- 16- Fale um pouco o que você pensa sobre sofrer violência..... mudar a situação.....
- 17- Como é a relação de vocês quando não há agressão ?
- 18- Pretende dar prosseguimento ao processo ? O que a motiva a pensar desta maneira ?
- 19- Sua mãe sofria agressões de seu pai ? Conta um pouco sobre isso.....(o que ela dizia sobre as agressões..... o que você sentia quando via uma cena de violência em casa..... Eles continuaram morando juntos.....
- 20- Em algum outro momento deu queixa e não prosseguiu com o processo ? O que aconteceu ?
- 21- Você está com seu companheiro ? Saberia dizer qual(ais) motivo (s) que levou você a permanecer no relacionamento ou a separar-se dele ?

ANTECEDENTES FAMILIARES

É desconhecida a situação familiar _____

Condição de saúde dos pais :

Física _____

Psíquica (depressão, psicose....) _____

Falecimento _____

Causa (s) _____

Quantos anos tinha na época do falecimento _____

Relacionamento dos pais _____

Relacionamento com os filhos _____

Número de pessoas que moram na casa _____

Observações :- _____

OCUPAÇÕES

Idade em que começou a trabalhar _____

Em que trabalha atualmente _____

Horas diárias trabalhadas _____

Satisfação no emprego atual _____

Cite o (s) motivo (s) de satisfação e se houver de insatisfação

Por quantos empregos já passou _____

Observações

VIDA CONJUGAL

Duração do conhecimento antes do casamento (ou equivalente)

Idade ao se casar : esposo () esposa ()

Há quanto tempo estão juntos _____

Esposa trabalha fora : sim () não ()

Companheiro trabalha fora : sim () não ()

Filhos: sim () não ()

Quantos : _____

Idade dos mesmos : _____

Relacionamento com os filhos : diálogo ()

Castigo físico ()

Outros () _____

Experiências pré - matrimoniais : sim () não ()

Experiências extra - conjugais : sim () não ()

O número de filhos foi planejado : sim () não ()

Sentimentos em relação ao cônjuge _____

Sentimentos em relação às agressões sofridas, provocadas pelo cônjuge

Observações

: _____

SEXUALIDADE

Onde foram adquiridas suas primeiras informações sexuais :

Em casa ()

Na rua ()

Na escola ()

Outros () _____

Psicossexualidade : vivência da puberdade, reação à menarca, masturbação, namoros, vida sexual inicial e atual, anticoncepção, climatério :

Como vivenciou a gravidez : _____

Outros aspectos importantes : _____

HISTÓRIA DAS AGRESSÕES

Quando as agressões se iniciaram ? _____

Qual é a frequência destas ocorrências de agressão ? _____

Possui algum tipo de agravante para a agressão ?

() uso de álcool () uso de outras drogas

Qual(ais) o (s) local (ais) do corpo é mais agredido ? _____

Horário das agressões () durante a manhã

() durante a tarde

() durante a noite

() variável

Dias da semana mais frequente das agressões () finais de semana

() outros dias

Qual é a sua conduta diante das agressões ?

() passividade

() agressividade recíproca

() outros

Quando é agredida, solicita ajuda de alguém ?

() filhos

() amigos

() vizinhos

() policial

() familiares

() outros

DIÁLOGO COM A PARTICIPANTE

Deixar que a participante fale livremente sobre sua história de vida ,como Infância, adolescência e fase atual. Expectativas de vida, relação com familiares e amigos, relação no trabalho, vida conjugal (especialmente sua relação com o cônjuge), relação com os filhos, dificuldades de vida ...

INVENTÁRIO DE DEPRESSÃO DE BECK *Beck Depression Inventory-BDI*
(Beck et al., 1961) versão revisada (Beck et al., 1979)

Este questionário consiste em 21 grupos de afirmações. Depois de ler cuidadosamente cada grupo, faça um círculo em torno do número (0, 1, 2, ou 3) próximo à afirmação, em cada grupo, que descreve melhor a maneira que você tem se sentido na última semana, incluindo hoje. Se várias afirmações em um grupo parecerem se aplicar igualmente bem, faça um círculo em cada uma. Tome o cuidado de ler todas as afirmações, em cada grupo, antes de fazer a sua escolha.

1. 0 Não me sinto triste. 1 Eu me sinto triste. 2 Estou sempre triste e não consigo sair disto. 3 Estou tão triste ou infeliz que não consigo suportar.

2. 0 Não estou especialmente desanimado quanto ao futuro. 1 Eu me sinto desanimado quanto ao futuro. 2 Acho que nada tenho a esperar. 3 Acho o futuro sem esperança e tenho a impressão de que as coisas não podem melhorar.

3. 0 Não me sinto um fracasso. 1 Acho que fracassei mais do que uma pessoa comum. 2 Quando olho para trás, na minha vida, tudo o que posso ver é um monte de fracassos. 3 Acho que, como pessoa, sou um completo fracasso.

4. 0 Tenho tanto prazer em tudo como antes. 1 Não sinto mais prazer nas coisas como antes. 2 Não encontro um prazer real em mais nada. 3 Estou insatisfeito ou aborrecido com tudo.

5. 0 Não me sinto especialmente culpado. 1 Eu me sinto culpado grande parte do tempo. 2 Eu me sinto culpado na maior parte do tempo. 3 Eu me sinto sempre culpado.

6. 0 Não acho que esteja sendo punido. 1 Acho que posso ser punido. 2 Creio que serei punido. 3 Acho que estou sendo punido.

7. 0 Não me sinto decepcionado comigo mesmo. 1 Estou decepcionado comigo mesmo. 2 Estou enojado de mim. 3 Eu me odeio.

8. 0 Não me sinto, de qualquer modo, pior que os outros. 1 Sou crítico em relação a mim por minhas fraquezas ou erros. 2 Eu me culpo sempre por minhas falhas. 3 Eu me culpo por tudo de mau que acontece.

9. 0 Não tenho quaisquer idéias de me matar. 1 Tenho idéias de me matar, mas não as executaria. 2 Gostaria de me matar. 3 Eu me mataria se tivesse oportunidade.

10. 0 Não choro mais do que o habitual. 1 Choro mais agora do que costumava. 2 Agora, choro o tempo todo. 3 Costumava ser capaz de chorar, mas agora não consigo, mesmo que o queira.

11. 0 Não sou mais irritado agora do que já fui. 1 Fico aborrecido ou irritado mais facilmente do que amava. 2 Atualmente me sinto irritado o tempo todo. 3 Não me irrito mais com as coisas que costumavam me irritar.

12. 0 Não perdi o interesse pelas outras pessoas. 1 Estou menos interessado pelas outras pessoas do que costumava estar. 2 Perdi a maior parte do meu interesse pelas outras pessoas. 3 Perdi todo o meu interesse pelas outras pessoas.

13. 0 Tomo decisões tão bem quanto antes. 1 Adio as tomadas de decisões mais do que amava. 2 Tenho mais dificuldade em tomar decisões do que antes. 3 Não consigo mais tomar decisões.

14. 0 Não acho que minha aparência esteja pior do que amava ser. 1 Estou preocupado por estar parecendo velho ou sem atrativos. 2 Acho que há mudanças permanentes na minha aparência que me fazem parecer sem atrativas. 3 Acredito que pareço feio.

15. 0 Posso trabalhar tão bem quanto antes. 1 Preciso de um esforço extra para fazer alguma coisa. 2 Tenho que me esforçar muito para fazer alguma coisa. 3 Não consigo mais fazer trabalho algum.

16. 0 Consigo dormir tão bem como o habitual. 1 Não durmo tão bem quanto costumava. 2 Acordo uma a duas horas mais cedo que habitualmente e tenho dificuldade em voltar a dormir. 3 Acordo

várias horas mais cedo do que costumava e não consigo voltar a dormir.

17. 0 Não fico mais cansado do que o habitual. 1 Fico cansado com mais facilidade do que costumava. 2 Sinto-me cansado ao fazer qualquer coisa. 3 Estou cansado demais para fazer qualquer coisa.

18. 0 Meu apetite não está pior do que o habitual. 1 Meu apetite não é tão bom quanto costumava ser. 2 Meu apetite está muito pior agora. 3 Não tenho mais nenhum apetite.

19. 0 Não tenho perdido muito peso, se é que perdi algum recentemente. 1 Perdi mais de dois quilos e meio. 2 Perdi mais de cinco quilos. 3 Perdi mais de sete quilos. Estou tentando perder peso de propósito, comendo menos. Sim () Não ()

20. 0 Não estou mais preocupado com minha saúde do que o habitual. 1 Estou preocupado com problemas físicos, tais como dores, indisposição do estômago ou prisão de ventre. 2 Estou muito preocupado com problemas físicos e é difícil pensar em outra coisa. 3 Estou tão preocupado com meus problemas físicos que não consigo pensar em qualquer outra coisa.

21. 0 Não notei qualquer mudança recente no meu interesse por sexo. 1 Estou menos interessado por sexo do que costumava estar. 2 Estou muito menos interessado em sexo atualmente. 3 Perdi completamente o interesse por sexo.

INVENTÁRIO MULTIFÁSICO MINESOTA DE PERSONALIDADE

(MINNESOTA MULTIPHASIC PERSONALITY INVENTORY)

MMPI

STARKE R. HATHAWAY , Ph .D . e J CHARNLEY MCKINLEY , M.D.

Traduzido e adaptado por Pe . A . Benk Ü , S.J e Prof Roberto J.P Simões

INSTRUÇÕES

Este inventário consiste de proposições numeradas . Leia cada uma e decida se , aplicada a você é certa ou errada.

Marque suas respostas na folha de resposta que recebeu .

- Se a proposição se aplica a você , ou seja , se no seu caso ela é CERTA ou QUASE SEMPRE CERTA escureça o círculo à direita da letra C . (Veja exemplo 1) .
- Se a proposição não se aplica a você , ou seja , é ERRADA ou USUALMENTE ERRADA no seu caso , escureça o círculo à direita da letra E (Veja exemplo 2) .
- Se a proposição não se aplica a você ou se trata de algo que você desconhece , não faça marca nenhuma na folha de resposta .

| Seção da folha de resposta corretamente marcada : EXEMPLOS | | |
|---|---|---|
| C | ● | ○ |
| | 1 | 2 |
| E | ○ | ● |

Dê a SUA PRÓPRIA opinião . Não deixe respostas em branco . podendo evitá-lo .

OBSERVAÇÕES :

- Ao marcar suas respostas na folha de respostas , verifique se o número da proposição corresponde ao da folha de resposta .
- Faça as marcas bem nítidas .
- Apague completamente qualquer resposta que queira mudar e proceda , novamente , de acordo com as instruções .

Lembre-se procure dar alguma resposta para cada uma das proposições .

1. Gosto de revistas de mecânica. **C E**
2. Tenho bom apetite. **C E**
3. Acordo bem disposto e descansado, quase todas as manhãs. **C E**
4. Creio que gostaria do trabalho de bibliotecário. **C E**
5. Sou acordado facilmente por ruídos. **C E**
6. Gosto de ler artigos sobre crimes nos jornais. **C E**
7. De um modo geral, minhas mãos e meus pés estão suficientemente quentes. **C E**
8. Minha vida cotidiana é cheia de coisas que me mantêm interessado. **C E**
9. Estou tão capaz para trabalhar como sempre estive. **C E**
10. Sinto, quase sempre, um nó na garganta. **C E**
11. Deveríamos tentar compreender os próprios sonhos e guiar-nos por eles ou tomá-los como aviso. **C E**
12. Gosto de histórias policiais ou de mistério. **C E**
13. Trabalho sob grande tensão. **C E**
14. Tenho diarreia, uma ou mais vezes por mês. **C E**
15. De vez em quando, penso em coisas tão feias que nem posso falar sobre elas. **C E**
16. Estou certo que a vida é cruel comigo. **C E**
17. Meu pai foi um bom homem. **C E**
18. Raramente tenho prisão de ventre. **C E**
19. Quando entro para um novo emprego, gosto de ser informado sobre quem me poderá ser útil. **C E**
20. Minha vida sexual é satisfatória. **C E**
21. Às vezes, tenho desejado muito abandonar minha casa. **C E**
22. Às vezes, tenho acessos de riso e de choro, que não posso controlar. **C E**
23. Sou sujeito a ataques de náuseas e de vômitos. **C E**
24. Parece que ninguém me compreende. **C E**
25. Eu gostaria de ser cantor. **C E**
26. Creio que, certamente, é melhor calar-me, quando estou em apuros. **C E**
27. Às vezes, maus espíritos se apoderam de mim. **C E**
28. Quando alguém me faz um mal, sinto que devo retribuir, se puder, nem que seja por uma questão de princípios. **C E**
29. Sou incomodado por acidez estomacal, várias vezes por semana. **C E**
30. Às vezes, tenho vontade de praguejar (ou dizer palavrões). **C E**
31. Tenho pesadelos quase todas as noites. **C E**

32. Tenho dificuldades em concentrar-me num trabalho ou tarefa. **C E**
33. Tenho tido experiências muito peculiares e estranhas. **C E**
34. Tenho tosse a maior parte do tempo. **C E**
35. Se as pessoas não me quisessem prejudicar, eu teria tido muito mais sucesso. **C E**
36. Raramente me preocupo com minha saúde. **C E**
37. Nunca tive complicações por causa de minha conduta sexual. **C E**
38. Durante um período de minha juventude, pratiquei pequenos furtos. **C E**
39. Às vezes, tenho vontade de quebrar algo. **C E**
40. A maior parte do tempo, preferiria sentar-me e sonhar, do que fazer qualquer outra coisa. **C E**
41. Tenho tido períodos de dias, semanas ou meses, em que não tenho podido cuidar das coisas por falta de ânimo. **C E**
42. Minha família não gosta da profissão que escolhi (ou da que pretendo escolher). **C E**
43. Meu sono é sobressaltado e agitado. **C E**
44. A maior parte do tempo me parece doer toda a cabeça. **C E**
45. Nem sempre digo a verdade. **C E**
46. Minha capacidade de julgar está melhor do que nunca. **C E**
47. Uma vez por semana, ou com mais frequência, sinto, repentinamente, uma onda de calor pelo corpo todo, sem causa aparente. **C E**
48. Quando estou com outras pessoas, aborreço-me ouvir coisas muito estranhas. **C E**
49. Seria melhor se quase todas as leis fossem jogadas fora. **C E**
50. Minha alma, algumas vezes, deixa meu corpo. **C E**
51. Tenho tão boa saúde como a maioria dos meus amigos. **C E**
52. Prefiro passar, sem falar, por colegas ou conhecidos, que há muito tempo não vejo, a não ser que eles procurem falar comigo primeiro. **C E**
53. Um sacerdote pode curar doenças, orando e colocando as mãos na cabeça do doente. **C E**
54. A maioria das pessoas que me conhecem, gosta de mim. **C E**
55. Quase nunca, sou incomodado por dores no coração ou no peito. **C E**
56. Quando jovem, fui suspenso da escola, uma ou mais vezes, por indisciplina. **C E**
57. Sou muito sociável. **C E**
58. Tudo está acontecendo, exatamente, como está previsto na Bíblia. **C E**
59. Muitas vezes tive que receber ordens de alguém que sabia menos que eu. **C E**
60. Não leio, diariamente, todos os editoriais dos jornais. **C E**

61. Não tenho vivido de maneira correta. **C E**
62. Frequentemente, tenho a sensação de queimadura, picada, latejamento ou dormência, em algumas partes do meu corpo. **C E**
63. Não tenho tido dificuldades em começar ou parar o ato de defecação. **C E**
64. Algumas vezes, persisto numa coisa até que os outros percam a paciência comigo. **C E**
65. Eu amei meu pai. **C E**
66. Vejo pessoas, coisas, animais, ao meu redor, que os outros não vêem. **C E**
67. Eu desejaria ser tão feliz quanto os outros parecem ser. **C E**
68. Dificilmente sinto dores na nuca. **C E**
69. Sou fortemente atraído por pessoas do meu próprio sexo. **C E**
70. Eu gostava do jogo de prendas (quermesses) **C E**
71. Penso que um grande número de pessoas exagera suas desgraças a fim de ganhar a simpatia e o auxílio dos outros. **C E**
72. Sofro de um mal-estar na boca do estômago, em intervalo de poucos dias ou mais freqüentemente. **C E**
73. Sou uma pessoa importante. **C E**
74. Muitas vezes tenho desejado ser mulher (ou se você é mulher: nunca lamentei ser mulher). **C E**
75. Às vezes, fico zangado. **C E**
76. A maior parte do tempo estou melancólico. **C E**
77. Gosto de ler histórias de amor. **C E**
78. Gosto de poesia. **C E**
79. Meus sentimentos não são facilmente feridos. **C E**
80. Às vezes, maltrato os animais. **C E**
81. Creio que eu gostaria do tipo de trabalho de guarda-florestal. **C E**
82. Sou facilmente vencido em uma discussão. **C E**
83. Qualquer pessoa capacitada e disposta a trabalhar muito tem possibilidades de obter sucesso. **C E**
84. Nos dias atuais, acho difícil não perder as esperanças de chegar a algum resultado. **C E**
85. Algumas vezes, sou fortemente atraído pelos objetos de uso pessoal dos outros, como sapatos, luvas, **etc.** a ponto de querer pegá-los ou roubá-los, ainda que não precise deles. **C E**
86. Certamente, não tenho confiança em mim mesmo. **C E**
87. Gostaria de ser florista. **C E**

88. Geralmente sinto que vale a pena viver. **C E**
89. São necessários muitos argumentos, para convencer a maioria das pessoas da verdade. **C E**
90. Às vezes, deixo para amanhã o que deveria fazer hoje. **C E**
91. Não me importo que caçoem de mim. **C E**
92. Eu gostaria de ser enfermeiro. **C E**
93. Creio que a maioria das pessoas mentiria para progredir na vida. **C E**
94. Faço muitas coisas das quais mais tarde me arrependo (arrependo-me de mais coisas com mais freqüência do que outras pessoas). **C E**
95. Vou à igreja quase todas as semanas. **C E**
96. Raramente discuto com membros de minha família. **C E**
97. Às vezes, sinto forte impulso de fazer algo prejudicial ou chocante. **C E**
98. Acredito na segunda vinda de Cristo. **C E**
99. Gosto de ir a festas e outras reuniões onde haja muita animação. **C E**
100. Tenho encontrado problemas tão complexos, que me tem sido impossível chegar a uma decisão. **C E**
101. Creio que as mulheres devem ter tanta liberdade sexual quanto os homens. **C E**
102. Minhas lutas mais árduas são comigo mesmo **C E**
103. Nunca, ou quase nunca, sou incomodado por contrações musculares ou espasmos. **C E**
104. Parece que não dou muita importância ao que me acontece. **C E**
105. Às vezes, quando não estou me sentindo bem, fico ranzinza. **C E**
106. A maior parte do tempo, sinto-me como se tivesse feito algo mau ou errado. **C E**
107. Sou feliz quase sempre. **C E**
108. Minha cabeça e meu nariz parecem estar entupidos a maior parte do tempo. **C E**
109. Algumas pessoas são tão mandonas, que sinto vontade de fazer justamente o contrário do que elas pedem, mesmo quando sei que elas têm razão. **C E**
110. Alguém me deseja mal. **C E**
111. Nunca fiz algo perigoso, apenas pelo gosto do risco. **C E**
112. Frequentemente, acho necessário defender o meu ponto de vista. **C E**
113. Creio na sanção da lei. **C E**
114. Frequentemente, sinto como se tivesse uma faixa apertada em torno de minha cabeça. **C E**
115. Creio em outra vida depois desta. **C E**

116. Gosto mais de uma corrida ou de um jogo, quando aposto. **C E**
117. A maioria das pessoas é honesta, principalmente pelo receio de ser apanhada cometendo uma falta. **C E**
118. Na escola, algumas vezes, fui mandado ao diretor por indisciplina. **C E**
119. O meu modo de falar é o mesmo de sempre (nem mais rápido, nem mais lento, nem mais arrastado ou mais rouco). **C E**
120. Minhas maneiras, à mesa, não são tão boas em casa, como quando janto fora, em companhia de outros. **C E**
121. Creio que estão tramando alguma coisa contra mim. **C E**
122. Parece que sou tão capaz e esperto quanto a maioria dos que me rodeiam. **C E**
123. Creio que estou sendo seguido **C E**
124. A maioria das pessoas preferirá usar meios um tanto ilícitos para obter alguma vantagem ou lucro a ter de perdê-los. **C E**
125. Tenho muitas indisposições estomacais. **C E**
126. Gosto de arte dramática. **C E**
127. Sei quem é o responsável pela maioria das minhas dificuldades. **C E**
128. Ver sangue não me assusta nem me provoca mal-estar. **C E**
129. Muitas vezes, não consigo compreender porque tenho estado tão ranzinza e genioso. **C E**
130. Nunca vomitei, nem escarrei sangue. **C E**
131. Não me preocupo em contrair doenças. **C E**
132. Gosto de colecionar flores ou cultivar plantas caseiras. **C E**
133. Nunca me dei a práticas sexuais fora do comum. **C E**
134. Às vezes, meus pensamentos correm mais depressa do que eu possa exprimi-los com palavras. **C E**
135. Se pudesse entrar num cinema sem pagar e ter certeza de não ser visto, provavelmente o faria. **C E**
136. Comumente me pergunto que razão oculta teria uma pessoa para me fazer uma gentileza. **C E**
137. Creio que minha vida familiar é tão agradável quanto a da maioria das pessoas que conheço. **CE**
138. Críticas e repreensões me ferem terrivelmente. **C E**
139. Às vezes, sinto como se precisasse ferir a mim mesmo ou a outras pessoas. **C E**
140. Gosto de cozinhar. **C E**
141. Meu comportamento é fortemente influenciado pelos costumes daqueles que me rodeiam. **C E**

142. Certamente, às vezes, sinto que sou inútil. **C E**
143. Quando criança, pertenci a um grupo ou bando que procurava manter-se unido, a todo custo. **C E**
144. Gostaria de ser militar. **C E**
145. Às vezes, tenho vontade de "comprar briga" com alguém. **C E**
146. Tenho alma de cigano e só me sinto feliz vagando ou viajando. **C E**
147. Frequentemente tenho perdido oportunidades, por não ter sabido tomar uma decisão a tempo. **C E**
148. Impacienta-me ter alguém pedindo-me conselhos ou interrompendo-me de qualquer outra forma, quando estou trabalhando em algo importante. **C E**
149. Eu costumava escrever um diário. **C E**
150. Prefiro ganhar a perder no jogo. **C E**
151. Alguém anda tentando envenenar-me. **C E**
152. Quase todas as noites posso dormir sem ter pensamentos ou idéias que me perturbem. **C E**
153. Durante os últimos anos tenho passado bem a maior parte do tempo. **C E**
154. Nunca tive ataques ou convulsões. **C E**
155. Não estou ganhando nem perdendo peso. **C E**
156. Tenho tido períodos em que pratiquei atos, sem saber mais tarde o que andei fazendo. **C E**
157. Sinto que, frequentemente, tenho sido castigado sem razão. **C E**
158. Choro facilmente. **C E**
159. Não compreendo tão bem o que leio, como acontecia antes. **C E**
160. Nunca, na minha vida, me senti melhor do que agora. **C E**
161. Algumas vezes, a parte superior de minha cabeça fica muito sensível. **C E**
162. Fico aborrecido, quando alguém me trapaceia habilmente que chego a admitir que fui enganado. **C E**
163. Não me canso com facilidade. **C E**
164. Gosto de estudar e ler sobre assuntos de meu trabalho. **C E**
165. Gosto de conhecer pessoas importantes, por que isto me faz sentir importante. **C E**
166. Fico com medo, quando olho para baixo, de lugares altos. **C E**
167. Não ficaria nervoso se alguém de minha família se visse envolvido coma justiça. **C E**
168. Alguma coisa está errada com minha mente. **C E**
169. Não tenho medo de lidar com dinheiro. **C**

170. O que os outros pensam de mim não me preocupa. **C E**
171. Sinto-me constrangido de me exhibir numa festa, ainda que os outros estejam fazendo o mesmo. **C E**
172. Muitas vezes, tenho que lutar para não mostrar que sou encabulado. **C E**
173. Gostei da escola. **C E**
174. Nunca tive desmaios. **C E**
175. Nunca ou quase nunca tenho tonturas. **C E**
176. Não tenho muito medo de cobras. **C E**
177. Minha mãe foi uma boa mulher. **C E**
178. Minha memória parece estar boa. **C E**
179. As questões sexuais me preocupam. **C E**
180. Acho difícil puxar conversa, quando conheço novas pessoas. **C E**
181. Quando tenho tédio, gosto de provocar algo excitante. **C E**
182. Tenho medo de perder o uso da razão. **C E**
183. Sou contrário a dar esmolas aos mendigos. **C E**
184. Comumente, ouço vozes sem saber de onde vêm. **C E**
185. Aparentemente, ouço tão bem como a maioria das pessoas. **C E**
186. Com freqüência, percebo que minhas mãos tremem quando tento fazer algo. **C E**
187. Minhas mãos não se tomaram desajeitadas ou desastradas. **C E**
188. Posso ler durante muito tempo sem cansar os olhos. **C E**
189. Frequentemente sinto uma fraqueza geral. **C E**
190. Raramente tenho dores de cabeça. **C E**
191. Algumas vezes, quando embarçado, começo a suar, o que me aborrece muito. **C E**
192. Não tenho dificuldades em manter o equilíbrio, quando caminho. **C E**
193. Não tenho alergia ao pó, nem acessos de asma. **C E**
194. Tenho tido ataques, durante os quais não podia controlar meus movimentos, nem falar, mas me dava conta do que ocorria ao meu redor. **C E**
195. Não gosto de todas as pessoas que conheço. **C E**
196. Gosto de visitar lugares onde nunca estive. **C E**
197. Alguém anda tentando roubar-me. **C E**
198. Raramente sonho acordado. **C E**
199. Deve-se ensinar às crianças todos os fatos principais da vida sexual. **C E**
200. Existem pessoas que estão tentando roubar meus pensamentos e idéias. **C E**

201. Eu desejaria não ser tão tímido. **C E**
202. Creio que sou uma pessoa condenada. **C E**
203. Se fosse jornalista, gostaria muito de fazer reportagens sobre teatro. **C E**
204. Eu gostaria de ser jornalista. **C E**
205. Às vezes, metem sido impossível deixar de roubar ou furtar alguma coisa. **C E**
206. Sou muito religioso (mais do que a maioria das pessoas). **C E**
207. Gosto de qualquer tipo de jogos e divertimentos. **C E**
208. Gosto de flertar. **C E**
209. Creio que meus pecados são imperdoáveis.
210. Tudo tem o mesmo sabor. **C E**
211. Consigo dormir de dia mas não à noite. **C E**
212. As pessoas ligadas a mim me tratam mais como criança do que como adulto. **C E**
213. Andando, tenho muito cuidado para não pisar nos riscos das calçadas. **C E**
214. Nunca tive erupções da pele, que me preocupassem. **C E**
215. Tenho abusado do álcool. **C E**
216. Há pouquíssimo amor e companheirismo em minha família em comparação com os outros lares. **C E**
217. Frequentemente, surpreendo-me preocupado com algo. **C E**
218. Não me perturba, de modo especial, ver animais sofrerem. **C E**
219. Creio que gostaria do trabalho de mestre de obras. **C E**
220. Amei minha mãe. **C E**
221. Gosto de ciências. **C E**
222. Para mim, não é difícil pedir ajuda aos amigos, ainda que não lhes possa retribuir o favor. **C E**
223. Gosto muito de caçar. **C E**
224. Meus pais desaprovavam, frequentemente, as pessoas com quem eu andava. **C E**
225. Às vezes, gosto de falar um pouco da vida alheia. **C E**
226. Algumas pessoas de minha família têm hábitos e costumes que muito me aborrecem e incomodam. **C E**
227. Disseram-me que sou sonâmbulo. **C E**
228. Às vezes, sinto que posso me decidir com uma facilidade fora do comum. **C E**
229. Eu gostaria de pertencer a vários clubes ou associações. **C E**
230. Quase nunca noto o meu coração bater, e raramente tenho falta de ar. **C E**
231. Gosto de conversar sobre sexo. **C E**

232. Fui induzido a um modo de vida baseado no dever e, desde então, o tenho seguido cuidadosamente. **C E**
233. Algumas vezes tenho impedido pessoas de fazer algo, não que isto fosse importante, mas apenas por questão de princípios. **C E**
234. Fico zangado com facilidade, mas logo depois me acalmo. **C E**
235. Tenho sido bastante independente e livre das regras da família. **C E**
236. A maior parte do tempo fico "chocando" idéias. **C E**
237. Quase todos os meus parentes se dão bem comigo. **C E**
238. Tenho períodos de tanta inquietação que não posso permanecer sentado por muito tempo. **C E**
239. Tenho sofrido decepções no amor. **C E**
240. Nunca me preocupo com minha aparência. **C E**
241. Sonho, freqüentemente, com coisas que são preferíveis guardar para mim. **C E**
242. Creio que não sou mais nervoso do que a maioria das pessoas. **C E**
243. Sinto pouca ou nenhuma dor. **C E**
244. O meu modo de fazer as coisas tende a ser mal interpretado pelos outros. **C E**
245. Meus pais e minha família encontram mais defeitos em mim do que deveriam. **C E**
246. Com freqüência meu pescoço fica com manchas vermelhas. **C E**
247. Tenho razões para sentir ciúmes de um ou mais membros de minha família. **C E**
248. Às vezes, sem qualquer razão, ou mesmo quando as coisas correm mal, sinto-me excessivamente feliz, "navegando num mar de rosas". **C E**
249. Creio que existe o diabo e o inferno, após esta vida. **C E**
250. Não censuro aquele que tenta apoderar-se de tudo que possa neste mundo. **C E**
251. Tenho tido perdas de consciência nas quais minhas atividades foram interrompidas e não me dava conta do que se passava ao meu redor. **C E**
252. Ninguém se importa muito com o que acontece aos outros. **C E**
253. Posso ser amável com pessoas que fazem coisas que considero erradas. **C E**
254. Gosto de estar num grupo em que uns pregam peças aos outros. **C E**
255. Às vezes, em eleições, voto em homens que conheço muito pouco. **C E**
256. A única parte interessante dos jornais é a das histórias em quadrinhos. **C E**
257. Geralmente, espero ser bem sucedido nas coisas que faço. **C E**
258. Creio que Deus existe. **C E**
259. Tenho dificuldades em iniciar coisas. **C E**
260. Na escola, custei muito a aprender. **C E**

261. Se eu fosse artista, gostaria de desenhar flores. **C E**
262. Não me importo de não ser mais bonito. **C E**
263. Transpiro com facilidade, mesmo nos dias frios. **C E**
264. Tenho plena confiança em mim mesmo. **C E**
265. É mais seguro não confiar em ninguém. **C E**
266. Uma ou mais vezes por semana, fico muito excitado. **C E**
267. Quando estou num grupo de pessoas, tenho dificuldades em encontrar assuntos apropriados para conversar. **C E**
268. Quando me sinto abatido, algo excitante, quase sempre, me tira desse estado. **C E**
269. Consigo, facilmente, fazer que tenham medo de mim e, algumas vezes, o faço por diversão. **C E**
270. Quando saio de casa, não me preocupo se as portas e as janelas estão bem fechadas. **C E**
271. Não censuro uma pessoa que se aproveite de quem se deixe explorar. **C E**
272. Às vezes, sinto-me cheio de energias. **C E**
273. Tenho dormência em uma ou mais regiões de minha pele. **C E**
274. Minha vista é tão boa como sempre foi. **C E**
275. Alguém controla minha mente. **C E**
276. Gosto de crianças. **C E**
277. Às vezes, me divirto tanto com a esperteza de um vigarista, que chego a desejar que ele seja bem sucedido. **C E**
278. Frequentemente, tenho sentido que as pessoas estranhas estavam me olhando com ar crítico. **C E**
279. Bebo, diariamente, uma quantidade extraordinária de água. **C E**
280. A maioria das pessoas faz amigos, pensando na utilidade deles. **C E**
281. Não é com frequência que sinto meus ouvidos ressoando ou zumbindo. **C E**
282. De vez em quando, sinto ódio dos membros de minha família, dos quais normalmente gosto. **C E**
283. Se fosse jornalista, gostaria. de fazer reportagens esportivas. **C E**
284. Tenho certeza de que andam falando de mim. **C E**
285. De vez em quando, acho graça numa piada pesada. **C E**
286. Nunca me sinto tão feliz como quando estou sozinho. **C E**
287. Tenho poucos temores, em comparação com meus amigos. **C E**
288. Sofro de ataques de náuseas e vômitos. **C E**

289. Fico decepcionado com a lei, quando um criminoso é libertado, graças aos argumentos de um advogado habilidoso. **C E**
290. Trabalho sob grande tensão. **C E**
291. Uma ou mais vezes em minha vida, senti que alguém, hipnotizando-me, induzia-me a fazer coisas. **C E**
292. Sou inclinado a não falar com as pessoas, antes que elas falem comigo. **C E**
293. Alguém anda tentando influenciar minha mente. **C E**
294. Nunca tive complicações com a Lei. **C E**
295. Gostei do conto "chapeuzinho vermelho". **C E**
296. Há períodos nos, sem razão especial, me sinto muito alegre. **C E**
297. Eu desejaria não ser incomodado por pensamentos sobre sexo. **C E**
298. Se várias pessoas se encontram em apuros, o melhor a fazer é combinarem sobre uma versão do fato e manterem-se firmes nela. **C E**
299. Acho que sou mais sensível do que a maioria das pessoas. **C E**
300. Nunca em minha vida gostei de brincar com bonecas. **C E**
301. A maior parte do tempo, a vida é para mim um peso. **C E**
302. Nunca tive complicações por causa de minha conduta sexual. **C E**
303. Sou tão sensível a certos assuntos, que nem posso falar sobre eles. **C E**
304. Na escola, era muito difícil, para mim, falar perante a turma. **C E**
305. Mesmo quando estou acompanhado, sinto-me só, a maior parte do tempo. **C E**
306. Recebo toda a simpatia que mereço. **C E**
307. Recuso-me a participar de certos jogos, porque não sou bom neles. **C E**
308. Às vezes, tenho desejado muito abandonar minha casa. **C E**
309. Parece que faço amigos tão depressa quanto os outros. **C E**
310. Minha vida sexual é satisfatória. **C E**
311. Durante um período de minha juventude, pratiquei pequenos furtos. **C E**
312. Não gosto de ter gente ao meu redor. **C E**
313. Aquele que tenta os outros, deixando coisas valiosas sem proteção, é tão culpado do roubo quanto o próprio ladrão. **C E**
314. De vez em quando, penso em coisas tão feias que nem posso falar sobre elas. **C E**
315. Estou certo de que a vida é cruel comigo. **C E**
316. Creio que quase todos mentiriam para evitar dificuldades. **C E**
317. Sou mais sensível do que a maioria das pessoas. **C E**
318. Minha vida cotidiana é cheia de coisas que me mantêm interessado. **C E**

319. No íntimo, a maioria das pessoas não gosta de se incomodar para ajudar os outros. **C E**
320. Muitos dos meus sonhos são sobre assuntos sexuais. **C E**
321. Facilmente fico embaraçado. **C E**
322. Preocupo-me com dinheiro e negócios. **C E**
323. Tenho tido experiências muito peculiares e estranhas. **C E**
324. Jamais me apaixonei por alguém. **C E**
325. Algumas pessoas de minha família têm feito coisas que me amedrontam. **C E**
326. Às vezes, tenho acessos de riso e de choro, que não posso controlar. **C E**
327. Minha mãe e meu pai, freqüentemente me fizeram obedecer a eles, mesmo quando eu achava que isso não era razoável. **C E**
328. Tenho dificuldades em concentrar-me num trabalho ou tarefa. **C E**
329. Quase nunca sonho. **C E**
330. Nunca estive paralisado, nem tive qualquer tipo de fraqueza nos músculos. **C E**
331. Se as pessoas não me quisessem prejudicar, eu teria tido muito mais êxito. **C E**
332. Às vezes, minha voz desaparece ou muda, sem que eu esteja resfriado. **C E**
333. Parece que ninguém me compreende. **C E**
334. Às vezes, sinto odores peculiares. **C E**
335. Não posso concentrar-me numa só coisa. **C E**
336. Facilmente, fico impaciente com pessoas. **C E**
337. Sinto ansiedade por algo ou por alguém, quase todo o tempo. **C E**
338. Certamente, tenho tido mais preocupações do que deveria ter. **C E**
339. Na maior parte do tempo, eu desejaria estar morto. **C E**
340. Às vezes, fico tão excitado que me custa adormecer. **C E**
341. Às vezes, ouço tão bem, que isso até me incomoda. **C E**
342. Esqueço logo o que me dizem. **C E**
343. Normalmente, tenho que parar e pensar, antes de agir, mesmo em assuntos insignificantes. **C E**
344. Freqüentemente, atravesso a rua para não ter que me encontrar com alguém. **C E**
345. Freqüentemente, sinto como se as coisas não fossem reais. **C E**
346. Tenho o hábito de contar coisas que não são importantes, tais como lâmpadas, em sinais luminosos. **C E**
347. Não tenho inimigos que queiram prejudicar-me realmente. **C E**

348. Tenho tendência a ficar em guarda com pessoas que são um tanto ou quanto mais amáveis do que eu esperava. **C E**
349. Tenho pensamentos estranhos e peculiares. **C E**
350. Ouço coisas estranhas, quando estou só. **C E**
351. Fico ansioso e nervoso, quando tenho que sair de casa para fazer uma curta viagem. **C E**
352. Tenho tido medo de coisas e pessoas, apesar de saber que não me podiam fazer mal. **C E**
353. Não tenho medo de entrar sozinho em uma sala, onde outras pessoas estão reunidas e conversando. **C E**
354. Tenho medo de usar facas ou qualquer coisa afiada ou pontiaguda. **C E**
355. Algumas vezes, gosto de ferir as pessoas que amo. **C E**
356. Tenho mais dificuldades em concentrar-me do que os demais parecem ter. **C E**
357. Várias vezes tenho desistido de fazer algo por ter duvidado da minha habilidade. **C E**
358. Palavras feias, muitas vezes terrivelmente feias, vêm à minha mente e não consigo me livrar delas. **C E**
359. Algumas vezes, algum pensamento sem importância me vem à mente e me incomoda durante dias. **C E**
360. Quase todos os dias, sucede algo que me assusta. **C E**
361. Sou inclinado a tomar as coisas com decisão. **C E**
362. Sou mais sensível do que a maioria das pessoas. **C E**
363. Às vezes, tenho sentido prazer, quando alguém que eu amava me fez sofrer. **C E**
364. Dizem coisas vulgares e ofensivas a meu respeito. **C E**
365. Sinto-me mal em lugares fechados. **C E**
366. Mesmo quando estou acompanhado sinto-me só, a maior parte do tempo. **C E**